

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

UM

LUGAR

PARA

ENSINAR

**ARQUI-
TETURA**

A UNIDADE DA FAU-UFJF

JOÃO PAULO AP. BARBOSA PEREIRA
ORIENTADOR: FERNANDO T. A. LIMA
COORIENTADOR: ERNANI S. MACHADO
JULHO DE 2017



Universidade Federal de Juiz de Fora
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

João Paulo Aparecido Barbosa Pereira

UM LUGAR PARA ENSINAR ARQUITETURA
A Unidade da FAU-UFJF

Monografia apresentada à Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade
Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial
para conclusão da disciplina Trabalho de
Conclusão de Curso I

Orientador: Prof. Dr. Fernando T. de Araújo Lima
Coorientador: Prof. Dr. Ernani S. Machado

Juiz de Fora
Julho/ 2017

A Deus, aos meus pais e irmão, a Aline e todos os meus amigos.

Agradecimentos

Apesar de já ser um clichê agradecer sempre a Deus em primeiro lugar, gostaria de repetir mais uma vez aqui esse agradecimento, uma vez que mesmo antes de entrar para o curso de Arquitetura e Urbanismo, já era Ele quem me guiava em minhas escolhas. Agradeço pela presença e força durante toda essa etapa e por jamais me abandonar mesmo quando eu vacilei.

Não poderia deixar de agradecer especialmente a inúmeras pessoas que merecem ter seus nomes destacados aqui. A minha querida avó Maria do Carmo que não pôde acompanhar momento algum dessa etapa, mas que em meu coração sempre foi uma inspiração para que eu jamais desistisse desse sonho, a minha amada mãe Ivonete por batalhar para que tudo desse certo até o fim, mesmo que isso exigisse todas as suas forças, ao meu pai Paulo por tornar cada momento possível ainda que relutante, a minha tia Iná pelos conselhos sempre oportunos, a minha querida Aline e sua família por acreditarem sempre em mim e me impulsionarem a ir mais além, aos meus irmãos Guilherme, Gabriel C. e Igor por me apoiarem em todos os momentos que me cansei, aos meus amigos tão queridos Gabriel R., Mayara, R. Miller, Carol e Lucas Borges que sempre foram motivo de alegria para mim, e os quais sei que sempre poderei contar.

Ao meu orientador Prof. Dr. Fernando Lima e ao meu coorientador Prof. Dr. Ernani Machado por estarem sempre dispostos a ajudar nesse momento tão importante da minha graduação, e por me fazerem entender os porquês de cada elemento de aprendizado que foram essenciais para a conclusão desse trabalho.

Agradeço também a todos os membros da equipe Rubatino Arquitetura, que me receberam com amizade fraternal e me ensinaram tanto sobre o que é arquitetura. A começar pela arquiteta Fernanda Rubatino, que acreditou no meu potencial e estimulou meu crescimento profissional, às arquitetas Isabela Kaizer e Ana Paula Buzinari por me ensinarem a buscar às oportunidades e tirar o melhor proveito delas, e aos amigos que ganhei nessa equipe, Diego e Mariana, vulgo Chiclete. Assim como agradeço também à equipe Álvaro Giannini, que me recebeu de portas abertas no final dessa caminhada, me ensinando a praticidade da profissão, em especial à Natália Silveira, com seus conselhos e críticas que me fizeram crescer cinquenta anos em cinco meses.

E por fim, a todos que estiveram comigo nessa caminhada e que sabem que eu os amo e tenho profundo agradecimento por me ajudarem a chegar até aqui.

"Ser arquiteto, meus jovens, é um privilégio que a sociedade nos dá e que eu desempenho como se fosse um segredo, no cantinho do meu escritório, fechado com meus pensamentos e meus desenhos."

ARTIGAS, Vilanova em "Caminhos da Arquitetura".

Resumo

Esta monografia tem como foco um estudo aprofundado do histórico da Universidade Federal de Juiz de Fora e sua Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, bem como o conhecimento de faculdades de Arquitetura no Brasil e ao redor do mundo, com o objetivo de se compreender a sistemática curricular, funcional e espacial que a faculdade objeto desta pesquisa possui, e como os demais estudos de caso podem contribuir em um novo projeto. A isso, foram acrescentados estudos sobre procedimentos de Avaliação de Pós-Ocupação - passeio Walkthrough, fichas "Mais Gosto e Menos Gosto" e Entrevistas Estruturadas -, que posteriormente foram aplicados com os alunos, professores e técnicos administrativos da FAU-UFJF, buscando conhecer de forma ampla como pensam e se posicionam em relação aos espaços que utilizam da faculdade. Assim, a partir desses resultados coletados *in loco* e das pesquisas teóricas realizadas, são desenvolvidas nesta monografia premissas projetuais para uma nova sede para a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFJF.

Palavras-chave

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; Escola de Arquitetura; Avaliação de Pós-Ocupação; Universidade.

Sumário

Introdução	01
1. A História da UFJF e da FAU-UFJF	03
1.1. A UFJF e o Plano Piloto de Arthur Arcuri.....	03
1.2. A Criação do Curso de Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Engenharia.	10
1.3. Do Curso à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo	11
1.3.1. Lugares por onde passou e o Galpão da Arquitetura	16
1.3.2. O Edifício Itamar Franco.....	20
2. Faculdades de Arquitetura: Ensino e Instalações	23
2.1. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – USP.....	23
2.2. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFRJ	28
2.3. Faculdade de Arquitetura e do Ambiente Construído de DELFT	34
2.4. Escola de Arquitetura, Arte e Design - UDP	41
2.5. UNISOCIESC – Bloco H do Curso de Arquitetura e Urbanismo	48
2.6. Faculdade de Arquitectura do Porto.....	53
3. Ferramentas de Avaliação de Pós-Ocupação	59
3.1. A Avaliação de Pós-Ocupação.....	60
3.2. Passeio Walkthrough	62
3.3. Ficha “Mais Gosto e Menos Gosto”.....	65
3.4. Entrevista Estruturada	67
4. Tratamento dos Dados e das Informações	69
4.1. Passeio Walkthrough	69
4.2. Ficha “Mais Gosto e Menos Gosto”.....	89
4.3. Entrevista Estruturada	104

5. Diretrizes do Projeto para a FAU-UFJF	115
5.1. O Terreno e a sua Região	115
5.2. Premissas Projetuais	119
5.3. Programa de Necessidades	120
5.4. Considerações Finais	123
Bibliografia.....	125
Apêndices	131

Introdução

O presente trabalho trata como objeto de estudo principal a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Para isso, será retratada a construção da UFJF e os ideais que moveram Arthur Arcuri¹, assim como toda a história que envolve a criação da FAU-UFJF e as relações afetivas que envolvem as atuais instalações da faculdade entre alunos, professores e o lugar.

Todas as informações levantadas e estudadas neste trabalho têm como finalidade uma compreensão das relações físicas e subjetivas que existem nos lugares da FAU-UFJF, objetivando contribuir de forma direta para a elaboração de um projeto arquitetônico que possa compreender não só as necessidades técnicas, mas as necessidades sentimentais e afetivas da comunidade acadêmica da FAU.

Dessa forma, o trabalho foi organizado começando por um Histórico, a fim de entender quais foram os ideais da construção da UFJF, assim como os momentos pelos quais a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo passou, para que seja possível a compreensão dos pontos positivos e negativos de todo o processo que culmina na atual faculdade. Adiante, o trabalho traz projetos de algumas faculdades de Arquitetura e Urbanismo bem-sucedidos ao redor do mundo como estudos de caso, com o objetivo de nortear e pontuar boas escolhas no fazer projetual. Na sequência, os capítulos seguintes tratam sobre a Avaliação de Pós-Ocupação e sua respectiva metodologia. Nestes capítulos em especial são reveladas as principais vontades, sentimentos e necessidades do corpo docente e discente em relação aos lugares da FAU-UFJF. Tais resultados são de grande importância para a elaboração de um projeto arquitetônico que contemple não somente os aspectos técnicos, mas também aqueles que tangem à parte mais importante da faculdade: alunos e professores. Por fim, são traçadas as diretrizes e intenções

¹ Nascido em 26 de fevereiro de 1913, Arthur Arcuri era filho de Pantaleone Arcuri, dono de uma das principais indústrias de construção civil de Juiz de Fora e região (OLENDER, 2013). Arthur foi também um dos grandes expoentes da Arquitetura Moderna em Juiz de Fora, tendo feito o projeto de inúmeras residências nesse estilo a partir da década de 1950, e posteriormente o campus da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

projetuais, que caracterizam e tornam conhecido o espaço físico em que será inserido o novo projeto, além das ideias que o nortearão.

A metodologia utilizada neste trabalho partiu da pesquisa bibliográfica de livros, teses e dissertações acerca dos assuntos tratados nesta monografia, além de artigos e reportagens veiculadas via internet. Esta pesquisa foi também enriquecida com uma Avaliação de Pós-Ocupação, obtida por meio de entrevistas e formulários realizados em campo e diretamente com membros da FAU-UFJF.

1. A História da UFJF e da FAU-UFJF

Há quase 60 anos de história da Universidade Federal de Juiz de Fora, mas a ideia da criação de uma universidade para a cidade já é bem mais antiga do que a data de aniversário de criação (ALBERTO et al., 2015). São relatos históricos que começam desde o início do século XX falando sobre a proposta de uma Instituição de Ensino que pudesse englobar todas as Faculdades existentes no município de Juiz de Fora.

Quando se fala sobre a criação da UFJF, é impossível não passar por determinados pontos que são cruciais para a composição da linha temporal histórica da universidade. São pontos como: o projeto e ideais de Arthur Arcuri para o campus da UFJF e a Reforma Universitária que coincidiu com a época de impulso para a inauguração dessa instituição de ensino.

E em meio à história rica que a universidade carrega consigo, há também de se destacar no presente trabalho, a criação do Curso de Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Engenharia da UFJF, e a sua posterior (e recente) elevação à FAU – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Essas trazem ainda mais importância à Universidade e têm grande impacto no cenário de ensino de Juiz de Fora.

1.1. A UFJF e o Plano Piloto de Arthur Arcuri

Como já citado anteriormente, as ideias para a criação de uma Universidade para Juiz de Fora antecedem a sua efetiva inauguração em algumas décadas. Segundo a edição de 22 de junho de 1936 do Diário Mercantil, já havia propostas concretas para a criação de uma instituição de ensino para a cidade.

Na época a prefeitura de Juiz de Fora já estudava um local apropriado para a instalação de um campus universitário para a cidade, que naquele momento foi pensado para a região do Alto dos Passos. Essa Universidade proposta na época seria a junção das faculdades que já existiam em Juiz de Fora. Sobre essas, há de se enfatizar que já eram estabelecidas e exerciam suas funções plenamente, no entanto, cada uma

separadamente sem o contato direto entre os profissionais das diferentes áreas. Eram as seguintes faculdades existentes naquele momento na cidade: Faculdade de Medicina, Escola de Farmácia, Odontologia, Veterinária e Escola de Engenharia (ALBERTO et al.,2015).

Mas, voltando a atenção novamente à criação de uma Universidade para Juiz de Fora, a ideia acabou sendo postergada para as décadas seguintes. Durante esses anos, houve esforços para que ocorresse a criação da Universidade Federal de Juiz de Fora, porém, ainda demorou certo tempo para que isso se consolidasse. Num outro cenário, ao redor do país surgiam outras universidades enquanto Juiz de Fora aguardava. E esse tempo de espera durou mais de vinte anos até que a instituição de ensino viesse a se tornar uma realidade para a cidade.

Foi em julho de 1959 que o jornal Diário Mercantil noticiou que o presidente em exercício, Juscelino Kubitschek prometia atender às demandas de Juiz de Fora para a criação de uma universidade. E no ano seguinte, em 23 de dezembro de 1960 o presidente JK assinou a lei nº 3.858 que criava a Universidade de Juiz de Fora. Foi essa lei que colocou a cidade em um dos momentos históricos mais relevantes do país, pois a UFJF esteve junto a outros 21 grandes empreendimentos universitários federais entre 1960 e 70 (SOUZA, 2013).

Mesmo ainda sem um espaço físico que sediasse a nova universidade, a criação foi concluída no âmbito federal com sucesso, e um reitor foi escolhido, Moacir Borges de Mattos, professor da Faculdade de Direito de Juiz de Fora. Ele esteve à frente da escolha do futuro terreno para a instalação dos novos edifícios para as faculdades, que até então se encontravam espalhadas em várias partes da cidade. O terreno era uma área de 831.610m² situada no bairro Martelos. Nesse ponto, é possível concluir que as demandas para a criação de uma universidade haviam mudado desde a década de 30, já que o bairro Alto dos Passos já não comportaria esse empreendimento.

Figura 1 O terreno em Martelos da UFJF – Autoria: Roberto Dornellas, década de 1960.



Fonte: Blog Maria do Resguardo. Disponível em: < <http://www.mariadoresguardo.com.br/2013/05/o-nascimento-da-universidade-federal-de.html>>. Acesso em: 23 de maio de 2017.

Decidido o terreno onde futuramente se instalaria a nova instituição de ensino, deu-se início à deliberação de um Plano Diretor para a cidade universitária (ALBERTO et al., 2015). Para isso, o reitor em exercício criou a COPLACIU - Comissão de Planejamento e Construção da Cidade Universitária, que ficou responsável por elaborar e administrar um concurso para propostas de projeto para o campus da UFJF. Foram analisados três projetos finais. No entanto, Arthur Arcuri, que vinha estudando e acompanhando o processo de criação de outras universidades ao redor do mundo, estava na comissão e concluiu que as propostas não ofereciam uma solução efetiva para o campus. Por conta disso, o engenheiro e arquiteto foi convidado a elaborar um projeto segundo os seus ideais, que veio a ser aprovado pela comissão, posteriormente (ALBERTO et al., 2015).

Já com o projeto em andamento e a deliberação de Juscelino Kubitschek para a criação da Universidade de Juiz de Fora, demorou pouco para o início da instalação do campus, que acabou recebendo áreas extras e foi implantado oficialmente em 1970 com uma área de mais de 50.000 m² a mais que a prevista inicialmente – no terreno em Martelos doado pela Prefeitura de Juiz de Fora.

Antes de discorrer sobre o plano piloto de Arthur Arcuri, faz-se necessário recorrer à Reforma Universitária que estava em processo na década de 1960 e que seria oficialmente acertada em 1968. Devido ao fato de que o engenheiro e arquiteto estava bastante envolvido com esse processo, e conseqüentemente seu projeto foi bastante influenciado pelos princípios da reforma.

É sabido que, durante o período compreendido entre as décadas de 40 a 60, houve um grande desenvolvimento das indústrias de base. E todo esse crescimento, como se podia esperar, demandou mão-de-obra especializada. Por isso, a partir desse momento, a

educação e o ensino superior passaram a serem vistos como uma forma de “ascensão social”, o que resultou em um aumento na demanda por esse nível de educação (LOPES, 2009).

No entanto, diante do súbito aumento de candidatos às universidades, os potenciais alunos encontravam insuficiência de vagas nas faculdades, o que impedia o ingresso de muitos que seriam considerados hábeis para darem início ao curso. Tal incapacidade era devida tanto às instalações reduzidas quanto aos corpos docentes limitados. Essas circunstâncias exigiam uma reforma das universidades, a fim de aumentar o número de vagas, buscando uma estrutura universitária capaz de fazer desses espaços os preferenciais para o ensino superior, promovendo, também, abertura de novos cursos de graduação e pós-graduação, assim como aperfeiçoamento e especialização daqueles já existentes (LOPES, 2009). E é nesse contexto que surgia a Universidade Federal de Juiz de Fora, com um plano voltado para suprir essas carências.

Tendo, portanto, conhecida a Reforma Universitária que ocorreu no ano de 1968, pode-se falar de Arthur Arcuri que era um adepto convicto da reforma. Mas há de se destacar, que o presente trabalho não procura discutir as visões de Arthur Arcuri em relação à reforma, mas como seus ideais conduziram o plano piloto da UFJF que são refletidos ainda hoje.

Arcuri defendia a reforma entendendo que as faculdades existentes no início do século XX, tanto em Juiz de Fora quanto as espalhadas ao redor do Brasil, responsabilizavam-se apenas por gerar uma formação capaz de profissionalizar os estudantes de forma a prepará-los para o mercado (ARCURI, 1967). Dessa forma, a universidade em seu entendimento se tratava apenas de uma junção de inúmeros cursos com objetivos separados e que apenas se relacionavam por pertencerem à mesma dita “Universidade”. No entanto, Arcuri defendia a reforma como a potencial transformadora da universidade ao seu verdadeiro significado, isto é, um lugar integrador que fosse capaz de juntar organicamente professores, alunos, variados cursos e formações e não somente profissionalizá-los sem compromisso com a geração de um currículo que abrangesse diferentes áreas de conhecimento (ARCURI, 1967).

Estruturada como está, a Universidade perde em organicidade, em eficiência, em funcionalidade, em economia e, principalmente, fica impossibilitada de criar e manter essa união, essa unidade, tão necessária à sua integração total, o que se traduz no “espírito universitário”, sem o qual não há universidade, como o seu próprio termo sugere. (ARCURI, Arthur. *Reforma Universitária*, 1967, p.3)

Analisando-se todos os princípios pautados na Reforma de 1968 que regiam o entendimento de Arcuri sobre o que se tratava uma Universidade, é possível compreender claramente como o arquiteto foi influenciado na elaboração do projeto do campus da UFJF. De forma prática, Arthur Arcuri defendeu a aplicação da Reforma Universitária na UFJF em cinco dimensões: estrutural, didática, administrativa, geográfica e social (ARCURI, 1967). Porém, o presente trabalho irá se deter brevemente apenas na estrutural, geográfica e social, que tiveram impactos importantes no resultado projetual e físico do campus de Arcuri.

A começar pela Reforma Estrutural proposta pelo arquiteto, segundo o próprio Arcuri em “Reforma Universitária”, com o agrupamento de inúmeras faculdades em um único lugar, tornar-se-ia necessária uma reforma na organização dos órgãos das respectivas faculdades, de forma a cooperar com a ideia do campus universitário no qual todos colaborariam e se comunicariam entre si.

Tal reforma começaria através da “departamentalização” das disciplinas que se relacionavam entre si, mesmo em diferentes cursos e faculdades. E tratando isso de forma física, alunos e professores operariam dessa forma, todos nos mesmos lugares, departamentos e afins, mesmo sendo membros de faculdades diferentes, desde que possuíssem os fundamentos básicos de pesquisa relacionados. A partir dessa decisão, viriam a ser organizadas as unidades universitárias centrais, denominadas “Institutos Centrais”. Tal estruturação possibilitaria a correlação direta entre as variadas faculdades, formando a almejada Universidade em seu sentido verdadeiro. Como resultado dessa ótica da organização estrutural universitária na UFJF, Arthur Arcuri esteve à frente da propulsão para a criação do Instituto de Ciências Exatas, Ciências Biológicas e Geociências, Humanas e de Letras, que ainda hoje englobam inúmeros cursos em um único lugar.

Considerando essa reforma estrutural, viria a ser necessária conseqüentemente uma Reforma Geográfica, que se traduziria na formação do denominado “campus”, uma vez que a disposição das faculdades até aquele momento encontrava-se dispersa pela cidade. A ideia final de Arcuri era a união, distanciando-se dessa separação geográfica, que só contribuía para o distanciamento do conceito de “Universidade”. Esse campus seria capaz, portanto, de reunir os propostos Institutos Centrais, todas as faculdades e órgãos auxiliares, formando uma verdadeira comunidade para alunos e professores.

Na última dimensão proposta por Arcuri em “Reforma Universitária” (1967) a ser tratada neste trabalho, uma Reforma Social seria necessária para uma efetiva relação entre o aluno, o professor e a Universidade. Para isso, o arquiteto propunha a criação de equipamentos e unidades capazes de fornecer toda a assistência necessária para os membros dessa universidade. Assistência essa que iria desde os cuidados básicos de saúde ao cuidado cultural. A proposta de Arcuri era uma cidade universitária com um Instituto de Arte e Teatro que fornecesse não só o ensino, mas recreação, praças, jardins, centros recreativos e esportivos, clubes e grêmios, por exemplo. Mas sabe-se que boa parte disso não veio a ser concretizado (ARCURI, 1967). Por outro lado, sua ideia ainda permanece viva e pode ser devidamente trabalhada dentro do campus, apesar de os projetos realizados desde então não terem tido essa sensibilidade, como veremos adiante.

Focando a atenção no plano piloto para o campus da UFJF, a sua construção envolveu inúmeros desafios que começavam pelo tempo curto e passavam por questões como a topografia acidentada, que foram enfrentadas com no projeto de Arthur Arcuri.

O plano-piloto é constituído por oito plataformas situadas em diferentes cotas do terreno, destinadas as áreas de conhecimento específicas. (...) foram criadas as plataformas de Tecnologia, Ciências Exatas, Ciências da Saúde, Ciências Humanas, Ciências Biológicas, Estudos Sociais, Educação Física e Desportos, além da plataforma central, destinada ao centro cívico (core). (SOUZA, Márcio. *O Programa MEC/BID III e o Cedate na consolidação dos campi universitários no Brasil*, 2013, p.96)

É importante ressaltar que devido ao tempo curto que Arthur Arcuri e sua equipe enfrentaram para a elaboração do projeto, o resultado foi a elaboração de unidades-padrão para todas as diferentes faculdades, que foram dispostas nos platôs feitos no terreno. Essas unidades posteriormente foram alteradas de acordo com a necessidade da faculdade instalada (SOUZA, 2013).

Figura 2 A Construção dos prédios dos Institutos da UFJF – Autoria: Roberto Dornellas, década de 1960.



Fonte: Blog Maria do Resguardo. Disponível em: < <http://bit.ly/2qiaZGm>>. Acesso em: 23 de maio de 2017.

Ainda que não tenha havido impactos potencialmente negativos, a Universidade em seu início possuiu uma identidade arquitetônica mais genérica, caracterizada pelos ideais modernistas de Arthur Arcuri e influenciada pela ótica racionalista da Reforma – que somente ocorreria em 1968, apesar de já mostrar seus reflexos no campus da UFJF. Portanto, nesse momento não houve uma adequação específica ao programa de necessidades de cada faculdade, que, por sua vez, foram submetidas a um espaço descaracterizado (SOUZA, 2013).

Para o centro do campus, o Plano-Diretor proposto por Arcuri previa equipamentos como Biblioteca, Instituto de Artes, Teatro, Sala de Exposições, Museu, Grêmio, Clubes e Cinema. No entanto, apenas a Biblioteca Universitária veio a ser construída.

Posteriormente, no final da década de 70 e início de 1980, a UFJF foi uma das escolhidas para receber o programa MEC/BID III que trouxe novas construções para o Campus Universitário (SOUZA, 2013). Tais construções tiveram projetos assinados pelo arquiteto Cláudio Mafra Mosqueira e idealizados com mais atenção ao programa de necessidades de cada órgão ou faculdade especificamente, desenvolvidos através de reuniões com diretores e conselhos de unidade e de departamento. Para isso, foram elaborados pelos profissionais das diferentes áreas envolvidas no projeto, questionários que possibilitaram o levantamento de informações importantes como o dimensionamento, fluxos específicos, interligações e a forma como ambientes específicos se relacionariam (SOUZA, 2013). Isso conferiu aos novos projetos para o Centro Pedagógico (conjunto de prédios integrados da Faculdade de Educação e Comunicação), Centro Integrado de

Saúde (que foi a junção das Faculdades de Farmácia e Bioquímica às novas edificações para Odontologia e Enfermagem) e o Centro de Línguas – que foi integrado ao antigo ICH – um aspecto arquitetônico bastante distinto, reunindo forma e função. No entanto, deve-se restaurar que mesmo com programas de necessidades específicos, essas novas edificações também são passíveis de críticas.

Figura 3 Centro de Processamento de Dados da UFJF. Autoria: Usuário "Driano MG"



Fonte: SkysCrapecity. Disponível em: < <http://bit.ly/2rflSxD>>. Acesso em: 23 de maio de 2017.

Os novos edifícios criados com o programa MEC/BID III foram instalados nos vazios do Campus que, já no plano diretor de Arthur Arcuri, eram destinados para o crescimento. Contudo, não havia um plano diretor atualizado que pudesse limitar e nortear os novos projetos, que foram ancorados por uma carta de intenções aprovada pelo programa BID, assim como pelo plano diretor elaborado por Arcuri, à época da construção do Campus.

1.2. A Criação do Curso de Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Engenharia

Oficialmente, o curso de Arquitetura e Urbanismo foi criado em 1992. Todavia, a necessidade e interesse pelo mesmo já eram bem mais antigos, segundo a pesquisa “Memória do Curso de Arquitetura & Urbanismo da UFJF nos seus 20 Anos de Existência (1992 a 2012)”, realizada no aniversário da segunda década do curso. Desde 1985 já havia propostas documentadas com o desejo pelo curso. Por outro lado, há relatos de que já em 1954 os cidadãos juizforanos e da Zona da Mata pressionavam os meios

competentes para a formação de uma Escola de Arquitetura (LUCHINI et al., 2013), como já havia ocorrido em Belo Horizonte. Fato que antecede até mesmo a criação da UFJF.

A decisão pela expansão da Faculdade de Engenharia para um curso de Arquitetura e Urbanismo, foi também o reflexo desse interesse de Juiz de Fora e região. Fato testificado através de uma pesquisa da Comissão Permanente de Vestibular da Universidade Federal de Juiz de Fora (COPEVE) que revelou que tanto entre os professores da UFJF, como entre alunos do 2º e 3º ano que pretendiam prestar vestibular, o curso de Arquitetura e Urbanismo apareceu expressivamente nas respostas quanto ao desejo de sua criação (LUCHINI et al., 2013).

O interesse pela criação de um curso na UFJF também se manifestava entre a comunidade profissional da área na cidade de Juiz de Fora, pois em 1985, o Clube de Engenharia de Juiz de Fora, que ainda hoje reúne influentes nomes da área, solicitou através de um documento “SOLICITAÇÃO DO CLUBE DE ENGENHARIA À UFJF”, que a Universidade abrisse alguns cursos, entre eles o de Arquitetura e Urbanismo.

Foi a partir de 1985 que se deu o início da criação do curso de Arquitetura e Urbanismo. Porém, é importante ressaltar uma tentativa frustrada de processo para a formação do curso. Em 1986, foi enviado um processo para a Câmara de Ensino do CEPE/UFJF, que vetou a criação do curso devido a indefinições e contradições internas (UFJF, 2012). Em 1987, uma nova comissão foi criada com o mesmo objetivo, que apresentaria em 1990 uma proposta final para a elaboração do curso na Faculdade de Engenharia e as suas devidas necessidades físicas. Por fim, antes da criação, essa proposta ainda passou por uma terceira comissão que a atualizou para a implantação, além de ter sido avaliada por profissionais de Arquitetura envolvidos tanto com o meio acadêmico, como com o mercado (UFJF, 2012). E assim, em 1992 foi formado oficialmente. Nesse momento, foram feitas as devidas votações para coordenador, tendo sido eleito entre três candidatos, José Wagner Ambrósio. E finalmente, em julho daquele mesmo ano ocorreria o primeiro vestibular.

1.3. Do Curso à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Já criado, em 1994 ocorreram momentos importantes para a história do curso. Foi nesse ano que Oscar Niemeyer esteve na UFJF para ministrar a aula inaugural para a Arquitetura e Urbanismo, comentando sobre seus projetos e a carreira de arquiteto. Além

disso, de grande importância e mudança na história do curso, foi a greve estudantil ocorrida em 1994.

Diante de um curso ainda muito novo, os alunos enfrentavam problemas com materiais básicos para a ministração das aulas, problemas na infraestrutura física, quantidade de professores, a falta de uma biblioteca para o curso e o currículo defasado em relações as demais faculdades da época (LUCHINI et al., 2013). Com a greve o resultado foi providencial. Houve o aumento do corpo docente, mais materiais e salas cedidos pelo Colégio Técnico Universitário (CTU) da UFJF, e finalmente em 1995 a criação do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Engenharia, que dava mais autonomia ao curso ainda sob regimento dessa faculdade.

Posteriormente, em 1999, o curso de Arquitetura e Urbanismo da UFJF veio a ser reconhecido pelo MEC com ressalvas, as quais já eram demandadas pelos alunos desde a greve de 1994. O Ministério da Educação e Cultura exigia readequação da infraestrutura, incluindo os laboratórios onde ocorriam as aulas informatizadas, os laboratórios de tecnologia da construção e conforto ambiental, assim como organização de um acervo bibliográfico e aumento do pessoal técnico-administrativo, de forma a atender a Portaria nº 1770, de 21 de dezembro de 1994, do Ministério de Educação e Desporto. Dessa forma, nesse mesmo ano foi elaborado e aprovado um novo currículo, organizando as disciplinas nas áreas de fundamentação, profissionalização e trabalho final de graduação, permanecendo imutada até a reforma curricular de 2013.

Sobre as ressalvas do MEC ao reconhecer a Arquitetura e Urbanismo da UFJF, ficaram claros os desafios enfrentados pelos alunos para a formação. Apesar de o curso ter sido criado em 1992, grandes desafios foram enfrentados pelos estudantes que ingressaram nas primeiras turmas, e que geravam instabilidade quanto à permanência do mesmo, já que nem professores e nem alunos tinham certeza de onde poderiam alocar-se nos semestres seguintes e se realmente teriam condições de prosseguir (LUCHINI et al., 2013).

Para atender não somente à portaria do Ministério da Educação e Cultura, mas também a esses desafios que inviabilizavam o funcionamento do curso, em 1999 foi iniciada a reforma de um dos galpões da Faculdade de Engenharia para receber o curso de Arquitetura e Urbanismo, e em 2000 esse galpão já estava sendo ocupado, mesmo com a obra ainda em curso.

Em 2007, novas reformas foram conduzidas no Galpão, agora em posse da Arquitetura e Urbanismo, principalmente no segundo pavimento (mezanino), que era livre e sem divisões de paredes, se configurando como um grande ateliê de projeto, a fim de receber gabinetes de professores, núcleos de pesquisa, espaços discentes e laboratórios (LUCHINI et al., 2013).

Figura 4 Reformas do galpão em 2007



Fonte: UFJF. Disponível em: < <http://www.ufjf.br/secom/files/2009/10/arquitetura.jpg> >. Acesso em: 23 de maio de 2017.

Contudo, já melhor estruturado fisicamente e com um corpo docente mais extenso, em 2009 houve novamente uma manifestação dos estudantes que marcou o curso de Arquitetura e Urbanismo. Segundo a pesquisa feita no aniversário de 20 anos do curso já citada (LUCHINI et al., 2013), tal manifestação ocorreu através de uma parcela dos estudantes do curso, que para demonstrar suas indignações e demandas boicotou o ENADE de 2009, abaixando a nota de rendimento do curso consideravelmente e chamando a atenção do MEC, que em seguida visitou as instalações da Arquitetura e Urbanismo. Dessa visita resultou um relatório que exigia a criação de um Núcleo Docente Estruturante, a revisão do Projeto Pedagógico do Curso, a revisão do currículo objetivando acrescentar disciplinas optativas e eletivas, a exigência do Estágio Curricular Supervisionado (que não existia até esse momento), além das atividades complementares que também não existiam naquele currículo, o que culminaria na reforma curricular de 2013. Além disso, o MEC também levantou a carência de mobiliário e equipamentos, a necessidade de formação de uma biblioteca com número adequado

de livros e o aumento de funcionários do setor técnico e administrativo (LUCHINI et al., 2013). Demandas já anteriormente apontadas.

Em resposta ao relatório que estabelecia as novas exigências de adequação do curso, em 2010 foi recriado o Colegiado do Curso de Arquitetura e Urbanismo com o objetivo de fazer com que as exigências pudessem ser acatadas eficientemente e em tempo hábil. Esse colegiado recebeu a função então de elaborar o Projeto Pedagógico do Curso, que foi concluído em 2012, e a revisão da grade curricular (LUCHINI et al., 2013). Sobre essa revisão, é importante enfatizar que desde 1994 os estudantes já vinham demonstrando insatisfações e necessidades, que tiveram a tentativa de serem resolvidas em 1999, mas que ainda permaneciam em boa parte carente de soluções efetivas. Assim, apesar de dividir opiniões entre alunos e principalmente professores, foi somente em 2010 após o boicote do ENADE, que as discussões ocorridas desde 2000 receberam a devida atenção para a sua resolução, com a recriação do Colegiado do curso.

Após 2010, através do esforço do Colegiado restabelecido juntamente aos estudantes, com a organização da “XV MAU – Mostra de Arquitetura e Urbanismo / Do Fragmentado ao Fragmento” por parte do CACAU (Centro Acadêmico de Arquitetura e Urbanismo), na qual foi discutida principalmente a reforma curricular (LUCHINI et al., 2013), no primeiro semestre de 2013 o curso de Arquitetura e Urbanismo da UFJF recebia a primeira turma já em uma nova grade curricular, atendendo a todas às demandas para nivelar o curso ao mesmo patamar em que se encontrava o ensino nacional de arquitetura e urbanismo.

Em uma análise do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, concluído em novembro de 2012, pode-se concluir na presente pesquisa que a nova grade curricular elaborada pelo Colegiado do Curso de Arquitetura e Urbanismo trazia então inúmeros pontos não contemplados pelo currículo que a antecedia. Os principais objetivos com a mudança de grade eram não somente oferecer um conjunto de disciplinas obrigatórias, mas também matérias flexibilizadas, isto é, as quais o aluno poderia escolher ao seu gosto, mas que teriam caráter de grande importância para uma formação mais generalista (UFJF, 2012). Além disso, o PPC trazia consigo novas propostas que objetivavam também tornar o estudante mais preparado para o exercício da profissão no mercado, através da inserção do estágio supervisionado obrigatório; uma novidade em relação à grade que vigorou anteriormente, além de horas extracurriculares obrigatórias que comumente são relacionadas à pesquisa e estimulariam o potencial egresso na carreira acadêmica (UFJF, 2012). Dessa forma, a

nova estrutura curricular seguiria as diretrizes do MEC, mas também estaria de acordo com a lei que regulamentava a profissão e criou o CAU, assim como seguiria os padrões indicados pela Associação Brasileira de ensino de Arquitetura (ABEA) para qualidade do curso. Como resultado disso, o currículo do primeiro semestre de 2013 passava a ter 3990 horas/aula, enquanto o que o antecedia contemplava apenas 3615 horas/aula, como pode ser consultado nas matrizes curriculares disponíveis no próprio site da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFJF (2017).

Essa estrutura curricular se manteve inalterada por mais dois anos, quando então sofreu pequenos ajustes para a entrada da turma do primeiro semestre de 2015. Porém, há de se ressaltar que entre essas duas últimas matrizes curriculares não havia diferenças significativas. Por outro lado, juntamente à alteração que ocorreu no ano de 2015, já se iniciavam discussões sobre a possibilidade de uma reforma mais incisiva, uma vez que as demandas de horas para matérias eletivas e optativas eram elevadas. Além disso, o quadro de pessoal técnico-administrativo não se mostrava suficiente para o elevado número de disciplinas requeridas nas grades de 2013 e 2015, assim como o Departamento não estava preparado para a crescente demanda de alunos.

Este aumento no número de alunos, foi ocasionado pela entrada da UFJF no programa REUNI em 2008, que previa a criação de mais de 300 novas vagas na universidade, passando o curso de Arquitetura e Urbanismo de 50 vagas por ano para 80 vagas anuais a partir de então (UFJF, 2012). E foi dessa forma, que já em 2016, ocorreriam assembleias abertas para a discussão entre alunos, professores e coordenador de curso sobre os impactos e mudanças da nova grade curricular. E em 2017 entraria a primeira turma regularmente matriculada no novo currículo, que comparado aos de 2013 e 2015 que tinham 3990 horas/aula, possuía 3765 horas/aula contemplando todos os critérios apontados pelo MEC após o boicote do ENADE, e com uma carga horária muito mais flexível que a de seus anteriores.

Em paralelo às transições que vinham acontecendo nas grades curriculares, em 2014 ocorreria o momento mais importante desde 1992 quando o curso de Arquitetura e Urbanismo foi criado na Faculdade de Engenharia; a emancipação do curso e a transformação em Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Foi em 29 de Agosto de 2014, durante o período de reitoria do Prof. Dr. Henrique Duque de Miranda Chaves Filho, que o Conselho Superior da UFJF viria a aprovar através da resolução n.º 13/2014 a criação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora,

sendo o Departamento de Arquitetura e Urbanismo completamente desligado da Faculdade de Engenharia da UFJF, como o era até aquele momento. Assim, seria posteriormente decidido em assembleia que o prof. José Gustavo Francis Abdalla seria o primeiro diretor e a profa. Luciane Tasca a primeira vice-diretora da faculdade recém-criada. Foram também criados dois departamentos: o Departamento de Projeto, Representação e Tecnologia – DPRT, cujo primeiro chefe foi o prof. Fernando Lima, e o Departamento de Projeto, História e Teoria – DPHT, cuja primeira chefe foi a profa. Mônica Olender.

[...] No dia 15 de outubro, em Assembleia realizada no auditório da Faculdade de Engenharia, contando com a presença massiva de alunos e professores, foram definidos os nomes dos docentes que viriam a ocupar os cargos de diretor e vice-diretor da nova Unidade Acadêmica, e, posteriormente, seus chefes e subchefes de departamento. Em 29 de novembro, uma nova imersão foi realizada, agora com o objetivo, dentre outros, de estabelecer a missão da FAU, que é a seguinte: “Proporcionar formação e capacitação crítica e propositiva em arquitetura e urbanismo na sociedade”. (EDITAL Nº 01/2015, FAU. *Concurso para criação de logomarca e/ou logotipo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo*, 2015, p.6-7)

1.3.1. Lugares que abrigaram o curso e o Galpão da Arquitetura

Tendo a sua história muito relacionada ao Galpão da arquitetura e urbanismo², que ainda hoje abriga as atividades da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFJF, o curso que antecedeu a FAU não se instalou nesse espaço desde o princípio, como pode-se imaginar primordialmente. Segundo depoimentos (LUCHINI et al., 2013), nos primeiros anos, o curso tinha uma grande instabilidade quanto ao local onde ocorriam as aulas. O curso que viria a dar origem a um departamento na Faculdade de Engenharia posteriormente, inicialmente não se localizou nessa área, mas foi recebido no Instituto de Ciências Exatas, onde se situava o Departamento de Desenho. Era nesse local que ocorriam as aulas de Desenho Arquitetônico e Geometria Descritiva, por exemplo. E parte disso ocorria pelo fato de que o primeiro coordenador do curso, José Wagner Ambrósio, era professor nessas instalações.

No entanto, diferente do que se observa hoje nas instalações da Faculdade de Arquitetura, como será abordado adiante, nessa época não havia um lugar centralizador que pudesse oferecer o sentimento de acolhimento e pertencimento. A distribuição

² Na sequência do texto, serão dadas mais informações sobre o galpão que viria a abrigar o curso de Arquitetura e Urbanismo da UFJF, assim como o valor afetivo que este tem para com os membros da FAU-UFJF.

espacial ocorria de acordo com a matéria a ser cursada e o devido instituto que a ofereceria. Dessa forma, não havia um único lugar onde ocorriam as aulas, e até mesmo os edifícios que periodicamente recebiam os alunos da Arquitetura e Urbanismo variavam a cada semestre.

Sendo o currículo arquitetônico e urbanístico bastante amplo e abrangente em diversas áreas, os alunos ficavam sujeitos à movimentação dentro do campus de acordo com a necessidade (LUCHINI et al., 2013). Matérias existentes na grade daquela época como cálculo, geometria analítica e física eram ofertadas pelo Instituto de Ciências Exatas (ICE), enquanto disciplinas como Patrimônio Cultural e Evolução da Arquitetura, existente naquele momento, eram oferecidas nos espaços do curso de História. Matérias por sua vez relacionadas a tecnologias construtivas e à Engenharia Civil passaram a ser ofertadas na Faculdade de Engenharia. Portanto, fica clara a falta de um local que designasse o departamento de Arquitetura e Urbanismo.

Essa situação acabou durando oito anos, a contar a partir da criação do curso em 1992. Foi somente em 2000 (LUCHINI et al., 2013), que o departamento de Arquitetura e Urbanismo recebeu um local que fixaria boa parte das atividades do curso, de forma a sediá-lo eficientemente ali. O local se tratava de um dos galpões da Faculdade de Engenharia, no qual anteriormente funcionava o Colégio Técnico Universitário que havia sido transferido para um campus independente.

Devido às diferenças entre as atividades exercidas dentro do edifício e a forma de ocupação, o galpão recebido não estava adequado ao uso da Arquitetura e Urbanismo. Por isso, o departamento de Arquitetura, com a arquiteta e professora Raquel Vieira Dias Braga à frente, produziu um projeto de reforma para a edificação, a fim de torná-la mais apropriada ao novo programa de necessidades (FELICIO, 2008). Assim, todo o processo de reforma iniciou-se em 1999, e já em 2000, devido à urgência de instalação a mudança começou a ocorrer com as obras ainda parcialmente concluídas.

O projeto elaborado por Raquel Braga vinha, portanto, como uma resposta às necessidades identificadas anteriormente de um local centralizador, que pudesse dar tanto a estudantes como professores, um sentimento de “lugar”, isto é, um espaço que pudesse oferecer o sentimento de pertencimento, reconhecimento e familiaridade. E isso tudo se traduzia em um programa de necessidades que contemplava áreas de convivência para alunos, área administrativa e laboratórios. No entanto, nem todas as instalações foram englobadas no galpão, como ainda ocorre hoje, ficando os ateliês de

projeto locados no bloco A da Faculdade de Engenharia, que já era utilizado pela Arquitetura e Urbanismo anteriormente (FELICIO, 2008). E é nesse bloco que se localiza a icônica “Sala do Astronauta”, como foi nomeada pelos próprios alunos. Isso se deu, devido à pintura realizada nos fundos da sala que acabou por se tornar um referencial de pertencimento àquela área caracteristicamente pertencente à Engenharia.

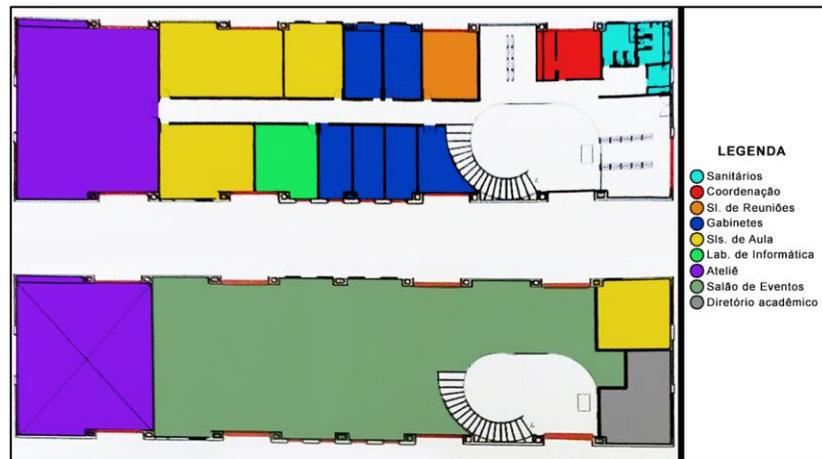
Figura 5 A Sala do Astronauta. Autoria: Desconhecido.



Fonte: Facebook “Arquitetura FAU”. Disponível em: < <http://bit.ly/2q9CvdZ>>. Acesso em: 23 de maio de 2017.

Nesse primeiro projeto realizado em 2000, optou-se pela confecção de uma laje através do método construtivo Steel Deck (FELICIO, 2008), que proporcionaria mais liberdade para mudanças espaciais de acordo com futuras necessidades, como realmente veio a ocorrer depois. Assim, no primeiro pavimento ficaram concentrados sanitários, coordenação, sala de reuniões, gabinetes, laboratório de informática e um grande ateliê de projeto com pé direito duplo ao fundo do galpão, enquanto o segundo pavimento, isto é, o mezanino, se tornou um grande salão de eventos e recebeu também mais uma sala de aula e o diretório acadêmico. Uma infraestrutura confortável e geradora de relações sociais.

Figura 6 Planta Baixa do galpão no projeto de 2000



Fonte: (MENDES, 2007) – adaptado pelo autor.

Segundo consta no site da FAU-UFJF (2017) em relação à sua infraestrutura, com a expansão constante do curso e entrada de novos alunos, houve novamente a necessidade de readequação do galpão de acordo Resolução do MEC, nº 6 de 2 de fevereiro de 2006. Para isso, foram realizadas entrevistas e aplicação de questionários tanto com o corpo docente quanto discente, com o objetivo de formar um programa de necessidades eficaz e revelador quanto aos problemas existentes no projeto de 2000. Assim, em 2007 foram iniciadas as reformas do galpão, dessa vez com o projeto realizado por uma comissão composta por membros do próprio corpo docente do curso.

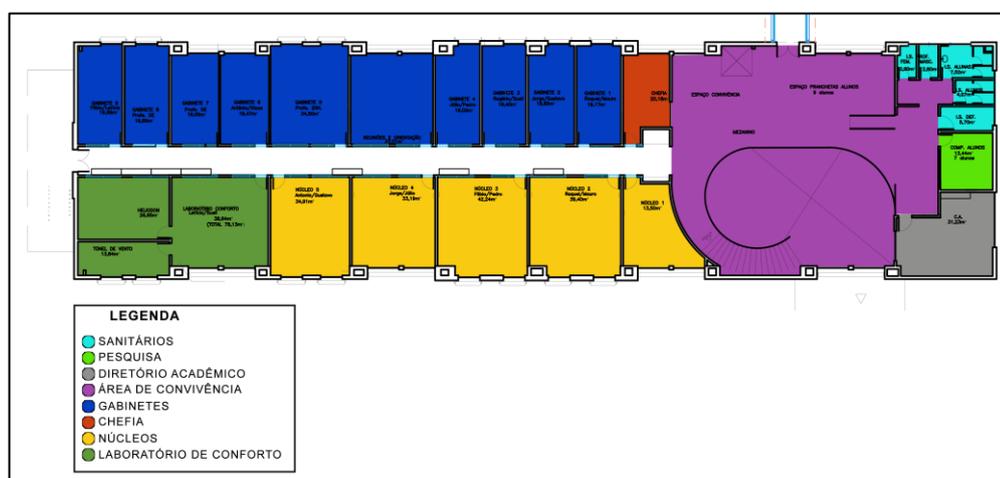
De acordo com as informações do site da FAU-UFJF (2017), pode-se entender que o partido do projeto de 2007 eram ateliês de projeto que não encontrariam espaço suficiente no bloco A da Faculdade de Engenharia, e que necessitariam de um novo local. Como objetivos de grande importância também, buscou-se oferecer mais gabinetes aos professores, que haviam aumentado desde 2000, salas para núcleos de pesquisa, laboratórios, espaços administrativos e salas de apoio para alunos e professores. Assim sendo, o segundo pavimento até então sem divisões, foi todo compartimentado de acordo com as necessidades, o ateliê de projeto com pé direito duplo do primeiro pavimento passou a ter o mesmo pé direito das demais salas e somente a área imediatamente após a escada e a área de convivência permaneceram inalteradas.

Como resultado dessa reforma, o galpão passou a contar com 10 gabinetes de professores, 5 salas de núcleos de pesquisa, Sala de reunião, Laboratório de informática, Laboratório de conforto ambiental, Sala de aula de desenho, Sala de aula de maquete, 2

ateliês de projeto, 2 Salas de aula teórica, Sala da Coordenação do Curso, Sala da Chefia do Departamento, Sala do Centro Acadêmico, Infocentro, Sala do Escritório Técnico, 2 Espaços de convivência do curso, Banheiros e Vestiários para funcionários.

Entretanto, não sendo pretendida a discussão da qualidade projetual da reforma ocorrida em 2007, fica clara a limitação espacial enfrentada no galpão da Arquitetura frente às novas necessidades. E tal fato fica evidente ao se observar que em detrimento da instalação de todos os ambientes necessários ao funcionamento técnico e administrativo da faculdade, espaços de grande importância como o salão de eventos e a biblioteca deixaram de existir.

Figura 7 Planta Baixa do galpão após a reforma de 2007



Fonte: (Acervo FAU-UFJF, 2017) – adaptado pelo autor.

1.3.2. Ed. Itamar Franco

Antes de se discorrer sobre o Edifício Itamar Franco propriamente dito, se faz necessário citar brevemente o contexto em que esta obra se inseriu. Desta maneira, em 2007, após inúmeras discussões entre a comunidade acadêmica da UFJF, a Universidade optou por aderir ao programa REUNI (UFJF, 2007 apud DELGADO, 2014, p. 28).

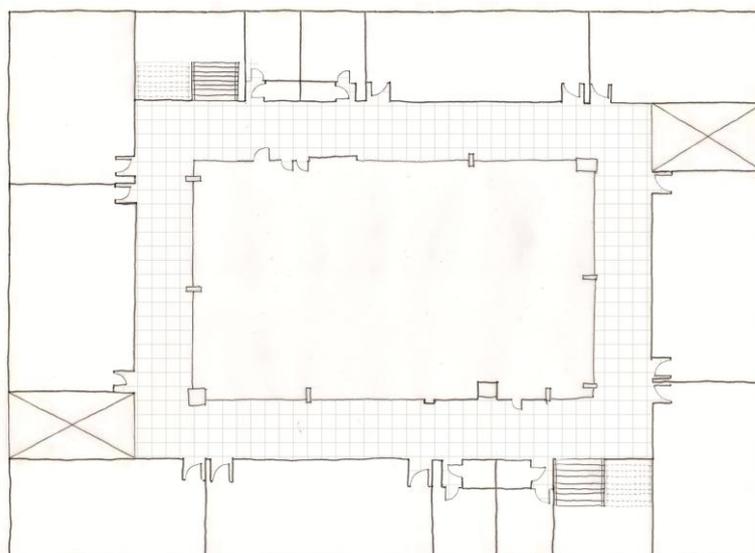
Como forma de entrada no programa, as universidades participantes deveriam oferecer em contrapartida um Plano de Ação com um conjunto de metas a serem cumpridas em troca dos recursos financeiros oferecido pelo Governo Federal. No caso específico da UFJF, o plano previa o aumento de 7.923 matrículas nos cursos de graduação ao longo de cinco anos (DELGADO, 2014). Algo que atingiu diretamente a Faculdade de Engenharia e o até então Departamento de Arquitetura e Urbanismo, que como já dito anteriormente, passou a oferecer 30 vagas a mais todo ano.

Em contrapartida, e completamente necessária diante do aumento acelerado de estudantes na Universidade, a Faculdade de Engenharia foi contemplada com a construção de um novo edifício, o Itamar Franco, que receberia salas e anfiteatros para os cursos de Engenharia Elétrica, de Produção e Arquitetura e Urbanismo. Assim, ocorria nesse momento a saída do Bloco A, e conseqüentemente a perda da “Sala do Astronauta”, que passaria a ter seus seis ateliês situados no terceiro pavimento do novo edifício.

Para esse projeto foi escolhido então o arquiteto Cláudio Mafra, que já havia se envolvido com os projetos da UFJF, como citado anteriormente, durante o programa MEC/BID III. O arquiteto ficou responsável por elaborar duas propostas de ante-projeto de acordo com o programa de necessidades levantado em reunião com o pró-reitor de Infraestrutura da UFJF, Márcio Resende.

O projeto contemplou dessa forma 26 salas de aulas com áreas de 100 as 120m² cada, além de anfiteatros, infocentro, auditórios e outros ambientes necessários ao funcionamento da Faculdade de Engenharia divididos em três pavimentos, e teve como local escolhido para a construção, o bosque situado entre o Instituto de Artes e Design e a Faculdade de Engenharia. O arquiteto priorizou no partido a instalação de janelas no maior lado das salas, priorizando a iluminação natural e ventilação.

Figura 8 Planta Baixa esquemática do terceiro pavimento do Ed. Engenheiro Itamar Franco



Fonte: Do autor.

Contudo, apesar de representar um ganho para o curso de Arquitetura e Urbanismo a disponibilidade de salas maiores e um novo local mais centralizado, o edifício Itamar Franco acabou por não receber uma boa aceitação, principalmente por parte dos estudantes de Arquitetura e Urbanismo.

Fatores como a instalação de um grande estacionamento para esse novo edifício, em detrimento da não preservação da biodiversidade e do ecossistema do bosque existente no local anteriormente, a falta de soluções para ventos e ruídos externos (DUTRA, 2013), além da falta de espaços de convivência e identidade para o local fizeram com que o projeto fosse bastante criticado quanto à sua qualidade.

2. Faculdades de Arquitetura: Ensino e Instalações

Entendendo como processo fundamental no ato projetual o estudo de referências, a seguir são estudadas seis escolas de Arquitetura ao redor do mundo, com o intuito de compreender a dinâmica entre a história, o ensino e as instalações.

A metodologia utilizada em todos os seis casos parte do estudo historiográfico de todas as faculdades, buscando entender como as mesmas se consolidaram até chegarem em sua posição atual, sempre que possível buscando referências em suas estruturas de ensino. E após esse estudo, é feita uma análise das instalações de cada uma das escolas, sendo essas instalações feitas exclusivamente para essa finalidade ou reformadas, a fim de se compreender como os arquitetos pensaram a resposta projetual a todo esse contexto histórico e ao programa de necessidades.

Assim sendo, serão estudadas a seguir a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, a Faculdade de Arquitetura e do Ambiente Construído de DELFT, a Faculdade de Arquitetura, Arte e Design da UDP, o bloco H da UNISOCIESC de Joinville para o curso de Arquitetura e Urbanismo e a Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

2.1. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – USP

Figura 9- Fotografia da FAU-USP pouco tempos após a conclusão das obras. Autoria: Desconhecida.



Fonte: (Acervo online da FAU-USP, 2017).

Considerado por muitos como uma das obras mais marcantes da arquitetura paulista e um grande exemplar da Arquitetura Moderna no Brasil, o edifício da FAUUSP projetado por João Batista Vilanova Artigas é também precursor do Brutalismo no cenário nacional (SIMÕES, 1984). Marcado pelo uso do concreto sem restrição, novas tecnologias construtivas e uma nova concepção da criação de espaços interiores, o edifício recebeu grande destaque não somente no Brasil, como também no exterior devido à sua qualidade entre edificações educacionais de nível superior e no que tange o presente trabalho, edifícios para receberem Escolas de Arquitetura (SIMÕES, 1984).

Entretanto, antes de falar sobre a edificação propriamente dita faz-se necessário voltar a atenção para a FAU-USP. O curso de Arquitetura da USP foi fundado em 1948 tendo fortes influências da grade curricular da Escola Politécnica de São Paulo, que tinha o curso de Arquitetura e Urbanismo mais importante da cidade até aquele momento (GIANNECCHINI, 2009). No entanto, como um processo bastante natural a um curso novo, com alguns anos de existência a grade curricular passou a mostrar-se fragilizada frente à prática projetual e da profissão de arquiteto, de acordo com Ana Clara Giannecchini (2009).

Diante das dificuldades enfrentadas com a grade curricular de 1948, a FAU-USP criou em 1957 uma comissão de professores, incluindo João Batista Vilanova Artigas que já era professor desde a inauguração do curso, com o intuito de realizar uma reforma do ensino buscando o aperfeiçoamento (GIANNECCHINI, 2009). E foram esses acontecimentos que fomentaram discussões que viriam a ser a base para a elaboração de um projeto arquitetônico para a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP.

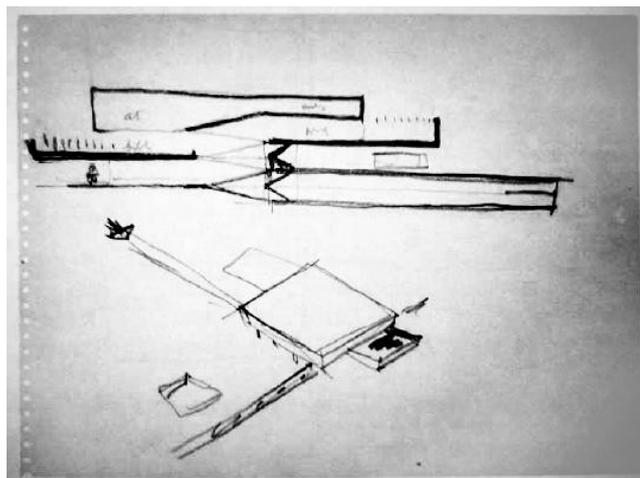
Somado a esse momento que o curso passava, Vilanova Artigas em sua carreira profissional vinha realizando pesquisas com o uso do concreto, novos materiais e novidades em relação à estética dos projetos. Segundo Giannecchini (2009), Artigas passa a valorizar a estrutura como um elemento de grande importância na arquitetura; algo que deveria ser exposto. Ideias que estavam bastante enraizadas no Modernismo.

Com toda a discussão acerca da reforma curricular e as pesquisas pessoais de Vilanova Artigas, no fim da década de 50 o arquiteto é chamado para projetar um novo edifício no campus da USP no Bairro Butantã. Assim, em 1961 o projeto para a FAU-USP estava concluído, apesar de que sua construção seria mais tardia, entre 1967 e 1969, devido a

questões técnico-operacionais e financeiras da Universidade e do Governo do Estado de São Paulo (GIANNECCHINI, 2009).

Sobre o projeto, nos primeiros croquis feitos por Artigas já podiam ser observadas ideias que se manteriam no projeto final, como os andares e meio-andares que têm o seu acesso através de rampas e a ideia de um volume principal (GIANNECCHINI, 2009). Por outro lado, apesar de presente desde o início, essa concepção de projeto no caráter mais construtivo viria a ser amadurecida e transformada na ideia de um prisma retangular que agruparia todos os espaços, se elevando do solo com pilares piramidais. Ou seja, o partido do projeto tinha uma essência fortemente voltada para a estrutura da edificação. Além disso, Artigas buscava um projeto que pudesse revelar toda a infraestrutura da faculdade já na entrada e a criação de visadas observáveis nas circulações de todo o edifício, gerando por isso um saguão central que o arquiteto já pensava desde seus croquis iniciais (GIANNECCHINI, 2009).

Figura 10 Croquis esquemáticos das primeiras ideias de Artigas. Autoria: Vilanova Artigas



Fonte: (GIANNECCHINI, 2009) – Adaptado pelo autor.

Ainda em relação à concepção e partido projetual de Vilanova Artigas para o edifício, é interessante enfatizar a sua busca por criar um prédio que não buscasse o mimetismo (PERRONE, 2016) – uma característica bastante modernista -, isto é, a tentativa de figurar espaços naturais na nova edificação. Isso se devia ao fato de que na antiga sede da FAUUSP, a Vila Penteado que hoje é uma das maiores mansões do Brasil no estilo Art Nouveau, havia um lugar denominado pelos próprios estudantes como “laguinho”, que se tratava de uma fonte com representações de espécies da natureza. Assim, o arquiteto já nos croquis apesar de não negar a tradição de trazer a fonte para o projeto, a recriava

com uma forma elíptica semelhante a uma “poça d’água” diante da entrada principal da faculdade.

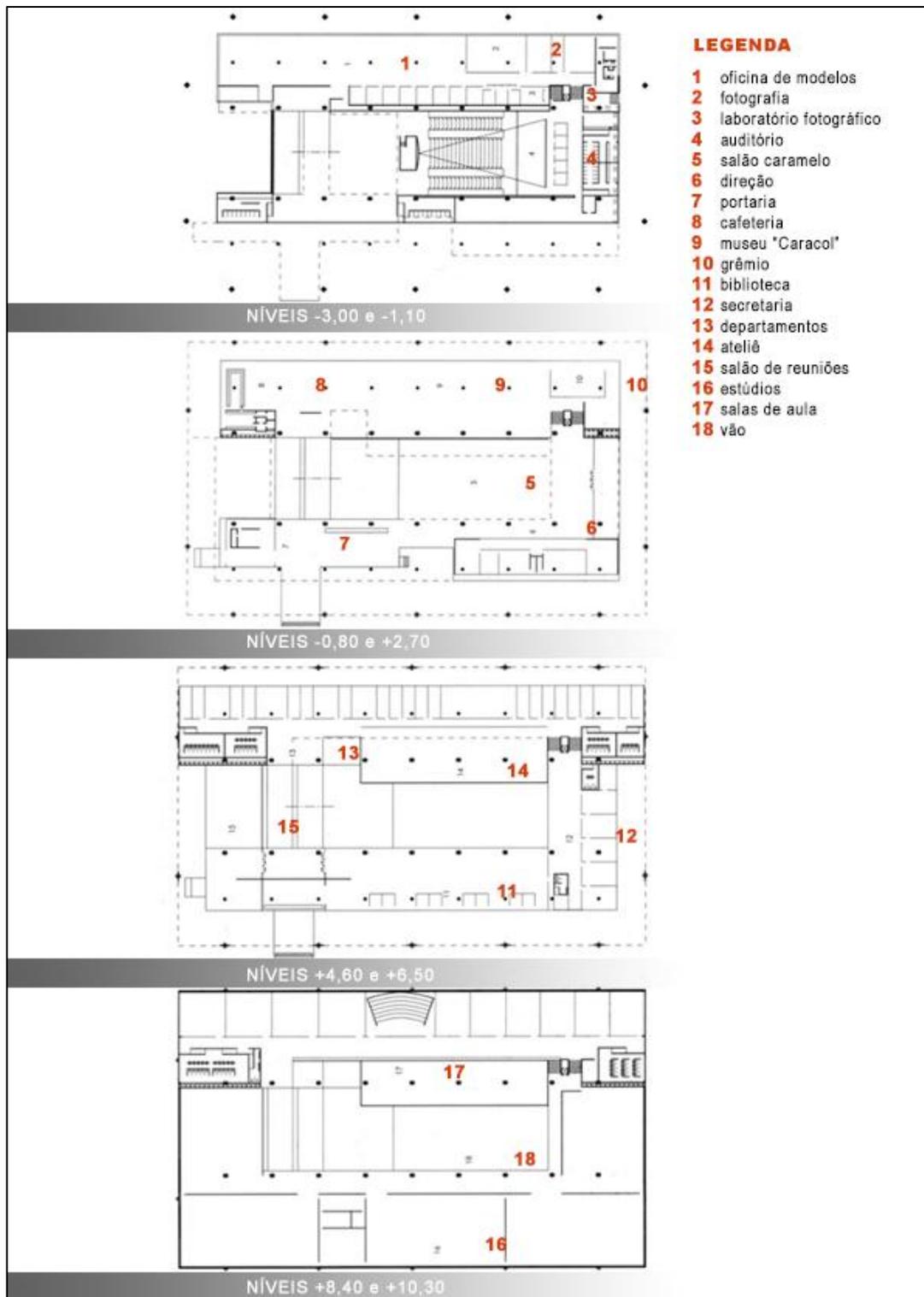
Com uma área construída de 18.600 m², o projeto foi organizado em um bloco retangular de 110m por 66m em 8 pavimentos com setores que podem ser descritos de maneira superficial como sala de aulas teóricas, estúdios, departamentos, biblioteca, administrativo, diretoria, oficinas e auditório. Esses setores se encontram distribuídos em volumes assimétricos que dão uma complexidade interna bastante interessante ao bloco simples de concreto armado. E são esses volumes internos que geram uma dinâmica espacial de cheios e vazios capaz de conferir um equilíbrio ao edifício (GIANNECCHINI, 2009). São nesses espaços gerados que acontecem as atividades de cunho social da faculdade, como reuniões, festas, apresentações, exposições e assembleias, a exemplo o Salão Caramelo que tem uma grande apropriação por todos que frequentam a faculdade.

Tendo conhecido os setores do projeto de Artigas para a FAUUSP, é possível entender o funcionamento e disposição dos ambientes e conseqüentemente a resposta ao programa de necessidades ao longo dos oito pavimentos da edificação. Sendo assim, levando em consideração as plantas baixas propostas pelo arquiteto em 1961 e as alterações subseqüentes de acordo com a pós-ocupação, no subsolo se encontram um grande auditório, copa, vestiários para os funcionários, depósito, uma residência para o zelador, almoxarifado e uma cabine primária de energia, ou seja, todas as áreas complementares para atendimento a funcionários não ligados ao setor educacional e questões técnicas.

Já no primeiro pavimento – o térreo – onde se encontra o acesso principal, ficam hoje após as alterações, os novos laboratórios do Departamento de Projeto, História e Tecnologia, o CeSAD – um espaço com um acervo de mapas, Imagens de Satélite, Fotos aéreas, leis e documentos, dados estatísticos e notícias de jornal sobre diversas unidades geográficas, à disposição de alunos e professores em suas pesquisas (CeSAD, 2017) – um laboratório de vídeo e áreas de apoio. No terceiro e no quarto pavimento distribuem-se atualmente a diretoria, setor administrativo, o conhecido salão “Caramelo”, um salão para exposição dos trabalhos finais de graduação, cantina, espaço de convivência, diretório acadêmico, livraria e Xerox. Nos quinto e sexto pavimentos ficam concentrados a biblioteca, os Departamentos de História da Arquitetura e Estética do Projeto, Projeto e Tecnologia da Arquitetura, assim como grandes ateliês de projeto, salas de aula e o

laboratório de computação gráfica. Por fim, nos últimos pavimentos ficam cinco grandes estúdios, salas de aulas teóricas, um anfiteatro e a bedelaria³.

Figura 11 Plantas Baixas da FAUUSP



Fonte: ARCHDAILY. Disponível em <<http://bit.ly/1i3K07o>>. Acesso em 31 mai. 2017– Adaptado pelo autor.

³ Sala ou local do bedel, atual "inspetor de alunos". Local onde ficam os inspetores durante o período de aulas

2.2. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFRJ

Figura 12- Fotografia da fachada frontal da FAU-UFRJ. Autoria: Leonardo Finotti



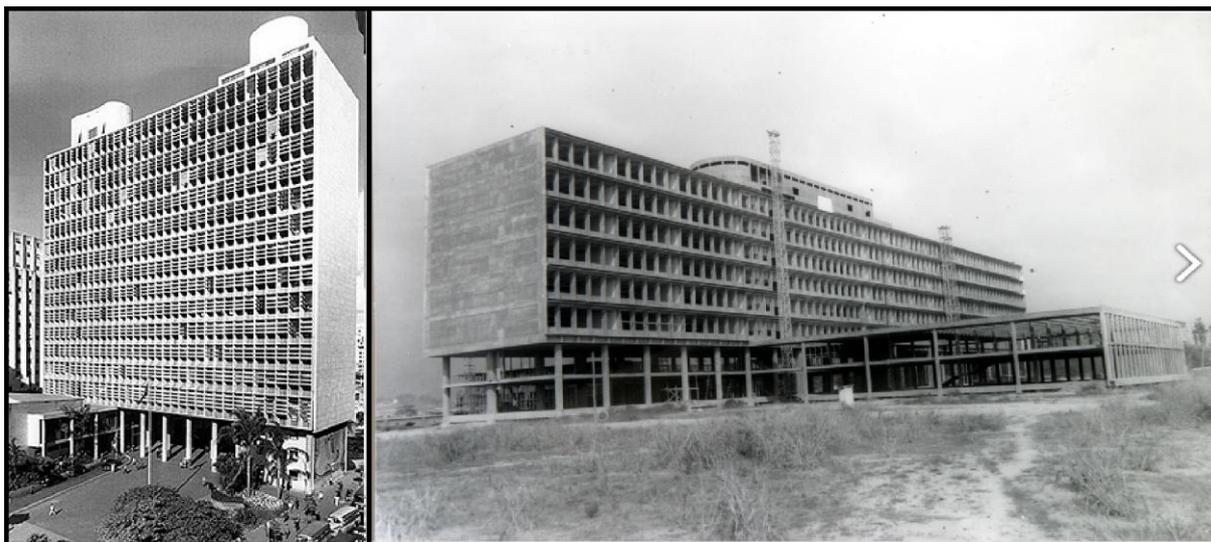
Fonte: ARQGUIA Rio. Disponível em: < <http://arqguia.com/obra/edificio-reitoria-ufrj/?lang=ptbr>>. Acesso em: 31 de maio de 2017.

Dotada de um grande valor simbólico, a nova sede inaugurada em 1961 para a então Faculdade Nacional de Arquitetura no Rio de Janeiro - projetada por Jorge Machado Moreira – recebe ainda hoje grande destaque devido à sua qualidade (OLIVEIRA; BUTIKOFER, 2005). Esse projeto engloba boas soluções tanto na técnica, quanto em sua arquitetura e paisagismo.

Marcado por ser completamente modernista, sua infraestrutura foi pensada para receber cerca de mil alunos, ou seja, uma das maiores escolas de arquitetura do país até aquele momento. E não sem motivos, o projeto de Jorge Moreira ganhou tanta relevância que veio a receber o prêmio na categoria de edifícios públicos na Exposição Internacional de Arquitetura da IV Bienal Internacional de São Paulo (OLIVEIRA; BUTIKOFER, 2005).

E se o projeto tem inegáveis características modernistas, é necessário recorrer às raízes projetuais do arquiteto que o projetou para compreender como o partido e a concepção se deram. Isso devido ao fato de que apesar de ainda com poucos anos de formação, Jorge Moreira havia acompanhado bem de perto o desenvolvimento da ideia de Lúcio Costa e Le Corbusier para o Ministério da Educação e Saúde (MES), o que claramente o influenciou no projeto da Faculdade Nacional de Arquitetura (CAVALVANTE, 2015).

Figura 13- À direita fotografia do ed. do Ministério da Educação e à esquerda fotografia do ed. da FAU-UFRJ.
Autoria: Em sequência Marcel Gautherot e Núcleo de Pesquisa e Documentação – UFRJ



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: < <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3762/ministerio-da-educacao-e-saude-mes>>. ARQGUA Rio. Disponível em: < <http://arqguia.com/obra/edificio-reitoria-ufrj/?lang=ptbr>>
Acesso em: 31 de maio de 2017 – adaptado pelo autor.

Tendo se formado em 1932, Jorge Moreira teve contato direto com os princípios da reforma de Lúcio Costa na Escola de Belas Artes, trazendo os ideais racionalistas do Modernismo, conforme traz Patrícia Cavalcante em “A Cidade Universitária da Universidade Federal do Rio de Janeiro”. E foi essa reforma que resultou em 1945, na ruptura do curso de Arquitetura da Escola de Belas Artes e estimulou a criação da FNA, que o arquiteto viria a projetar. Dessa forma, Jorge Moreira se torna um grande adepto do racionalismo, e acaba sendo fortemente influenciado por Le Corbusier, a Bauhaus e Warchavichik. Por essa razão, em 1936, apenas quatro anos após sua graduação, o arquiteto foi convidado por Lúcio Costa a participar de sua equipe no projeto para o Ministério da Educação e Saúde. E foi através dessa experiência com Lúcio Costa e Le Corbusier que também participou desse projeto, que Jorge Moreira se inseriu totalmente no Modernismo, alcançando seu ponto máximo no edifício da Faculdade Nacional de Arquitetura (CAVALVANTE, 2015).

Analisando o projeto da atual FAU da UFRJ, é fácil perceber a influência que Jorge Moreira recebeu da ideia de Le Corbusier para o Ministério da Educação e Saúde (MES) na concepção de seu projeto. Sendo possível entendê-lo de forma superficial, como uma adaptação do projeto de Le Corbusier para a cidade universitária (CAVALCANTE, 2015 apud CUNDURU, 1999). E isso pode ser visto no volume prismático principal sobre pilotis que se encaixa em um bloco de menor escala que se projeta a sua frente (CAVALCANTE,

2015), exatamente como o arquiteto francês havia esboçado em sua ideia para o MES. No entanto, as referências não excluem a qualidade da resposta projetual premiada que Jorge Moreira deu ao programa de necessidades.

Para alcançar a melhor resolução do projeto, o arquiteto criou cinco blocos que receberiam funções distintas e que cooperariam entre si organizando o funcionamento das atividades. Sendo o volume de maior escala o destinado a todas as salas de aulas e equipamentos acadêmicos e departamentais, e os menores para uso de toda a faculdade, como a biblioteca e auditório, por exemplo, além de um museu que não veio a ser executado.

Figura 14 - Esquema de organização dos blocos a partir de uma fotografia do prédio da FAU-UFRJ. Autoria: Núcleo de Pesquisa e Documentação – UFRJ



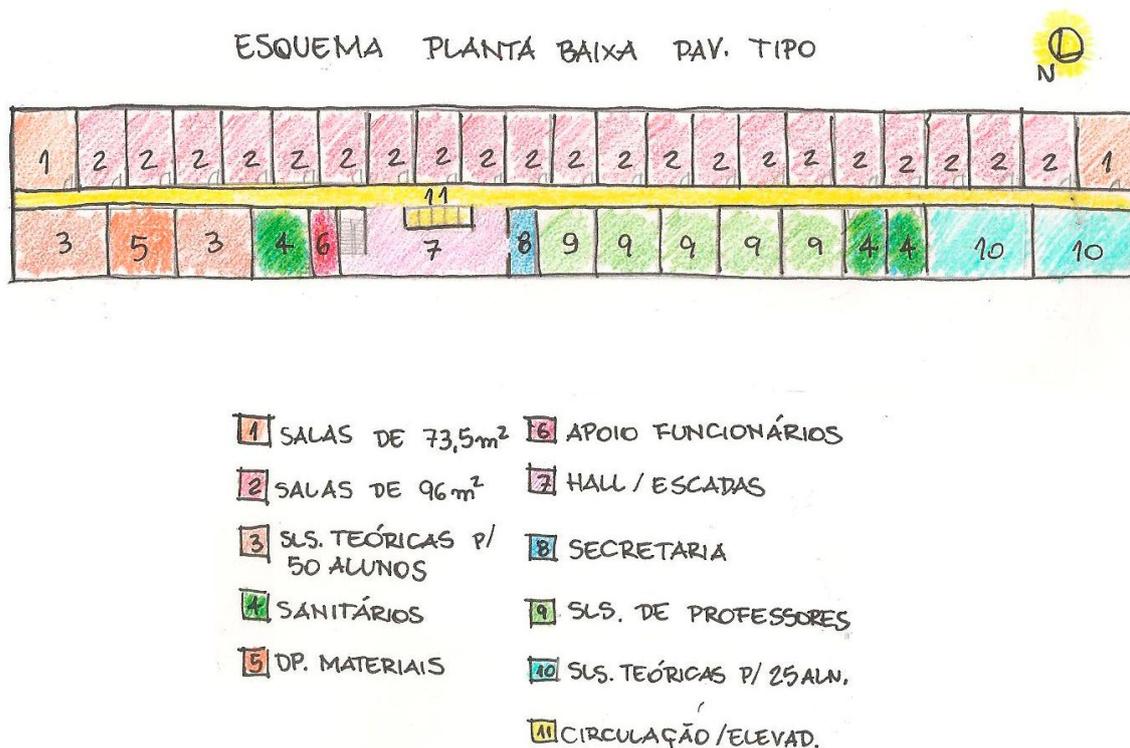
Fonte: ARQGUIA Rio. Disponível em: < <http://arqguia.com/obra/edificio-reitoria-ufrj/?lang=ptbr>>. Acesso em: 31 de maio de 2017 – adaptado pelo autor.

Acerca da disposição do programa de necessidades ao longo do projeto, o bloco principal ficou em sua forma final com oito pavimentos e 173 metros de largura, tendo do terceiro ao oitavo pavimento uma planta baixa padronizada com salas de aulas. Apesar de que cada pavimento receberia grupos de estudantes de períodos diferentes da faculdade, sendo o último reservado apenas aos cursos de pós-graduação e urbanismo.

Sobre esse pavimento padronizado, o arquiteto posicionou um corredor ligando as extremidades do edifício, ao longo do qual de um lado se distribuíam 21 salas de 73,5m² com capacidade para oito estudantes e duas salas maiores de 96m² nas extremidades

para onze alunos. Enquanto do outro lado do corredor ficavam as salas teóricas para 50 e 25 estudantes, cinco salas de professores – que tinham internamente sala de espera, reuniões, assistentes e a sala do catedrático –, uma secretaria, sanitários e um hall de chegada das escadas e elevadores, ao lado do qual também se encontrava uma área de apoio para os funcionários com banheiro, copa e um elevador de serviço.

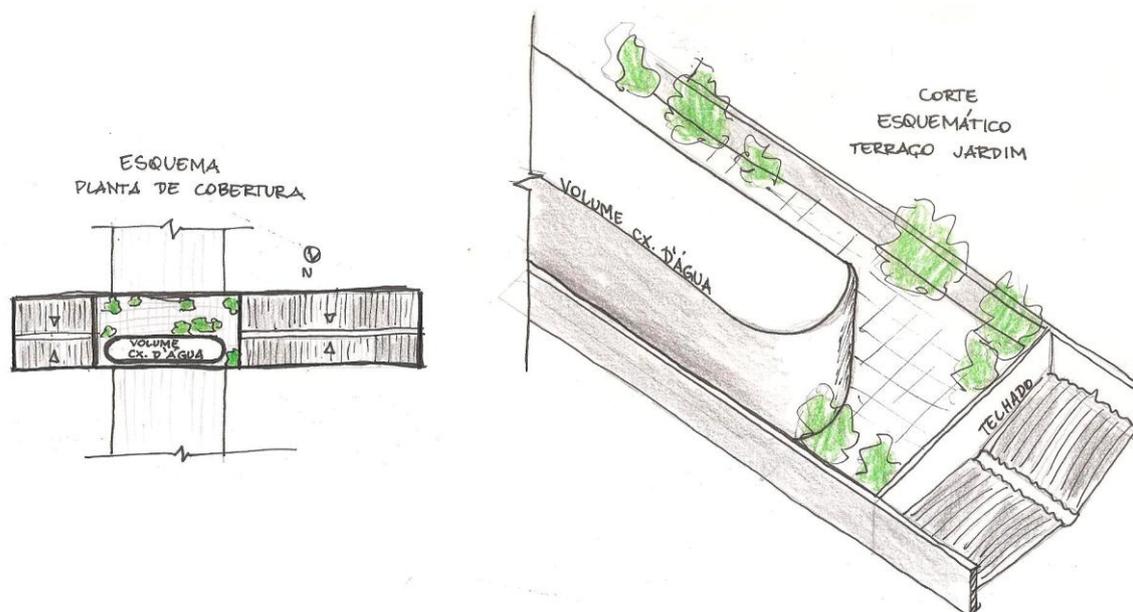
Figura 15 - Planta baixa esquemática do pavimento tipo da FAU-UFRJ



Fonte: Do autor.

Já os outros pavimentos que não tinham planta baixa padronizada, isto é, os inferiores que permeavam com os outros blocos e também a cobertura, reservavam-se outras funções. Os mais baixos receberiam os espaços destinados à recepção, acessos aos pavimentos superiores, administração, auditórios, oficinas, laboratórios e o museu técnico, assim como no térreo havia um mezanino que proporcionaria um pé-direito duplo e onde se localizaria a biblioteca - como pode ser observado detalhadamente na figura 17 a seguir -, enquanto a cobertura previa um terraço jardim onde também se localizaria o volume com faces curvas – volume esse que trazia um diferencial à fachada da edificação –, no qual se localizariam a caixa d'água e a casa de máquinas dos elevadores.

Figura 16 - Planta baixa e corte perspectivado esquemático da cobertura da FAU-UFRJ



Fonte: Do autor.

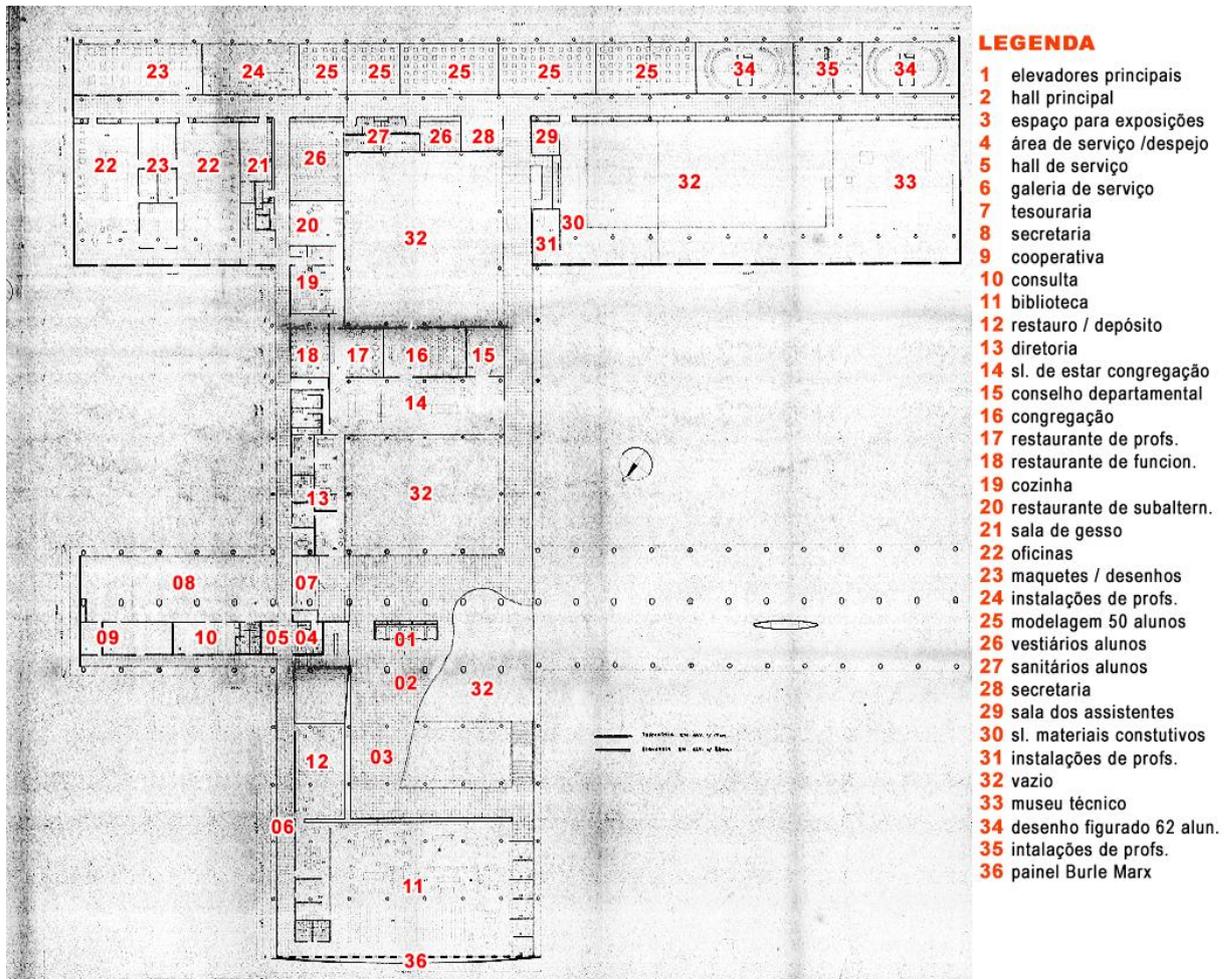
Em relação aos pavimentos inferiores, no bloco que se projetava a frente do principal, próximo ao hall de entrada foi feito um painel em concreto que conferiu grande identidade à fachada se tornando um ícone da edificação, como pode-se observar na figura 12. Esse painel foi assinado por Burle Marx.

No que tange a sua implantação, é possível entender de forma ainda mais fácil o porquê do projeto receber tamanho destaque. Uma vez que situado em um local novo e ainda sem referências, a resposta projetual de sua implantação foi inteiramente associada ao plano viário da cidade universitária, recebendo um posicionamento na extremidade da via que conferia ao edifício uma hierarquia imponente e monumental. Principalmente devido ao fato de que o seu posicionamento se deu paralelo a via, e de que sua volumetria de oito pavimentos e grande horizontalidade já se destacava por si só. E não bastasse esse posicionamento estratégico, o entorno da edificação recebeu também o tratamento do renomado paisagista Roberto Burle Marx, que trabalhou os jardins de forma a ampliar o impacto da aproximação à edificação (CAVALCANTE, 2015). Entretanto, é de suma importância ressaltar que esse posicionamento da edificação ocasionou a insolação excessiva das fachadas onde se concentram todas as aberturas da edificação, isto é, as fachadas norte-noroeste e sul-sudoeste, tanto no período da manhã como da tarde.

Outro ponto que destaca o projeto da FAU da UFRJ é a perfeição das medidas. E essa atenção às dimensões vai desde a grande escala do ritmo da estrutura até os detalhes

dos revestimentos internos. A exemplo das cerâmicas de piso e parede que foram moduladas com dimensões de quinze por trinta centímetros, e de forma a não serem recortadas durante a execução (CAVALCANTE, 2015 apud CAVALCANTI, 2001). Fato que demonstra muito bem a perfeição prevista não só para o projeto, mas também para a obra pronta. Além de deixar claro o rigor de atenção com os detalhes.

Figura 17 - Planta Baixa do 2º pavimento do edifício da FAU-UFRJ.



Fonte: Dissertação Patrícia Cavalcante Cordeiro, 2015 apud Acervo do Núcleo de Pesquisa e Documentação – UFRJ/FAU – Brasil – adaptado pelo autor.

2.3. Faculdade de Arquitetura e do Ambiente Construído de Delft

Figura 18 - Fotografia da Faculdade de Arquitetura e do Ambiente Construído de Delft. Autoria: Oculus Film



Fonte: OCULUS FILM. Disponível em: < <http://oculusfilm.com/en/#films/bk-city>>. Acesso em: 31 de maio de 2017.

Avaliada como a quarta melhor faculdade do mundo pelo “*QS World University Rankings*” na categoria de “Arquitetura / Ambiente Construído” (2017), elaborado pelo site “*TopUniversities*”, a Faculdade de Arquitetura e do Ambiente Construído de Delft teve seu início em 1904 e é reconhecida por sua tradição na área, pelo ensino de alta qualidade e pela pesquisa diversificada internacionalmente.

A faculdade que tem mais de três mil estudantes de acordo com dados fornecidos pela própria instituição em seu site, até 2008 se sediava em um edifício projetado por Johannes van den Broek e Jaac Bakema e construído em 1970, conforme traz o site “*Nederlands Architectuurinstituut*” (2017). No entanto, em 2008, ocorreu um incêndio que viria a comprometer toda a estrutura daquela edificação e impossibilitaria qualquer atividade em suas instalações novamente. Assim, com a necessidade de prosseguimento das atividades, já em 2009 a Faculdade passou a funcionar em uma nova unidade em Delft. Tratava-se de um edifício com projeto de 1915, que recebeu uma intervenção e adequação às novas atividades da Faculdade, em uma área de 32.000m² (HEIJER, 2009) com projetos de um grupo de escritórios que se associaram na restauração e adaptação: Braaksma & Roos coordenando as equipes, Fokkema & Partners que ficou responsável por repensar o edifício antigo nos espaços destinados a estúdios e escritórios, o escritório Kossman.dejong com os espaços coletivos, MVRDV nos projetos

do piso superior e estúdios e o *Octatube* que se encarregou de projetar e executar as estruturas de vidro.

Considerando a existência do edifício destruído pelo incêndio de 2008 e a sua importância histórica para a faculdade de Delft, torna-se difícil não descrever como era seu projeto arquitetônico ainda que brevemente, antes de voltar à atenção a atual sede.

Dessa forma, analisando o antigo edifício não é difícil encontrar as tendências brutalistas de seus arquitetos, que no movimento Moderno encontraram seu ápice exatamente na época da elaboração do projeto da faculdade de Delft, como retrata o site "*Nederlands Architectuurinstituut*" ao descrever o contexto e as influências projetuais dos arquitetos. O desenho do edifício marcado pela sua estrutura de concreto aparente com aspecto robusto e a funcionalidade da resolução projetual demarcam bem esse período.

Figura 19 - O projeto de Broek e Bakema para a faculdade de Arquitetura de Delft. Autoria: Broek e Bakema



Fonte: BROEK BAKEMA. Disponível em: < <http://www.broekbakema.nl/wp-content/uploads/2014/08/historie-faculteit-bouwkunde-tu-delft-011.jpg>>. Acesso em: 01 de junho de 2017.

O projeto da Faculdade de Arquitetura de Delft teve seus primeiros esboços em 1956 em um concurso entre professores da própria faculdade, e foi de fato desenvolvido a partir de 1960 pelos arquitetos Broek e Bakema, tendo a conclusão de suas obras em 1970. Na época da criação desse primeiro projeto, a faculdade contava com cerca de 360 alunos apenas, mas a proposta para o novo projeto era uma expansão para 850 alunos (TIMMERMANS, 2010).

O partido desse primeiro edifício era o próprio currículo da faculdade segundo o site "*Nederlands Architectuurinstituut*". E isso se traduziu até mesmo na resposta formal do

projeto, que consistia em dois volumes, sendo o maior e mais alongado de 13 pavimentos com uma planta baixa retangular de 108 metros de comprimento por 22 metros de largura, dedicado à parte acadêmica de acordo com o currículo - que se dividia em cinco anos -, isto é, as salas de aulas, departamentos e ateliês de projeto ficavam distribuídos nesse volume por pavimentos para os alunos de cada ano da faculdade. Já o bloco mais baixo atendia às áreas comuns para os alunos de todos os períodos, como biblioteca, administração, cantina e auditório. Além disso, é interessante ressaltar que todo o edifício era circundado por janelas que proporcionavam excelente iluminação natural. Soluções que remetem desde a planta baixa até a forma, ao projeto de Jorge Moreira para a Faculdade Nacional de Arquitetura já citado anteriormente, revelando a funcionalidade do Modernismo ao qual tanto os arquitetos holandeses como o brasileiro estavam inseridos.

Figura 20 - À esquerda um croqui do antigo edifício da Faculdade de Arquitetura de Delft e à direita uma fotografia da FAU-UFRJ.



Fonte: Respectivamente NEDERLAND ARCHITECTUURINSTITUUT apud "Collectie NAI/BROX 1140". Disponível em: < http://www.nai.nl/mmbase/images/737883/BROX_1140R5-3.jpg> e IMAGEM UFRJ. Disponível em: < <http://www.imagem.ufrj.br/thumbnails/4/563.jpg>> Acesso em: 01 de junho de 2017.

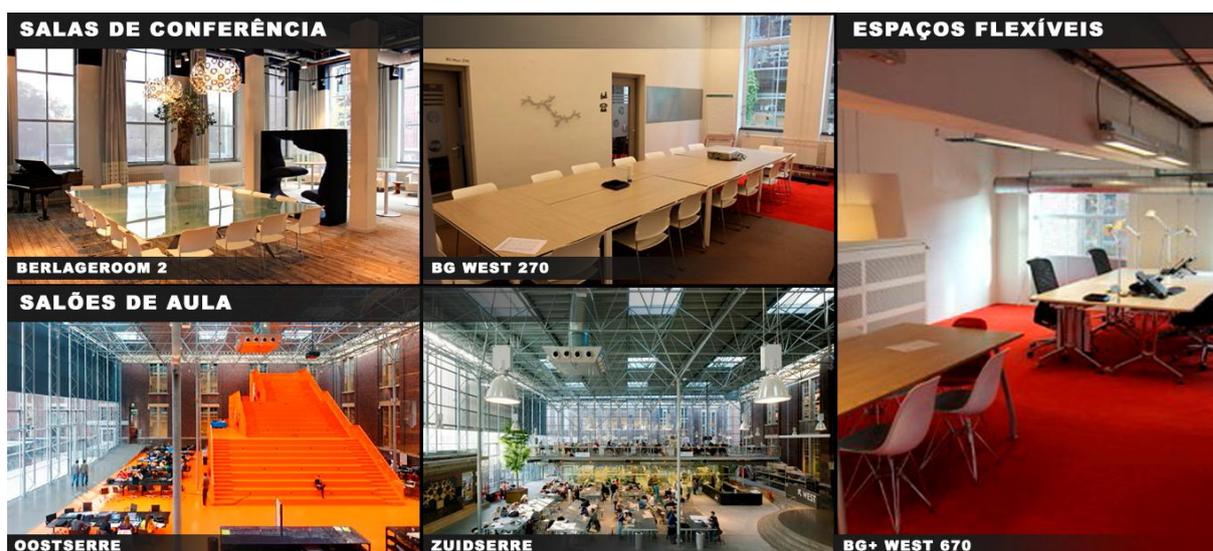
Devido ao incêndio ocorrido em 2008, a Faculdade de Arquitetura de Delft passou por problemas relacionados à falta de um local para que todas as atividades da faculdade pudessem ser exercidas. Diante disso, uma equipe de acadêmicos e arquitetos se juntou para escolher entre cinco opções uma edificação para receber a escola de arquitetura com cerca de 3300 alunos e mais de 800 funcionários (HEIJER, 2009). A selecionada foi uma antiga edificação de estilo expressionista e acabamento em tijolo aparente de grande importância para a TU Delft, que havia sido projetada em 1915 por Gerard van Drecht para receber uma escola de química, mas que teve sua construção concluída apenas em 1945. Esse edifício devido à sua importância histórica já era patrimônio cultural, o que se mostrou como um desafio já que por isso ele necessitaria de uma restauração geral em

um prazo de seis meses para o recebimento dos alunos. Além disso, o prédio escolhido possuía cerca de 10.000m² a menos que o incendiado (HEIJER, 2009).

Diante do espaço mais limitado, a equipe buscou otimizar todos os espaços possíveis tornando-os utilizáveis e não simplesmente locais de circulação, de acordo com Alexandra den Heijer (2009), que é professora da Universidade de Delft e esteve envolvida profissionalmente no projeto de restauração e adaptação das novas instalações. Algo que foi fácil em relação aos diversos ambientes do edifício que com seus padrões mais antigos eram maiores e confortáveis, mas tornou-se um problema em relação às áreas de circulação. Para solucionar essa questão, a opção foi transformar esses espaços em locais para encontros e reuniões informais, incentivando a interação social.

Assim, com menos espaços que favorecessem a apropriação individual, toda a extensão da faculdade eventualmente acabaria sendo utilizada em grupos e por todos os estudantes, como pontua Heijer no artigo “*The making of BK City The ultimate laboratory for a faculty of architecture*” (2009). Como exemplo disso, observa-se as pequenas salas de aulas que em grande parte do tempo permaneciam sem apropriação, passaram a ser salas multifuncionais aumentando a sua funcionalidade e estimulando a permanência por mais tempo.

Figura 21 - Algumas salas com funções distintas no novo edifício da Faculdade de Arquitetura de Delft



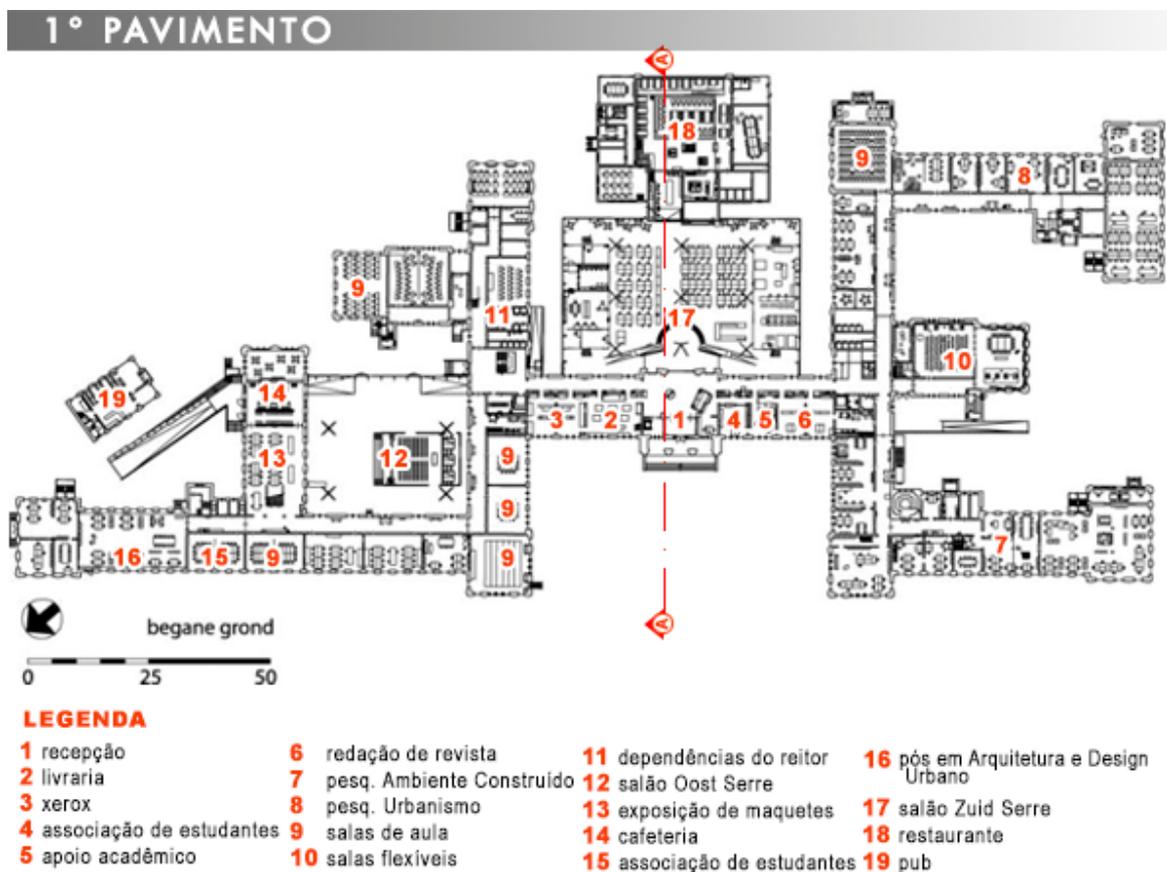
Fonte: TU DELFT. BK City Rooms, 2017.

É interessante ressaltar também, que toda a estrutura existente do edifício foi respeitada, evitando ao máximo qualquer tipo de alteração (HEIJER, 2009). E foi devido a isso que a

ideia de estúdios de trabalho passou a ser efetivada, isto é, mesmo com espaços relativamente menores devido à edificação pré-existente não modificada, todas as funções poderiam ser efetivamente realizadas, mas nesse caso não mais individualmente e sim coletivamente no mesmo ambiente que outros estudantes. Dessa forma, mesmo com cerca de 25 por cento de área a menos, as áreas utilizáveis nesse espaço subiram em 11 por cento em relação ao edifício incendiado (HEIJER, 2009).

Tendo conhecimento dessas questões pelas quais arquitetos e acadêmicos tiveram de passar para conceber o novo ambiente da TU Delft, pode-se analisar com mais ciência o resultado final do projeto para essa Escola de Arquitetura renomada mundialmente.

Figura 22 - Planta Baixa do 1º pavimento da TU Delft

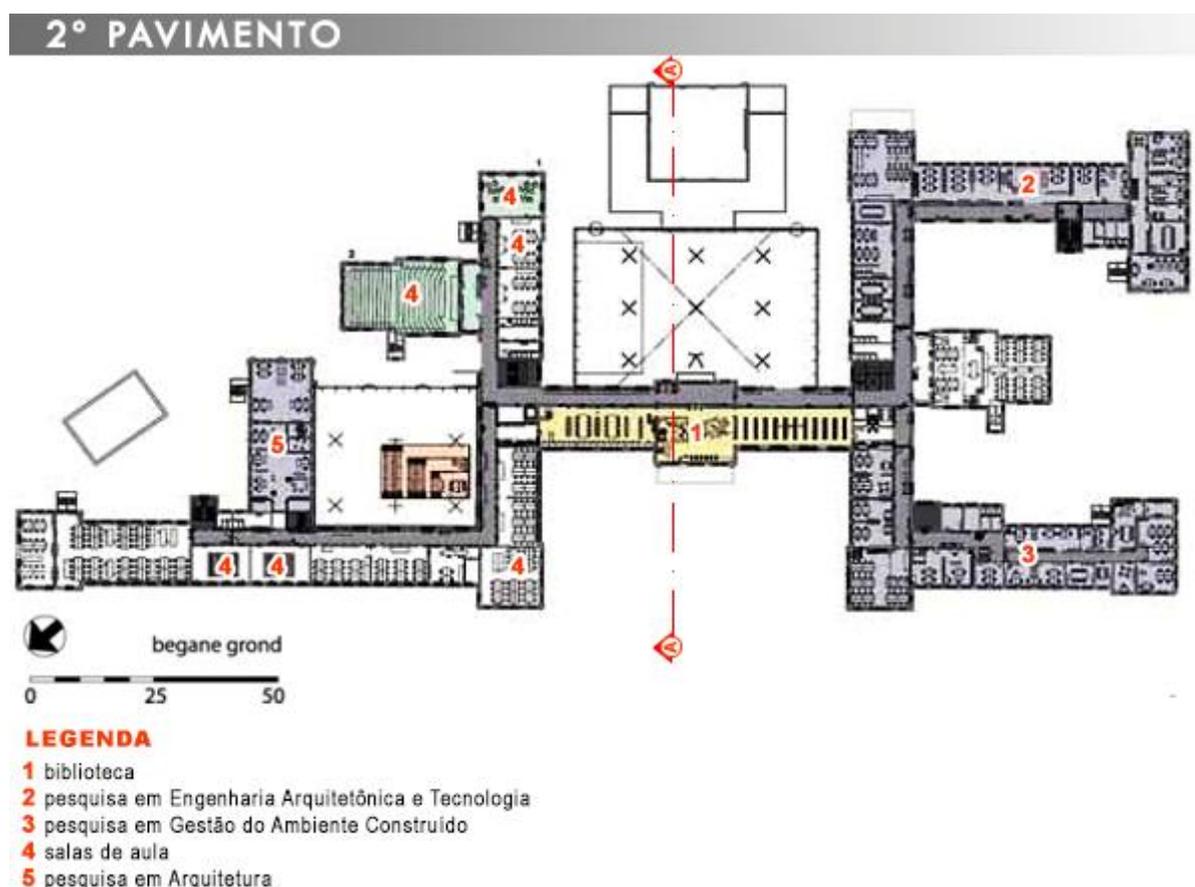


Fonte: ResearchGate. Disponível em: <<http://bit.ly/2q9CvdZ>> Acesso em 16 jun. 2017. Adaptado pelo autor.

Sendo assim, analisando o esquema de ambientação da instituição disponível no site da TU Delft, no primeiro pavimento, o térreo, com entrada pela parte frontal da edificação há a recepção que se abre para uma grande circulação, que à esquerda tem uma sala dedicada a impressões e Xerox, e outra para uma livraria, enquanto à direita há três salas com diferentes serviços de apoio aos estudantes oferecidos pela própria faculdade. Há

também ao final desse corredor no sentido oeste o setor de pesquisa para o ambiente construído (OTB) articulado ao setor de Urbanismo e a uma grande sala de aula. Na outra extremidade da edificação nesse mesmo pavimento ficam concentradas as salas do reitor e salas de apoio ao mesmo, outras seis salas de aula, sendo uma delas localizada no criativo Salão *OostSerre* – um espaço criado em anexo à edificação em uma área anteriormente aberta, que recebeu a cor laranja e estrutura contemporânea para diferenciá-lo da pré-existência -, além de uma cafeteria conjugada a um ambiente para apresentação de maquetes e trabalhos, um centro de pesquisa e já fora da edificação, mas pertencente ao conjunto, um pub. Por fim, ainda no térreo, na parte central do prédio onde havia antes uma grande área aberta, foi feita também uma grande cobertura expandindo a extensão do edifício e formando o salão *ZuidSerre*, com estrutura contemporânea e cores neutras, ao qual se liga o restaurante universitário.

Figura 23 - Planta Baixa do 2º pavimento da TU Delft

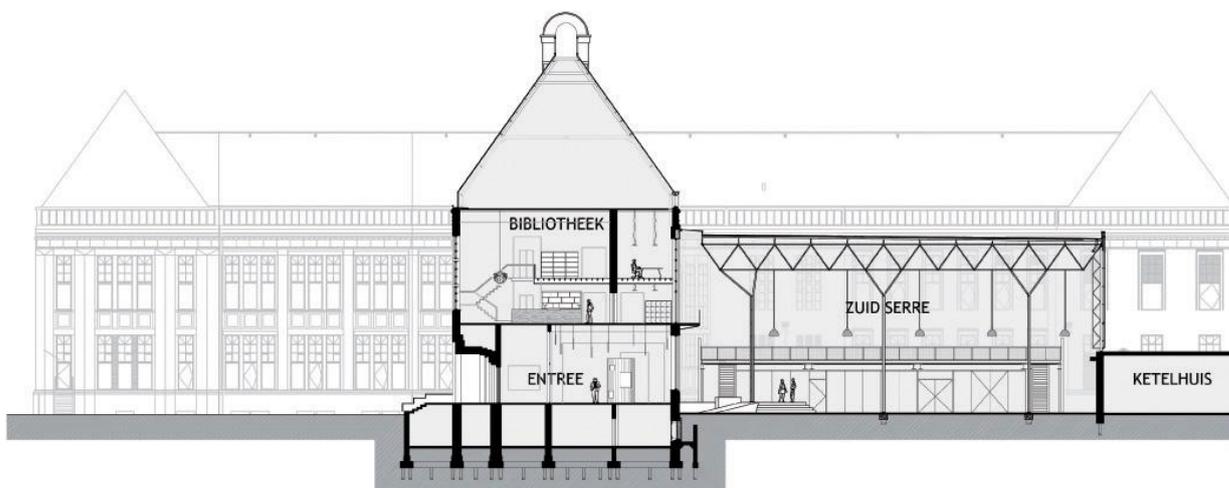


Fonte: ResearchGate. Disponível em: <<http://bit.ly/2q9CvdZ>> Acesso em 15 jun. 2017. Adaptado pelo autor.

Ainda de acordo com o esquema, no segundo pavimento ficou instalada uma grande biblioteca que liga os dois extremos da edificação, sendo o do lado oeste voltado para os departamentos de Gestão do Ambiente Construído e o de Engenharia Arquitetônica e

Tecnologia, enquanto o do lado leste abriga o departamento de Arquitetura. Nesse pavimento há também mais sete salas de aula de escalas variadas. E vale ressaltar que a Faculdade de Arquitetura e do Ambiente Construído de Delft tem também os porões, que inicialmente iriam receber boa parte dos arquivos físicos da universidade – que acabaram por ser em sua maioria digitalizados devido aos problemas enfrentados com o incêndio de 2008 (HEIJER, 2009) - e também um terceiro pavimento/sótão onde se localizam pequenas salas de aula e outras instalações de apoio.

Figura 24 - Corte AA das Plantas Baixas da TU Delft



Fonte: EU Mies Award. Disponível em: < <http://miesarch.com/uploads/images/works/2560%20-%20TU%20D%20copy.jpg> > Acesso em 15 jun. 2017.

Por fim, através de um mapa da implantação da edificação, disponível no site da TU Delft (2017), em relação à implantação da edificação que também passou por uma intervenção para a sua adequação ao novo programa de necessidades, há espaços para estacionamento de bicicletas por toda a extensão da área externa da faculdade, sendo o maior localizado na área frontal logo à frente da entrada principal. Já os carros têm duas opções de estacionamento: uma na área aberta na parte oeste na edificação e outra maior na parte leste aos fundos do pub. Assim, observa-se que a TU Delft atende bem às necessidades de estacionamento, no entanto, é importante enfatizar que mesmo cercada por vegetação, não houve uma preocupação no tratamento do paisagismo no entorno da edificação.

2.4. Faculdade de Arquitetura, Arte e Design – UDP

Figura 25- Fotografia do projeto de ampliação da Faculdade de Arquitetura, Arte e Design da UDP. Autoria: Guy Wenborne



Fonte: ARCHDAILY. Disponível em:

<<http://images.adsttc.com/media/images/5128/639d/b3fc/4b11/a700/407f/slideshow/1278089987-udp0101.jpg?1414366754>>. Acesso em: 01 de junho de 2017.

De origem chilena, a Universidade Diego Portales foi fundada em 1982 e ao longo dos anos foi ganhando grande relevância em seu país natal. Com esse crescimento, em 1999 de acordo com a procura e necessidade da população, houve a inauguração da Faculdade de Arquitetura, Arte e Design, que viria a se abrigar em um edifício já existente e anterior à sua própria criação, datado de 1994, de acordo com as informações históricas disponibilizadas pela própria faculdade em seu site. Posteriormente, com o aumento da importância da UDP que passou a competir com importantes instituições de ensino do Chile como a Universidad de Chile e Universidad Católica, em 2001 a instituição decidiu por se modernizar e reunir os edifícios da instituição em uma área de Santiago, criando assim uma ideia de campus universitário (GALLANTI,2009). E é exatamente nessa área que se encontra o edifício da FAAD.

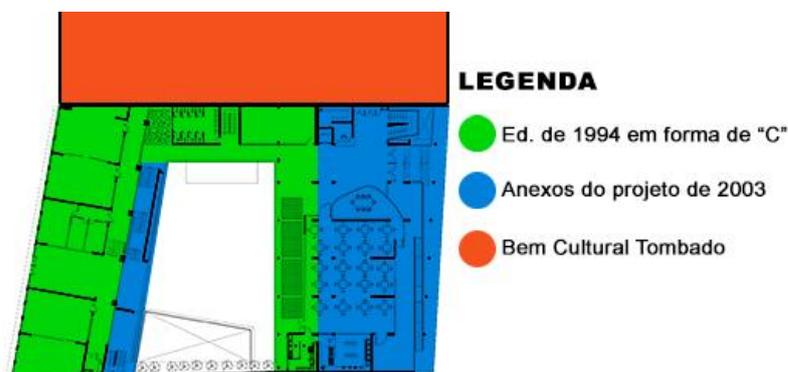
Contudo, como ocorreu em todas as escolas de arquitetura ao redor do mundo, desde a sua criação a Faculdade experimentou um aumento considerável no número de alunos, obrigando-a a adequar suas instalações já limitadas às novas condições. Algo que a levou em 2003 a um projeto de intervenção, que apesar de prever um aumento de capacidade, ignorou a existência da Escola de Arte e Design que posteriormente viria a se consolidar (AOA, 2010). Assim, com duas escolas reunidas em uma única edificação,

além de cursos de pós-graduação, a opção tomada foi por ampliar novamente os espaços da FAAD, em 2008, de forma a atender os 1200 alunos matriculados na instituição (AOA, 2010).

Apesar de a reforma ocorrida em 2008 ser a mais icônica e o projeto mais recorrente, as intervenções em 2001 para a revitalização da área no centro de Santiago para consolidação do campus da UDP, e as intervenções de 2003 no edifício da FAAD são também de grande importância para a faculdade e a cidade. Uma vez que na instância urbana, graças à inserção das faculdades naquela região, houve uma grande operação urbanística naquela área, envolvendo investimentos particulares da própria instituição que ofereceria “gentilezas urbanas” e da prefeitura de Santiago, que se comprometeu a melhorar a infraestrutura das ruas naquela área e também facilitou as leis de construção para os edifícios acadêmicos (DIEZ, 2006). Além disso, os novos projetos de 2001 acabaram dando uma nova aparência e trazendo a vida enérgica do ambiente estudantil para a região até então decadente. Fato que relembra a estreita relação entre a Arquitetura e o Urbanismo.

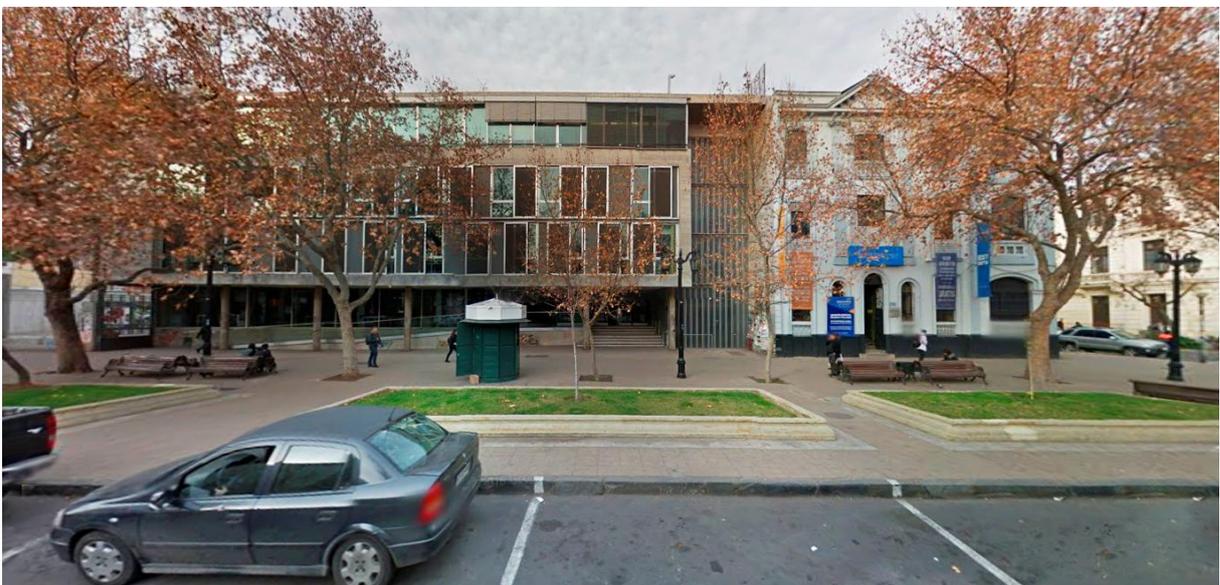
O projeto de intervenção da FAAD feito pelo arquiteto Ricardo Abuauad - também professor e diretor da Faculdade de Arquitetura - em 2003, tratou da reforma de um edifício em forma de “C” construído em 1994. E naquele momento os desafios eram inúmeros, sendo o maior deles, atender ao programa de necessidades sendo restringido pela legislação que impedia a verticalização devido a edificações tombadas no entorno (DIEZ, 2006). E isso o arquiteto resolveu com a utilização de áreas subterrâneas através da construção de dois subníveis, onde ficaram instalados um pequeno pátio, salas de aula, laboratórios de informática e um auditório. Enquanto no nível térreo, o arquiteto lidou com o bloco já existente, adaptando-o às novas necessidades.

Figura 26 - Esquema do projeto de 2003 da FAAD



Fonte: Blog Equipe Taller. Disponível em: < <http://bit.ly/2svPPT2> >. Acesso em: 16 de jun. 2017. Adaptado pelo autor. Nesse edifício já existente, é interessante ressaltar que em sua condição original, segundo o site “ChileArq”, o mesmo se encontrava recuado a doze metros em relação ao edifício ao seu lado, um patrimônio histórico, devido à legislação que impedia o alinhamento das fachadas dos edifícios mais novos com os tombados. No entanto, com a intervenção urbana iniciada pela UDP em 2001, foi proposta à prefeitura de Santiago a possibilidade da criação de uma fachada contínua com o edifício tombado, ainda segundo o site que analisa projetos do país. Algo que levou à criação de um volume à frente do edifício de 1994, que pôde receber ambientes importantes no programa de necessidades, como a cafeteria no pavimento térreo desse novo bloco, biblioteca no segundo pavimento e ateliês de projeto no terceiro e quarto pavimento (Figura 26). Além disso, com esse novo volume houve a possibilidade de recriar as fachadas sem restrições, cooperando na reformulação da identidade do bairro. Assim, na fachada frontal, por exemplo, o arquiteto criou uma malha de vidro nos pavimentos superiores gerando uma permeabilidade entre o externo e o interno, além de abrir o térreo para a rua através de painéis de vidro que integravam o pátio existente na área central do “C” com o exterior, acabando com a lógica existente na região de edifícios que se fecham para a rua, como destaca Fernando Diez em seu artigo sobre o projeto.

Figura 27 - Bloco anexado ao edifício de 1994 e o patrimônio cultural existente à esquerda

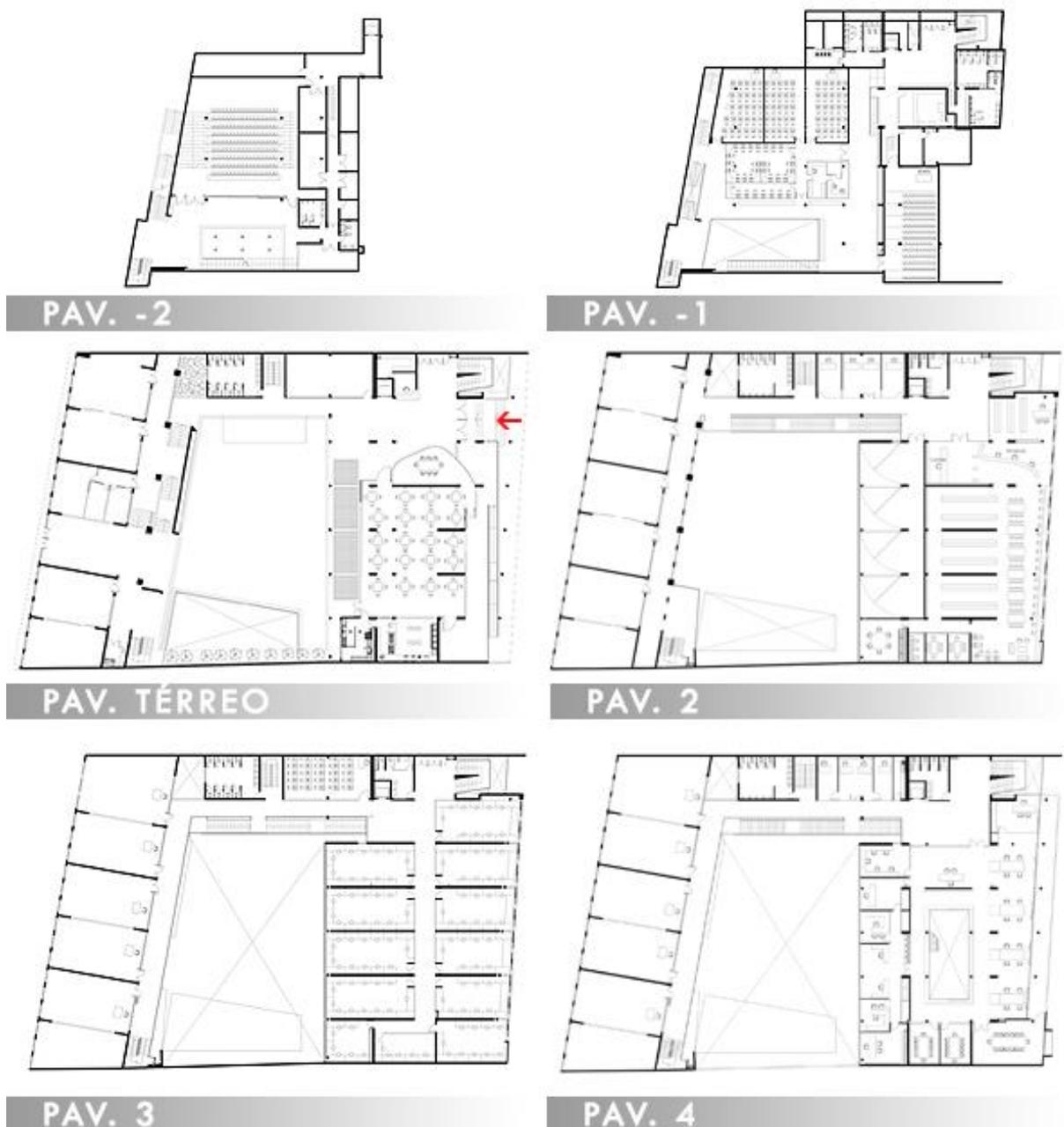


Fonte: GOOGLE STREET VIEW. Acesso em: 01 de junho de 2017.

Ainda sobre esse projeto arquitetônico de 2003, o programa de necessidades veio a ser definido a partir de um estudo feito pelo arquiteto Willy Herrera, que analisou as necessidades futuras da faculdade (DIEZ, 2006). A partir desse estudo, o arquiteto

Ricardo Abuauad organizou a planta baixa deixando as salas de aula concentradas na ala Leste do “C”, enquanto espaços como a cafeteria, a biblioteca, uma sala de correção, um espaço para ministração de workshops aos estudantes e a administração da faculdade ficaram concentrados no bloco novo. Ademais, o arquiteto também priorizou a criação de um espaço semipúblico no térreo da nova edificação, tendo para isso posicionado a cafeteria imediatamente à entrada do prédio, funcionando como um ambiente intermediário entre a rua e o pátio interno, no qual boa parte das vedações seriam envidraçadas, de forma a gerar essa permeabilidade. Todavia, devido ao estudo elaborado por Willy Herrera não prever a inserção da Escola de Arte, entendendo que a edificação de 1994 não tinha capacidade para comportá-la junto à Escola de Arquitetura, a FAAD novamente necessitaria de reformas alguns anos depois (DIEZ, 2006).

Figura 28 - Plantas Baixas do primeiro projeto da FAAD



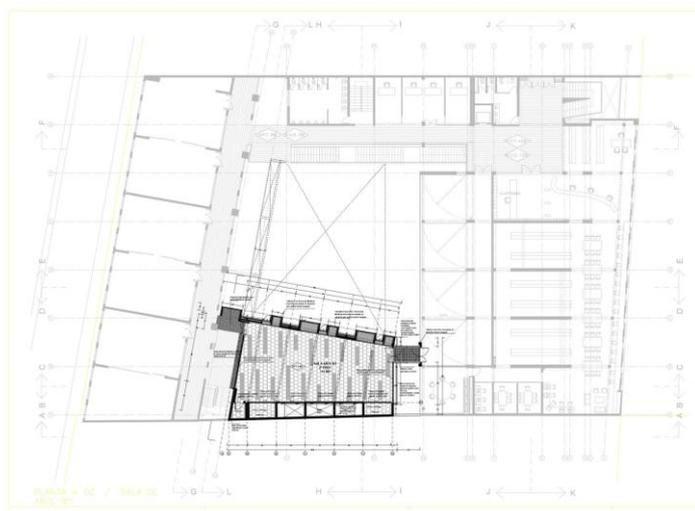
Fonte: Blog Equipe Taller. Disponível em: < <http://taller1mas2.blogspot.com.br/2011/04/planos-facultad-arquitectura-arte-y.html>>. Acesso em: 16 de junho de 2017. Adaptado pelo autor.

A partir dessa necessidade de expansão, de novo em 2009 o escritório de Ricardo Abuauad conduziu um projeto para uma ampliação de 571,9m² na edificação aonde já vinha funcionando a escola (ARCHDAILY, 2010). E o partido para esse projeto foi a submissão às pré-existências da edificação e às leis que restringiam a ampliação verticalizada de forma livre. Leis essas que por outro lado liberavam a ocupação em cem por cento do lote. Algo que apesar de conveniente, tratava-se de um grande de desafio, uma vez que se essa fosse uma solução tomada, espaços como o pátio e áreas de grande relevância devido às interações sociais ali estabelecidas seriam perdidas. Dessa

forma, o partido do novo projeto também estava relacionado às tentativas de otimizar a utilização das superfícies ao máximo possível sem comprometer demais o uso do terreno (AOA, 2010).

Para isso, a resposta veio através da criação de uma nova edificação elevada a dez metros a partir do pavimento subterrâneo mais baixo, na única parcela do terreno ainda passível de receber novas fundações, que funcionava como hall de entrada para o auditório já existente. Edificação essa que teria a sua laje base alinhada pouco acima do pavimento térreo – que se situava acima desses dois andares subterrâneos - devido à sua elevação a partir do solo, como pode-se observar nas plantas baixas disponíveis no site “ArchDaily”. E era nesse pavimento térreo que ficava a área ao ar livre de convivência da edificação pré-existente, o que possibilitaria a entrada de luz natural através da diferença da base da estrutura anexa e a laje do pátio.

Figura 29 - Planta Baixa do Projeto de Ampliação da FAAD



Fonte: ARCHDAILY. Disponível em: <

<http://images.adsttc.com/media/images/5128/6449/b3fc/4b11/a700/409b/slideshow/1279057079-planta2.jpg?1414366847>>. Acesso em: 16 de junho de 2017.

Sobre esse anexo criado com a reforma de ampliação, a intenção era que fossem instaladas ali grandes salas. Algo que demandaria uma nova estrutura capaz de suportar as cargas provenientes desses espaços localizados acima do salão subterrâneo de pé direito triplo. Dessa forma, foram propostas colunas que receberiam toda a carga e teriam a sua estética em forma de “V”, que além de agradável diminuiria o impacto com o solo, isto é, diminuiria as áreas de apoio dessas colunas que necessariamente tinham de ser mais robustos e fortes (AOA, 2010).

Figura 30 - Corte perspectivado do projeto de ampliação da FAAD



Fonte: ARCHDAILY. Disponível em: <

<http://images.adsttc.com/media/images/5128/6358/b3fc/4b11/a700/4073/slideshow/1278092361-corte.jpg?1414366832>>. Acesso em: 16 de junho de 2017.

Em relação às outras soluções dadas por Ricardo Abuauad ao projeto de ampliação, foram feitos acessos em todos os pavimentos, de forma a torná-lo bastante integrado à edificação de 1994. Além disso, pode-se destacar o espaço criado abaixo dessa nova estrutura, que de acordo com o programa de necessidades da instituição tornou-se um espaço de exposições, ao qual a instituição era carente. É também interessante ressaltar as escolhas assertivas que Abuauad teve na resolução do conforto ambiental desse novo volume e na edificação pré-existente (AOA, 2010). Isso devido ao fato de que antes dessa reforma, a edificação possuía a sua volumetria em forma de “C”, estando a abertura voltada para Norte, o que gerava uma incidência solar excessiva no centro de convivência (algo que acabou sendo resolvido com a inserção da nova edificação exatamente nessa abertura), proporcionando um sombreamento que gerava um maior conforto térmico ao pátio. Além disso, a fachada que se abria para o pátio voltada para o sentido oeste enfrentava sérios problemas de desconforto térmico no verão devido a iluminação incidente, o que foi resolvido com a utilização de brises que não impediam a entrada da luz, mas que geravam mais sombreamento, de acordo com a revista “AOA”.

Outra questão bastante interessante de se enfatizar sobre o projeto são as soluções para a estética das fachadas do novo edifício e a que recebeu os brises, já que as mesmas tinham como desafio o diálogo com a fachada voltada para leste, que desde a reforma de 2003 tinha uma película caracteristicamente colorida (ARCHDAILY, 2010). E tal

condição se colocava como uma grande restrição ao desenho dessas fachadas. Assim, apesar dessa dificuldade, as edificações receberam cores superficiais neutras que não influenciavam na pré-existência e o trabalho de Ricardo Abuauad se voltou para a criação de planos, sombras e texturas (AOA, 2010). E o resultado foi a fachada do anexo – que se voltava para Sul e não tinha restrições na relação aberturas/ conforto térmico – trabalhada em um conjunto de aberturas que se projetavam para fora da fachada, semelhante a uma “bay window”, gerando uma volumetria diferenciada.

2.5. UNISOCIESC – Bloco H do Curso de Arquitetura e Urbanismo

Figura 31 - Fotografia do Bloco H do campus Boa Vista da UNISOCIESC. Autoria: Pablo Teixeira



Fonte: ARCHDAILY. Disponível em: <

[http://images.adsttc.com/media/images/5744/b15f/e58e/ce7a/ff00/00e1/slideshow/neita_lira_just_01_\(21\).jpg?1464119636](http://images.adsttc.com/media/images/5744/b15f/e58e/ce7a/ff00/00e1/slideshow/neita_lira_just_01_(21).jpg?1464119636)>. Acesso em: 16 de junho de 2017.

Sendo o prédio de menor escala dentre os descritos no presente trabalho e também o mais recente, o bloco H da Unisosiesc abriga o curso de Arquitetura e Urbanismo no Campus Boa Vista, em Joinville. E dada a pequena linha temporal desde a criação do curso, em 2005 de acordo com o Ministério da Educação e Cultura (MEC), o mesmo ainda não se tornou uma faculdade, porém, ganhou importância ao ter sua sede construída com projeto do escritório Metroquadrado.

Contando com um número de cerca de 250 alunos regularmente matriculados, o curso teve o projeto para sua nova sede concluído em 2013, mas a ideia para que isso ocorresse já existia há algum tempo entre os gestores da Sociesc (PREMIER, 2015). E graças a esse desejo, segundo Fabiane Ribeiro, nos anos anteriores a coordenação do

curso levantou entre os professores todas as necessidades para um novo espaço, como salas, laboratórios e espaços coletivos. Informações que seriam posteriormente estudadas e organizadas pela direção, formando o programa de necessidades, que foi encaminhado ao escritório Metroquadrado para execução do projeto.

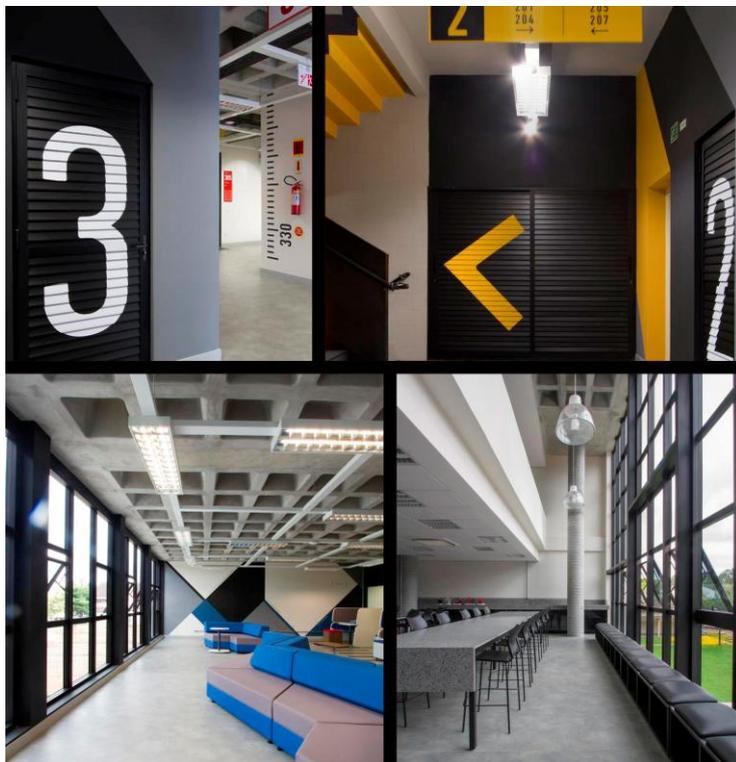
O terreno que receberia o novo projeto contava com 63.866m². Uma vasta área que confortavelmente poderia dar bastante liberdade aos arquitetos (PREMIER, 2015). E o resultado foi um projeto de 3.703m² de área construída; um número pouco significativo se comparado ao tamanho do terreno, mas com capacidade para receber até 300 estudantes por semestre, isto é, mais do que o curso tem matriculado segundo o Ministério da Educação e Cultura (MEC), além de todas as necessidades atendidas efetivamente.

Algo a se destacar sobre esse projeto é a concepção do mesmo, que mesmo sendo contemporâneo, buscava ser uma releitura de toda a produção arquitetônica brasileira de destaque ao longo da história. E isso fica claro no uso dos pilotis e o concreto aparente, que segundo o próprio arquiteto Miguel Cañas Martins (PREMIER, 2015, p.35) – um dos sócios do escritório Metroquadrado – buscava referências na arquitetura modernista de Paulo Mendes da Rocha e Vilanova Artigas. E essas referências vão além, ao trazer a natureza dos materiais à mostra como o Modernismo ditava em seus preceitos, como o cimento, o ferro, o alumínio e a madeira.

Como um processo de associação tanto de professores da área quanto dos arquitetos profissionais, o projeto foi bastante influenciado pelos acadêmicos. E o resultado pode ser observado na influência dos mesmos na concepção dos espaços coletivos, que refletem toda a pesquisa relacionada à projeção do ensino da arquitetura para o futuro, como o conceito “*Active Learning Space*” (PREMIER, 2015) que foi introduzido em projeto por influência dos professores. E esse conceito se baseia na criação de um ambiente onde os indivíduos constroem seus conhecimentos a partir da participação ativa nesse processo, isto é, um ambiente apropriado e enriquecido para que os indivíduos não dependam de outros para realizarem suas funções, mas possam exercer suas atividades e desenvolver suas habilidades por conta própria, de acordo com o site “*Active Learning Space*”, que traz informações sobre o conceito, equipamentos importantes para sua aplicação, entre outros pontos importantes. E isso pode ser observado tanto na criação de uma comunicação visual facilmente compreensível em todos os espaços do edifício e através do uso de cores diferentes para cada pavimento, por exemplo, como na provisão

de ambientes confortáveis para a prática das atividades corriqueiras ao curso, como o uso dos notebooks, que se torna facilitado pela existência de muitas mesas, e todas com canaletas e tomadas (PREMIER, 2015).

Figura 32 - Fotografias de ambientes do Bloco H da UNISOCIESC. Autoria: Pablo Teixeira



Fonte: ARCHDAILY. Disponível em: < <http://www.archdaily.com.br/br/788175/unisociesc-bloco-h-metroquadrado>>.

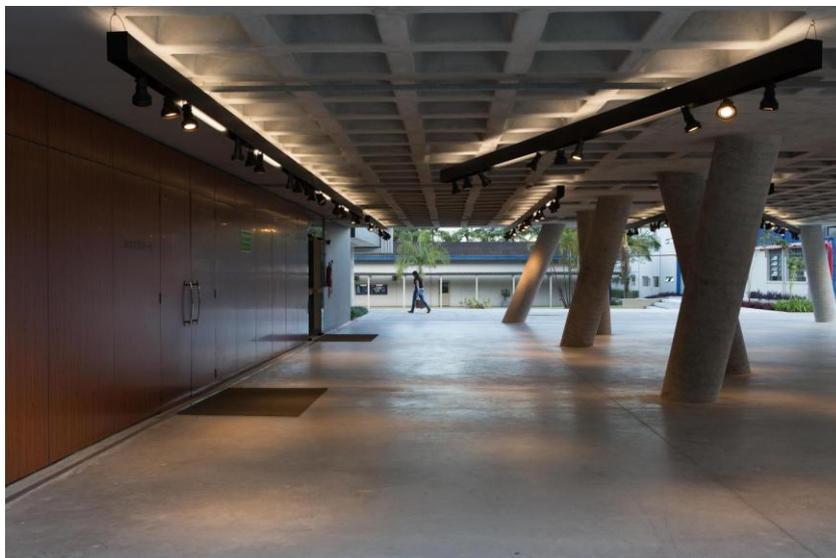
Acesso em: 16 de junho de 2017. Adaptado pelo autor.

Outra característica forte do projeto para a Unisociesc foi a busca por uma relação entre as pessoas e a edificação, e ambos com a paisagem e o restante do campus, de acordo com Fabiane Ribeiro. E isso se traduziu de diferentes formas, a começar pela elevação do prédio através do uso de pilotis, que propiciaram um espaço para relações interpessoais e com o meio que os cerca. E o uso de pilotis vai ainda mais além, pois os arquitetos não desejavam interromper um fluxo de pessoas já existente naquela área com a interposição de uma edificação exatamente naquele lugar, por isso, com a edificação elevada as pessoas poderiam continuar usando aquele espaço como habitualmente o faziam, conforme destaca o artigo da revista joinvilense (2015).

Um aspecto bastante interessante desse projeto é também a criação de uma arquitetura que por si só fosse uma forma de ensino e uma fonte de aprendizado, por se tratar de uma instituição voltada para a própria arquitetura (ARCHDAILY, 2016). E isso começa desde a grande escala até os detalhes. Uma decisão projetual que se mostrou bem

característica ao deixar aparentes as marcas das obras, isto é, os materiais em seu estado natural, as instalações elétricas e hidráulicas expostas com suas tubulações aparentes e a estrutura aparente em seus pilotis e lajes nervuradas.

Figura 33 - Fotografia das instalações e estrutura aparentes. Autoria: Pablo Teixeira



Fonte: ARCHDAILY. Disponível em: <

[http://images.adsttc.com/media/images/5744/b02f/e58e/cea3/d000/0016/slideshow/neita_lira_just_01_\(5\).jpg?1464119324](http://images.adsttc.com/media/images/5744/b02f/e58e/cea3/d000/0016/slideshow/neita_lira_just_01_(5).jpg?1464119324)>. Acesso em: 16 de junho de 2017. Adaptado pelo autor.

O projeto também merece ser destacado quanto ao estímulo à criatividade e curiosidade geradas pelo próprio espaço. Como as fachadas, por exemplo, que não tem uma frente e os fundos bem definidos, como corriqueiramente as edificações são projetadas e construídas, ficando a cargo do observador criar o seu próprio caminho e ou improvisá-lo. Os espaços interiores também não são imutáveis, podendo ter seus mobiliários readequados de acordo com a necessidade e a própria criatividade. Esses ambientes internos têm consigo a intenção de não serem espaços completamente definidos ou acabados, de forma que o próprio usuário encontre o seu significado ou se desafie mentalmente a criá-lo (PREMIER, 2015).

Com todos esses conceitos, o projeto final ficou resolvido em quatro pavimentos, incluindo a base dos pilotis. Em análise das plantas baixas disponíveis no site “Archdaily”, é possível observar que a base recebeu um anfiteatro com capacidade para 105 pessoas assentadas e dois sanitários. O primeiro pavimento acima dos pilotis por sua vez, contemplou o setor administrativo da faculdade, um laboratório de informática, três salas de aula, um ateliê de projeto, três salas de estudo, dois sanitários e um grande salão multiuso com mobília adaptável. Já o segundo pavimento recebeu mais dois sanitários

e sete salas de aula com capacidades variadas entre 25 e 50 estudantes. O terceiro pavimento por fim, recebeu mais seis salas de aula, outros dois sanitários e um terraço jardim que funciona como uma área de descanso para os alunos, onde podem observar o campus e interagir entre si.

Figura 34 - Plantas Baixas do Bloco H da UNISOCIESC



Fonte: ARCHDAILY. Disponível em: < <http://www.archdaily.com.br/br/788175/unisociesc-bloco-h-metroquadrado>>.

Acesso em: 16 de junho de 2017. Adaptado pelo autor.

Por fim, o projeto de interiores trouxe a completude ao significado do projeto arquitetônico, através dos conceitos de flexibilidade, relações interpessoais, as relações com entre os usuários e o projeto e o estímulo à criatividade e à dúvida. Por isso, o design de interiores traz uma variedade de cores e um mobiliário modificável, além de um design gráfico pensado para inspirar, como o uso de adesivos na parede em algumas paredes da edificação com as suas dimensões cotadas, trazendo sempre à memória dos estudantes a escala humana (PREMIER, 2015).

2.6. FAUP – Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Figura 35 - Fotografia da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Autoria: Forgemind ArchiMedia



Fonte: ARCHDAILY. Disponível em: <

http://images.adsttc.com/media/images/56a6/2dc7/e58e/cec5/6200/01d6/large_jpg/6498079625_c69d986abc_o.jpg?1453731258>. Acesso em: 16 de junho de 2017.

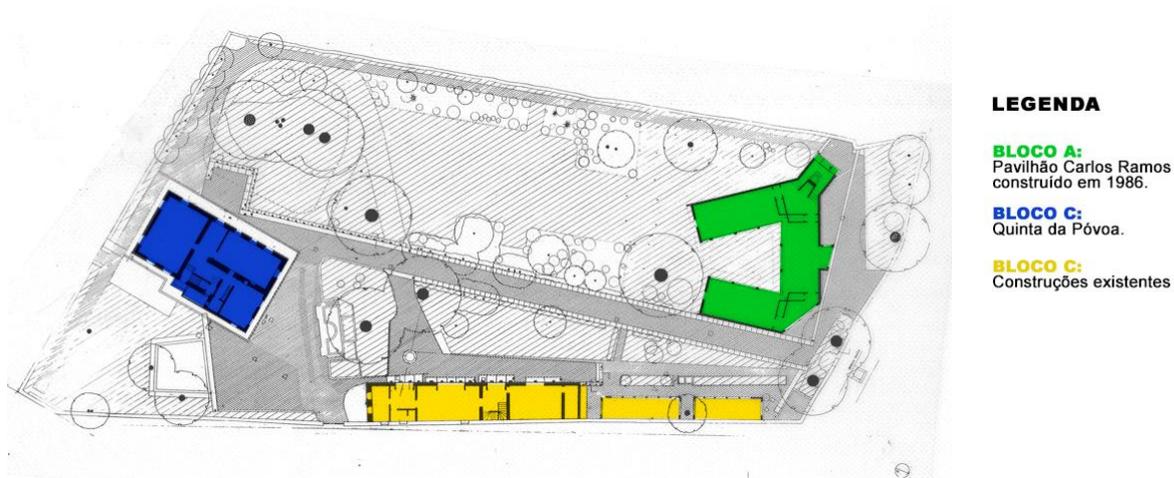
Criada em 1881, a Escola de Belas Artes do Porto funcionou por muitos anos englobando ideais de ensino da Arquitetura, entretanto, mesmo sob demandas, a escola só viria a criar um curso devidamente focado para a profissão do arquiteto em 1911, segundo consta nas informações históricas do site da instituição (FAUP, 2017). Curso esse que passaria por reformas em 1932 para adaptá-lo à prática profissional, e novamente com os mesmos fins em 1957. Contudo, com as novas discussões pedagógicas ocorridas após essa reforma e os novos ideais do curso de Arquitetura, tornou-se insustentável a permanência do ensino inserido na Escola de Belas Artes. E assim, após 1967 ocorreu a ruptura com os cursos de Pintura e Escultura, com a criação da Faculdade de Arquitetura,(FAUP, 2017).

Cerca de 20 anos após o início da faculdade, atendendo a uma demanda já existente, se iniciou um processo de idealização de uma sede para a FAUP. E por decisão unânime entre os professores da faculdade, foi escolhido o ex-aluno da instituição e renomado arquiteto Álvaro Siza para fazer o projeto arquitetônico das novas instalações, de acordo com o documentário “*La Facultad de Arquitectura de la Universidad de Porto (Alvaro Siza)- Arquitecturas*” (COPANS, 2001), que analisou minuciosamente o projeto da FAUP. Projeto esse que foi mergulhado na tendência funcionalista de Siza Vieira.

Hoje situada a oeste do centro da cidade de Porto, a Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto se localiza na região do Campo Alegre, às margens do Rio Douro em uma colina com uma vegetação abundante e em uma área bastante característica na cidade. Por outro lado, o perímetro da faculdade é cortado por um braço de uma importante rodovia que liga a cidade à capital de Portugal, Lisboa (PT.WikiArquitectura, 2017). Assim, a região do projeto se divide entre o bucólico e o caótico, dando espaço para um projeto que pôde alcançar o equilíbrio entre essas duas ambientações.

Tendo a construção da FAUP sido lenta, esse processo se deu em dois momentos distintos. E o primeiro foi de grande importância para a construção da ideia do campus da faculdade. Isso devido ao fato de que nesse primeiro momento, Siza trabalhou com a pré-existência de uma edificação do século XIX restaurando-a, a Quinta da Póvoa, mas também trazendo um novo significado aos jardins dessa mansão, inserindo entre 1985 e 1986 o projeto de um pavilhão para abrigar as salas de aula até o momento da construção da faculdade (PT.WikiArquitectura, 2017).

Figura 36 - Esquema da implantação do Pavilhão Carlos Ramos nos jardins da Quinta da Póvoa



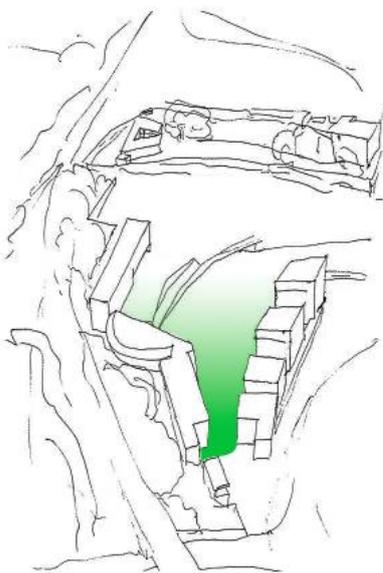
Fonte: DEZEEN. Disponível em: < https://static.dezeen.com/uploads/2011/10/dezeen_Carlos-Ramos-Pavilion-by-%C3%81varo-Siza_08_1000.gif>. Acesso em: 16 de junho de 2017.

E foi com esse pavilhão projetado pelo arquiteto antes da construção do campus da FAUP, que boa parte dos conceitos que posteriormente viriam a ser amadurecidos com o projeto da faculdade apareceram (COPANS, 2001). E isso fica claro ao observarmos características dessa edificação como a ausência de acessos óbvios, a quebra da ideia da perpendicularidade na volumetria e a ideia formal do “U”, inspirada nas residências portuguesas do século XVIII que tinham pátios internos circundados e protegidos pela edificação, mas ao mesmo tempo abertos ao espaço exterior bucólico que os cercava

(PT.WikiArquitectura, 2017). No entanto, como se pode imaginar, com pouco tempo o pavilhão Carlos Ramos tornou-se insuficiente frente à grande demanda do número de alunos.

Naquele momento, no entanto, a FAUP ainda recente disputava com as grandes faculdades da Universidade do Porto pelos melhores espaços do campus ainda disponíveis. Porém, ainda pequena e com projeção para apenas cerca de 500 estudantes, a faculdade ainda não tinha posição para conseguir os melhores terrenos, e por isso recebeu uma parcela do entorno da mansão da Póvoa, para a instalação da FAUP (COPANS, 2001). Assim, de 1986 em diante Álvaro Siza passou a trabalhar no projeto do campus da FAUP, que viria a ter suas construções concluídas somente dez anos depois, em 1996, de acordo com o site “PT.WikiArquitectura” (2017). Porém, mesmo com a demora na execução, o projeto de Siza Vieira demonstrou maestria na resolução dos problemas enfrentados, como a caótica rodovia, que levou o projeto a se voltar para o lado do Rio Douro, ficando reverso ao campus da Universidade do Porto, que se distribui na malha urbana para além da rodovia.

Figura 37 - Croqui de Siza Vieira para a FAUP



Fonte: Portuguese Architectures. Disponível em: < <http://bit.ly/2rmZTRC>>. Acesso em 16 jun. 2017. Adaptado pelo autor.

O partido projetual que Álvaro Siza deu ao seu projeto tinha a influência no ideal do campus na escala da faculdade. E isso podia ser visto na ideia do arquiteto para a implantação do projeto, que previa a separação de todas as funções da faculdade em

blocos, como em um tecido urbano. E essa implantação do projeto funcionava através da ideia de um “U” em formato mais triangular, que começava na portaria localizada na convergência dos prédios a oeste e ia se abrindo em um pátio interno até a antiga edificação, a Quinta da Póvoa e o Pavilhão Carlos Ramos (COPANS, 2001).

Toda a concepção espacial teve grande influência e embasamento na topografia e na forma triangular do terreno recebido para o projeto. Além disso, o arquiteto ainda buscou referências em todo o contexto em que se inseriria o projeto, de forma a torná-lo bem adaptado a esse espaço (COPANS, 2001). Por isso, Siza Vieira optou por retirar todas as referências formais que normalmente se usa em projetos de arquitetura institucional, não mantendo acessos bem definidos e fachadas principais, mas priorizando a relação com o entorno, que ficou evidenciada através da visada na margem oposta do Rio Douro – quase como uma pintura emoldurada pela vegetação do lugar. E essa visada foi alcançada através da disposição proposital de quatro torres voltadas para o rio, se misturando às árvores.

Tomando como foco as torres e a disposição dos demais blocos que compõem a faculdade, há de se destacar a lógica que Álvaro Siza buscou para a melhor funcionalidade do projeto. A começar pelas quatro torres, que visavam atender ao programa de salas de aulas para até 500 alunos, segundo o documentário sobre a FAUP já citado. Esses blocos ficaram locados estrategicamente na parte do terreno voltada para o rio, uma vez que ali as atividades acadêmicas encontrariam o sossego e a beleza bucólica da área. E foi esse posicionamento nessa parcela do terreno que viria a inspirar o arquiteto na concepção formal do projeto. Isso devido ao fato de que quando olhado na margem oposta do rio a longe, podiam ser vistas torres de habitação dos anos 50 na mesma visada do pequeno bosque onde se localizaria o projeto. Através disso, a ideia foi buscar inspiração na volumetria dos blocos vistos ao horizonte, de forma que o novo projeto viesse a dialogar com esses prédios mais a longe (COPANS, 2001). E essa ideia se manifestou nas torres semelhantes entre si, mas diferenciadas por suas janelas e soluções de conforto evidenciadas na forma.

Figura 38 - Fotografia das torres da FAUP e dos edifícios de habitação dos anos 50 ao fundo. Autoria: Richard Copans



Fonte: Documentário “La Facultad de Arquitectura de la Universidad de Porto (Alvaro Siza)- Arquitecturas”, de Richard Copans. Adaptado pelo autor.

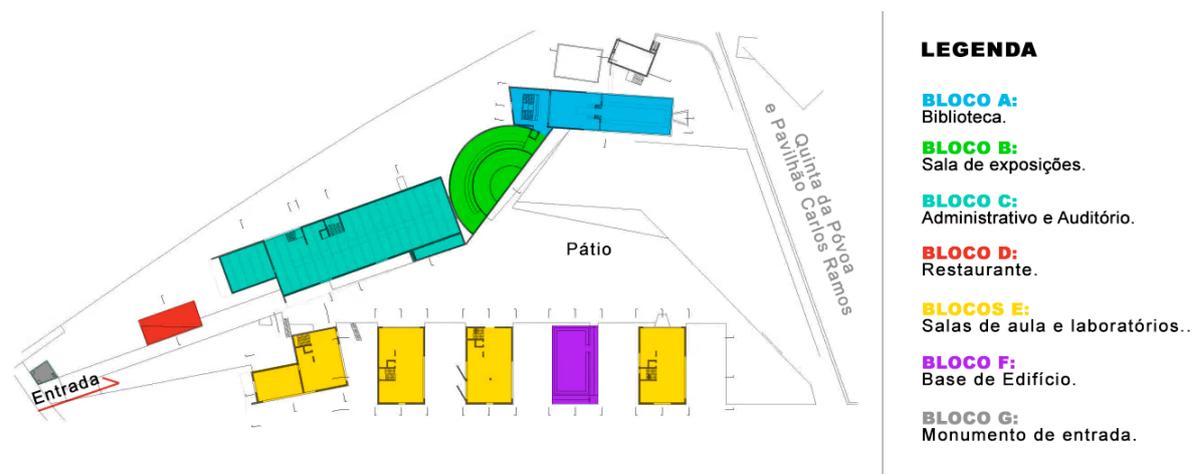
Sobre essas torres, é curioso ressaltar a existência de uma base de uma edificação construída entre a terceira e a quarta torre. Seguindo por sua vez os mesmos espaçamentos que os demais prédios. Essa base ainda hoje sugere ideias quanto ao seu significado, entretanto, segundo o próprio Álvaro Siza (COPANS, 2001) em entrevista sobre seu projeto, essa base foi feita para romper com o alinhamento do gabarito das torres, considerado por ele como muito formal, e dessa forma abrindo a vista do pátio para a paisagem do rio.

Além das torres, no lado oposto do terreno voltado para a rodovia, o arquiteto dispôs três blocos unidos entre si, formando uma grande parede – devido à ausência de aberturas nessa volumetria – e um pátio conformado ao terreno e à topografia. E foi esse grande volume que ficou encarregado de receber todos os espaços para as atividades coletivas da faculdade, assim como os grandes equipamentos da instituição e as funções mais técnicas e administrativas (COPANS, 2001).

Com esse grande bloco formado pela composição de três blocos menores com formas e linhas quebrando o seu aspecto maciço, Álvaro Siza conseguiu isolar completamente o interior da faculdade da agitação da rodovia. E isso não encontrou problemas devido à setorização das atividades operadas nesses espaços, que predominantemente não seriam prejudicadas pela movimentação da via. Dessa forma, nesse volume o arquiteto colocou no primeiro edifício o auditório mais voltado para a parte central e restaurante, no segundo semicircular a sala de exposições e no terceiro a biblioteca, além de toda a

parte administrativa distribuída homogeneamente entre os três prédios na porção espacial mais próxima à rodovia, de forma a receber e isolar boa parte dos ruídos.

Figura 39 - Planta Baixa Geral da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto



Fonte: Blog Portuguese Architectures. Disponível em: <
<https://i1.wp.com/portugueseearchitectures.files.wordpress.com/2014/05/planta-piso3.jpg?w=700&h=&crop&ssl=1>>.
Acesso em: 16 de junho de 2017. Adaptado pelo autor.

Por fim, sobre a ideia de Álvaro Siza para a FAUP, houve uma grande busca por um projeto que pudesse guiar o usuário por si só de uma forma intuitiva pelos caminhos através de uma circulação livre, isto é, o arquiteto deu importância aos espaços de circulação, tornando-os lugares de permanência, uma vez que são nesses ambientes que os estudantes passam a maior parte do seu tempo, e não em salas de aulas ou na biblioteca, por exemplo. Por isso, Siza Vieira criou o projeto como uma pequena cidade, tomando para si os desníveis do terreno e explorando neles os espaços de interação social, criando os pátios como pequenas praças, que para serem acessados necessitam do percurso de outras áreas do projeto.

3. Ferramentas de Avaliação de Pós-Ocupação

Considerando a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e a sua Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU-UFJF) estudadas no primeiro capítulo da presente pesquisa, é nítido que nos últimos anos têm sido adotadas soluções arquitetônicas genéricas e repetidas muitas vezes em todos os casos para a construção das novas edificações do campus.

No entanto, como fica claro quando se analisa as ementas e projetos pedagógicos dos diferentes cursos, pode-se concluir que mesmo dentro de um espaço universitário comum, há uma grande heterogeneidade entre estudantes e professores que utilizam esse espaço. Usuários esses que têm diferentes repertórios culturais, hábitos e diferentes necessidades que acabam por ser tratados superficialmente e ficando inseridos em edificações genéricas. Ou seja, sua ocupação tem grandes chances de enfrentar problemas futuros de origem mais subjetiva, em relação à recepção do espaço construído, mesmo que esse não esteja com patologias, que por vezes são os indicadores genéricos para o sucesso e efetividade da edificação.

O que se propõe, portanto, na presente pesquisa com a inclusão dos métodos de Avaliação de Pós-Ocupação é uma análise das edificações existentes no campus da UFJF, com o enfoque naquelas em que o corpo docente e discente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo frequentam, como forma de alcançar um pleno entendimento dos seus anseios para com o seu espaço de estudo e pesquisa, assim como o levantamento de quais foram os principais problemas acometidos na relação dos usuários com o espaço.

Com a Avaliação de Pós-Ocupação (APO) torna-se possível a total compreensão dos fatores positivos que foram alcançados nos espaços da FAU-UFJF, de forma que esses sejam recomendados e mantidos em projetos futuros, e também os fatores negativos, considerando recomendações e ressalvas também para projetos futuros. Algo que minimizaria ou corrigiria problemas enfrentados atualmente nas edificações da UFJF, e alcançando projetos de sucesso não só devido à falta de patologias e atendimento ao

programa de necessidades, como também na relação agradável do indivíduo com o lugar.

Contudo, antes de se tratar sobre os casos específicos dos espaços da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFJF, faz-se necessário antes a exposição do significado e breve histórico da Avaliação de Pós-Ocupação, bem como os métodos de APO que serão utilizados para a análise. Métodos esses que foram escolhidos de forma a revelar de forma clara os problemas enfrentados atualmente e reclamados por boa parte dos usuários, sendo esses métodos o Passeio Walkthrough, as fichas “Mais Gosto e Menos Gosto” e as Entrevistas Estruturadas, explicados a seguir.

3.1. A Avaliação de Pós-Ocupação

Como traz o livro “Avaliação de Pós-Ocupação: Métodos e Técnicas Aplicados à Habitação Social” (ROMÉRO & ONSTEIN, 2003), a preocupação em relação à qualidade do resultado da obra construída não é algo novo, sendo já retratado desde o período mesopotâmico, quando o Código Hamurabi já previa cinco normas com o intuito de evitar problemas no espaço construído.

No entanto, atualmente poucos são os países que possuem o controle de quais são os problemas mais comuns que acometem as edificações após a sua construção. Países como a Bélgica, Inglaterra, Alemanha e Dinamarca são alguns dos poucos que compreendem através de dados estatísticos que a maior parte das patologias encontradas nos edifícios são relacionadas ao projeto ou à má execução do mesmo (ROMÉRO & ONSTEIN, 2003).

Tendo em mente o Brasil como principal ponto de estudo na presente pesquisa, há ainda de se ressaltar que se conta com uma elevada quantidade de mão-de-obra ainda incapacitada para exercer suas funções, mas que permanece em suas atividades na Construção Civil. Fato que implica em maiores índices patológicos decorrentes da etapa da execução (ROMÉRO & ONSTEIN, 2003). Contudo, recentemente a preocupação em relação à qualidade do produto construído tem crescido significativamente, principalmente em estudos relacionados à norma ISO:9000 que regulamenta a Gestão de Qualidade. Mas essas pesquisas voltam-se principalmente para a fase de execução da obra com o objetivo de ganhar aumento na produtividade e reduzir os desperdícios, quando grande parte dos problemas são decorrentes muitas vezes do próprio projeto

(ROMÉRO & ONSTEIN, 2003). Algo que revela um caminho ainda a ser percorrido no Brasil em relação à qualidade da construção.

Nesse contexto vem a Avaliação de Pós-Ocupação como uma solução que engloba não somente a área da Arquitetura e Urbanismo, mas outras, como um trabalho interdisciplinar. Que consiste em um conjunto de métodos e técnicas que buscam entender quais foram os impactos do ambiente construído no usuário, sejam eles positivos ou negativos, através de aspectos socioeconômicos, construtivos e de infraestrutura, conforto ambiental, fatores energéticos, da estética e da funcionalidade, assim como sociais na ótica não somente dos próprios criadores do projeto, como também dos clientes e usuários (ROMÉRO & ONSTEIN, 2003). Além disso, a Avaliação de Pós-Ocupação (APO) se estabelece como um método de análise com maior potencial do que as avaliações já feitas anteriormente em laboratórios de pesquisa, e conseqüentemente longe do ambiente construído, por levar em conta também as necessidades levantadas pelos próprios usuários em relação à obra, considerando o seu atendimento e a satisfação desses que se apropriam da edificação, como traz o livro “Avaliação de Pós-Ocupação: Métodos e Técnicas Aplicados à Habitação Social” (ROMÉRO & ONSTEIN, 2003).

A Avaliação de Pós-Ocupação (APO) ainda vai além ao incluir o usuário como protagonista com suas percepções e a vivência que tem no espaço construído observado (RHEINGANTZ et.al., 2009). E esse entendimento de que o homem que habita ou consome o lugar estudado é parte essencial para a compreensão dos resultados qualitativos da construção foi um dos norteadores para que o Grupo de Pesquisa da Qualidade do Lugar e Paisagem da UFRJ, o ProLUGAR, viesse a partir de 2004 propor uma nova compreensão dos conceitos da APO, adotando o termo “Abordagem Experiencial” como título dessa nova forma de se pesquisar a qualidade do lugar, que inclui o observador e o usuário como centro dos estudos (RHEINGANTZ & AZEVEDO, 2008).

Assim, a avaliação deixa de ser somente sobre o lugar e sua relação com o usuário, mas coloca esse último como elemento de mesmo peso na avaliação de pós-ocupação, sendo por vezes até mais importante na definição de determinados aspectos da análise do lugar. A avaliação da qualidade do espaço construído passa dessa forma a considerar e valorizar a experiência de vida do observador e do observado, que dão indícios ou respostas claras a muitas questões sobre a efetividade do projeto ou execução da

edificação (ALCANTARA, 2008). Algo que na prática se manifesta através do que se denominou pelo grupo ProLUGAR como “Observação Incorporada”, que vai além da abordagem material, para analisar também os valores subjetivos da relação do homem com o lugar, na qual as emoções e resposta aos estímulos do ambiente por parte tanto de quem avalia que se torna protagonista do processo como os usuários, são fatores conclusivos e enriquecedores na Avaliação de Pós-Ocupação (RHEINGANTZ; AZEVEDO, 2008).

Por outro lado, diferente do que se pode pensar a princípio, a Avaliação de Pós-Ocupação e seus multimétodos já são estudados no contexto internacional por equipes compostas por arquitetos, engenheiros, geógrafos, paisagistas, antropólogos e psicólogos, por exemplo, com grande ênfase para a Europa e Estados Unidos da América, principalmente após a Segunda Guerra Mundial (ROMÉRO & ONSTEIN, 2003). Quando na construção pós-guerra o Modernismo trazia soluções construtivas rápidas e em massa, e conseqüentemente resultados diversificados na execução e projeto devido à rapidez de produção. Dessa forma, observa-se que após esse período a APO configura-se como um importante método de avaliação da qualidade construtiva de grande relevância. No entanto, vale lembrar que durante as décadas seguintes, muito foi acrescentado aos conceitos iniciais, que já foram adaptados e otimizados. Como foi o caso da inclusão da Abordagem Experiencial do grupo ProLUGAR da UFRJ, já citado anteriormente.

3.2. Passeio Walkthrough

Comumente utilizado na Avaliação de Pós-Ocupação, o Walkthrough ou Passeio Guiado é o primeiro abordado entre os utilizados nessa pesquisa, devido à sua tradicionalidade e praticidade, assim como qualidade de resultados sobre os aspectos positivos e negativos do espaço estudado bastante conclusiva (VILLA et.al., 2015). Além disso, esse método torna capaz a familiarização do avaliador com o local de análise que será percorrido durante o processo com um olhar rigoroso e pautado em um roteiro orientado, de forma que a percepção espacial é bastante importante nesse método (VILLA et.al., 2015). Nesse contexto então, o percurso se traduzirá em um conjunto de materiais iconográficos e de multimídias, que posteriormente dão continuidade à familiarização do observador com a edificação e suas devidas condições (RHEINGANTZ et.al., 2009).

Segundo o livro “Observando a Qualidade do Lugar” (RHEINGANTZ et.al., 2009), o método do Passeio Walkthrough é normalmente a primeira das aplicações da Avaliação de Pós-Ocupação a ser feita, quando são necessários mais métodos para a obtenção de melhores resultados. Algo que fica evidente quando se observa que esse método tem a capacidade de revelar tecnicamente através da observação do próprio avaliador, os principais pontos positivos e negativos que o espaço construído tem. Podendo dessa forma, após a aplicação do Walkthrough ocorrer a utilização de outros métodos que venham a aprofundar a análise de acordo com as necessidades reveladas pelo Passeio Guiado (RHEINGANTZ et.al., 2009).

Esse procedimento consiste, portanto, na análise criteriosa do ambiente construído por um grupo de pesquisadores que devem estar em posse de todas as informações necessárias do espaço estudado, como plantas baixas e as fichas de registro propostas no livro “Observando a Qualidade do Lugar” (2009). Materiais esses que possibilitarão aos avaliadores um conhecimento prévio do local em toda a sua extensão, além de facilitar o registro das percepções ambientais que forem ocorrendo durante o percurso guiado, que ficará totalmente registrado nesses documentos que os avaliadores já estarão em posse anteriormente (RHEINGANTZ et.al., 2009).

No entanto, é interessante ressaltar que devido à abordagem que esse método possui dando flexibilidade à avaliação, há a possibilidade de que sua aplicação seja feita de diferentes formas. A exemplo da abordagem mais estruturada em “Grupos de Tarefas” ou “Grupos de Participantes” (BAIRD et.al., 1985 apud RHEINGANTZ et.al., 2009), na qual haverá no primeiro caso um líder que coordenará todas as atividades avaliativas do grupo fomentando discussões entre os membros da equipe, e no segundo caso onde todos ganham as funções analíticas sem serem estimulados por um membro que guiará a equipe.

Visando por isso a flexibilidade de aplicação do Walkthrough, de acordo com o livro “Observando a Qualidade do Lugar” (2009) já citado anteriormente, a forma de aplicação utilizada na presente pesquisa será a utilizada pelo grupo de Avaliação de Pós-Ocupação do ProLUGAR da UFRJ. Modalidade que toma como base o ambiente físico para nortear as percepções no Walkthrough, levando em conta assim a vivência espacial de observadores, técnicos e usuários tanto no âmbito físico como emocional, como um balanço da qualidade do ambiente construído, de acordo com o que propôs Zube (1980 apud RHEINGANTZ et.al., 2009) em sua abordagem do método.

Figura 40 - Ficha de Registro de Walkthrough

AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DO AMBIENTE CONSTRUÍDO					
UFRJ - FAU - PROARQ			PROFESSORA GISELLE ARTEIRO		
ESCOLA ALBERT SCHWEITZER			LARANJEIRAS – RIO DE JANEIRO		
ANÁLISE WALKTHROUGH – Características gerais do edifício					
Grau de avaliação	MB – Muito Bom	RB – Relativ. Bom	RR – Relativ. Ruim	MR – Muito Ruim	NA – Não se aplica
Aspectos Estético-compositivos					
Aparência externa					
Aparência interna					
Imagem					
Cores					
Texturas					
Formas					
Proporções					
Símbolos					
Princípios compositivos					
Padronização					
Aspectos Técnicos Construtivos					
Manutenção / durabilidade					
Materiais					
Racionalidade					
Revestimentos (qualidade)					
Revestimentos (aparência)					
Estratégias de conforto ambiental					
Aspectos Contextuais Ambientais					
Tráfego					
Acesso					
Localização					
Paisagismo					
Topografia					
Vizinhança					
Qualidade do Ar					
Ventilação					
Acústica					
Sombreamento das aberturas					
Temperatura					
Iluminação					
Aspectos Programáticos Funcionais					
Setor pedagógico					
Setor administrativo					
Setor de serviços					
Setor de convivência					
Organização espacial					
Recreação					
Vivência					
Circulações					
Acessos principais					
Acessibilidade					
Possibilidade expansão					
Mobiliário / layout					
Segurança					
Comunicação visual					
Integração interior e exterior					
Estacionamento					
Vandalismo					

Fonte: Relatório de Avaliação de Pós-Ocupação da Escola Municipal Albert Schweitzer (FERNANDES et.al., 2011).

De forma prática, a abordagem utilizada pelo grupo do ProLUGAR normalmente é feita por uma dupla de pesquisadores devido à sua praticidade de aplicação. Uma vez que em posse dos documentos de identificação do lugar (plantas baixas e fichas de registro), um pesquisador assume a função de anotar todas as percepções ambientais nos arquivos, enquanto o outro se responsabiliza por gerar o conteúdo iconográfico do Walkthrough. No entanto, o método também pode ser aplicado por uma única pessoa também, que nesse caso tem a indicação de percorrer o caminho duas vezes, sendo a primeira para fazer fotografias e vídeos, enquanto a segunda para fazer as devidas anotações e impressões (RHEINGANTZ et.al., 2009).

Vale ressaltar que de acordo com a forma clássica de aplicação do Walkthrough, o observador deve-se manter o mais distante do objeto avaliado, levando em conta apenas o seu olhar crítico e criterioso sobre o que está sendo observado. Contudo, como já foi dito anteriormente na conceituação da Avaliação de Pós-Ocupação, desde 2004 o grupo ProLUGAR vem se utilizando de uma nova forma de realizar a avaliação, incluindo o avaliador no centro da pesquisa, isto é, a “Abordagem Experiencial” que defende a impossibilidade de distanciamento crítico por parte do pesquisador. Portanto, a linha de análise utilizada na presente pesquisa será a utilizada pelo grupo ProLUGAR.

3.3. Ficha “Mais Gosto e Menos Gosto”

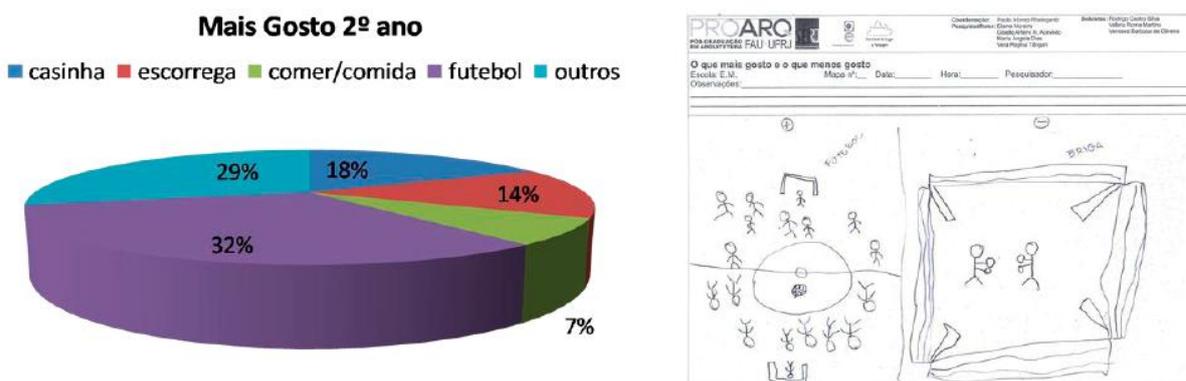
Como um dos objetivos principais da presente pesquisa, que consiste no reconhecimento dos anseios e necessidades dos usuários das edificações que atualmente recebem as aulas da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFJF, houve a necessidade de que um dos métodos de Avaliação de Pós-Ocupação (APO) pudesse revelar de uma forma mais aprofundada quais são os problemas diagnosticados por quem utiliza cotidianamente esses espaços, bem como o que mais agrada os usuários, como forma de evitar as mesmas patologias em projetos futuros e recomendar que se mantenha o que atualmente funciona bem nas edificações da FAU-UFJF.

Necessidades de pesquisa que apontaram para o método da Ficha “Mais Gosto e Menos Gosto”, que foi elaborado pelo grupo de pesquisa “Lugar do Pátio Escolar no Sistema de Espaços Livres do Rio de Janeiro: uso, forma e apropriação” (MARTINS et.al., 2011).

Contudo, dada a devida relevância da autoria do grupo de pesquisa de pátios, segundo Valéria Martins et.al. (2011), esse procedimento de APO trata-se de uma nova forma do clássico “Poema dos Desejos”. Método que foi concebido por Henry Sanoff, e que consiste na aplicação direta de uma ficha na qual os usuários ficam livres para expressar através de desenhos ou da escrita as suas vontades, necessidades e desejos para com o lugar estudado (RHEINGANTZ et.al., 2009). E devido a essa flexibilidade na opção de respostas que fica a cargo do indivíduo avaliado, o resultado da pesquisa torna-se mais amplo e rico, pois não se restringe a uma gama de respostas possíveis, mas se abre para as possibilidades do imaginário reveladas pelas próprias pessoas avaliadas (RHEINGANTZ et.al., 2009).

Entretanto, tomando como base os fins da pesquisa da equipe de pátios, que são bem semelhantes aos desejados no presente trabalho, o procedimento do “Poema dos Desejos” apresenta algumas limitações frente ao propósito desejado, que tem como mais importante que conhecer os desejos e sonhos dos usuários para com um novo espaço, o reconhecimento dos pontos positivos dos locais já frequentados, bem como seus problemas. Algo que inviabiliza o procedimento do “Poema dos Desejos”, uma vez que como retrata Valéria Martins et.al. (2011) no artigo “Interação com usuários em APO de pátios escolares: métodos, instrumentos e aplicação”, há a possibilidade de que esse método gere a expectativa de um projeto de melhorias para o ambiente estudado. Assim, com a ficha denominada “Mais Gosto e Menos Gosto”, não se alcançam respostas voltadas para as expectativas e vontades, mas respostas voltadas para os sentimentos dos indivíduos avaliados para com o lugar estudado, sejam eles concretos ou subjetivos (MARTINS et.al., 2011).

Figura 41 - Exemplo da Ficha "Mais Gosto e Menos Gosto" do Grupo de Pesquisa dos Pátios



Dessa forma, de aplicação simples e intuitiva, a ficha “Mais Gosto e Menos Gosto” demanda ao avaliado apenas que informe sem qualquer restrição quais são seus pensamentos sobre o lugar questionado. E o resultado torna-se bastante conclusivo, pois quando analisado e comparado com todas as avaliações, é capaz de revelar quais são as opiniões coletivas sobre o lugar, e conseqüentemente qual a influência positiva ou negativa que ele exerce sobre os indivíduos que o utilizam.

3.4. Entrevista Estruturada

Sendo o último dos procedimentos de Avaliação de Pós-Ocupação a ser tratado no presente trabalho, a entrevista é um importante instrumento de trabalho, sendo um dos principais tipos de pesquisa nas ciências sociais, segundo traz o livro “Pesquisa em Educação / Abordagens Qualitativas” (1986). E sua aplicação nessa pesquisa contribui ainda mais na riqueza de detalhes a oferecer sobre o ponto de vista dos membros da FAU-UFJF sobre as atuais edificações e o que pode ser feito em novos projetos.

A entrevista por sua vez tem uma característica bastante importante, que se estabelece na relação interpessoal, podendo o entrevistador e o entrevistado exercerem influência um sobre o outro. Além disso, a entrevista possui caracteristicamente a vantagem de fornecer as informações desejadas imediatamente, independente do indivíduo que está sendo entrevistado, de forma que a entrevista torna possível ampliar o alcance da pesquisa a pessoas que não teriam acesso aos outros métodos devido à falta de instrução, por exemplo (LÜDKE & ANDRÉ, 1986).

Tendo em vista então esse procedimento de APO, há três formas de aplicação possíveis: a entrevista estruturada, a semiestruturada e a não-estruturada (RHEINGANTZ et.al., 2009). Sendo a primeira pautada em um roteiro pré-definido semelhante a um questionário que conduzirá toda a conversação, de forma que se aplicada em maiores quantidades, torna-se possível a criação de um padrão comparativo entre elas. Já a entrevista semiestruturada, há também alguma previsão de perguntas ou um esquema básico do que se pretende com a conversação, no entanto, a sua aplicação fica livre e sem se conter ao que foi programado previamente. E a última por sua vez, a entrevista não-estruturada, que normalmente é aplicada em pesquisas que buscam entender mais profundamente como agem, percebem e são estimulados os indivíduos entrevistados. Sendo assim, essa entrevista fica livre às respostas espontâneas do entrevistado, contudo, sua aplicação eficaz depende completamente do conforto do entrevistado, que não sendo forçado revela seus pensamentos de forma auto reveladora sem qualquer influência do entrevistador (RHEINGANTZ et.al., 2009).

Entretanto, independentemente do tipo de aplicação da entrevista escolhido para a pesquisa, em todos os casos existem alguns cuidados que devem ser tomados e exigências que devem ser cumpridas. A começar pelo entrevistado, que deve ter desde suas informações e impressões prezadas e guardadas, até sua comodidade garantida ao horário das entrevistas mais adequado ao próprio entrevistado. Além disso, Lüdke e

André (1986) ainda ressaltam que o entrevistador deve ter a capacidade de ouvir e estimular o indivíduo a prosseguir com suas informações, criando um ambiente de confiança entre ambos. Algo que se tornou consenso entre os autores (LÜDKE & ANDRÉ, 1986), de que a entrevista foge dos padrões técnicos para ter sua eficácia dependente das habilidades do aplicador. Há, por exemplo, o cuidado que foge do saber técnico e vai para o campo da habilidade prática, que alguns autores denominam “atenção flutuante” (Thiollent, 1980 apud LÜDKE & ANDRÉ, 1986), isto é, a capacidade do entrevistador em estar atento não somente ao roteiro, como também nos gestos e expressões do entrevistado, seu modo de falar e se comportar durante a entrevista, que também têm grande importância para a confirmação do que está sendo dito verbalmente.

Assim, para o presente trabalho fica escolhida a entrevista estruturada, seguindo um roteiro pré-definido que tornará possível alinhar a visão de todos os entrevistados e chegar à conclusão de quais pontos são consenso e quais são mais relevantes para cada seguimento representado através do entrevistado. E dessa forma, consequentemente os resultados da entrevista serão de grande valia para a compreensão da realidade da FAU na visão de quem a compõe, seja no corpo docente, discente ou técnico.

4. Tratamento dos Dados e das Informações

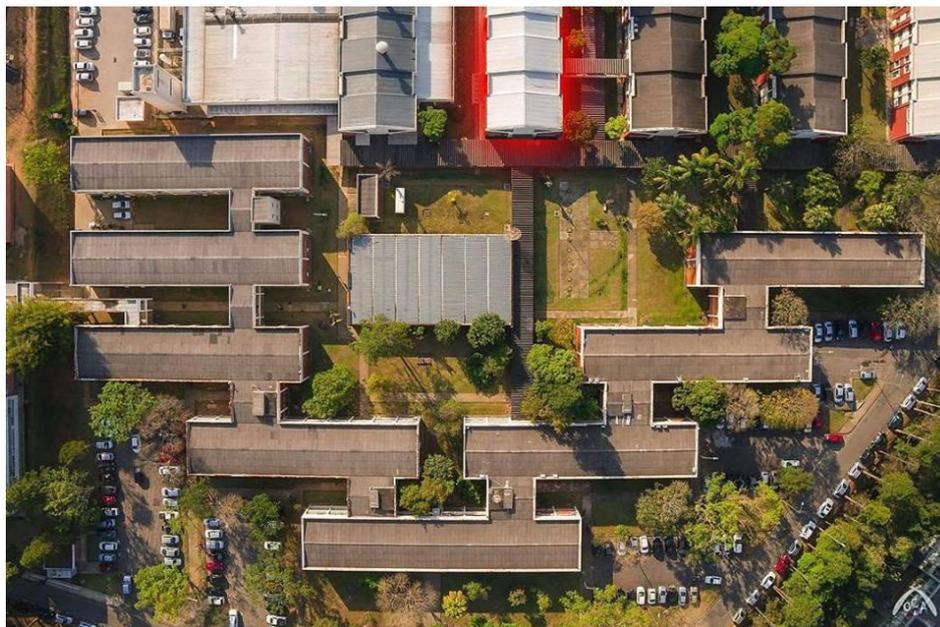
Tendo sido apresentadas as ferramentas de Avaliação de Pós-Ocupação e o embasamento teórico de cada uma delas, podem-se agora ser retratadas as metodologias específicas utilizadas no presente trabalho, assim como seus resultados.

Sendo assim, a seguir sistematicamente serão expostos os materiais utilizados na Avaliação de Pós-Ocupação dos espaços que sediam as atividades da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFJF. Além disso, serão também apresentadas as suas formas de aplicação e análises dos desafios e implicações dessas atividades na prática. Por fim, serão levantados os dados coletados, bem como os resultados estatísticos e comparativos entre eles.

Portanto, pretende-se com este capítulo apreender todos os resultados da pesquisa de campo, a fim de se compreender de forma direta qual é a realidade enfrentada atualmente nesses espaços citados anteriormente, sendo ela positiva ou negativa.

4.1. Passeio Walkthrough

Figura 41 - Galpão da Arquitetura destacado em Fotografia Aérea da área da Engenharia. Autoria: Igor Tibiriçá.

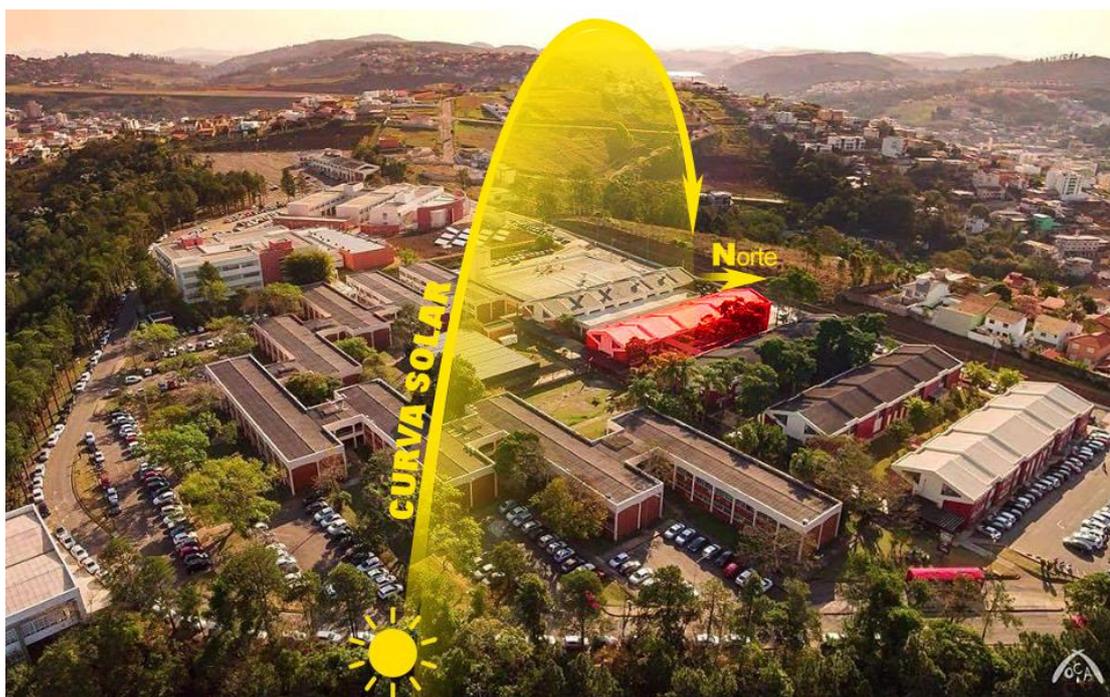


Fonte: Facebook UFJF. Disponível em: < <https://www.facebook.com/UFJFoficial/>>. Acesso em: 26 de junho de 2017.

Situada na Universidade Federal de Juiz de Fora, a edificação em estudo abriga o curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, se inserindo em um conjunto de outras edificações de mesma tipologia na área do campus voltada para a Engenharia, se caracterizando por serem galpões (Figura 42). Em suas estruturas internas, predominantemente esses espaços são dotados de dois pavimentos que se repetem, porém, no caso do Galpão da Arquitetura, após as reformas citadas anteriormente, sua planta baixa foi modificada, de forma que se tornou diferente dos demais, estando a edificação apenas externamente com a mesma identidade encontrada nos demais galpões.

De acordo com sua localização e disposição, foi possível verificar que a edificação está implantada no campus no eixo NO – SE (Figura 43), ou seja, naturalmente a edificação recebe insolação em suas duas fachadas laterais durante todos os períodos do ano. Entretanto, é importante enfatizar que devido à vegetação e edificações circundantes, tal condição é amenizada. Assim, inicialmente no passeio *Walkthrough* já foi possível observar essa insolação excessiva, que no Inverno não incomoda – época da aplicação deste procedimento de Avaliação de Pós-Ocupação – mas torna-se um problema no Verão, já que os laboratórios se encontram dispostos em todo o perímetro da edificação, como veremos a seguir, e conseqüentemente sofrem com o aquecimento em épocas mais quentes.

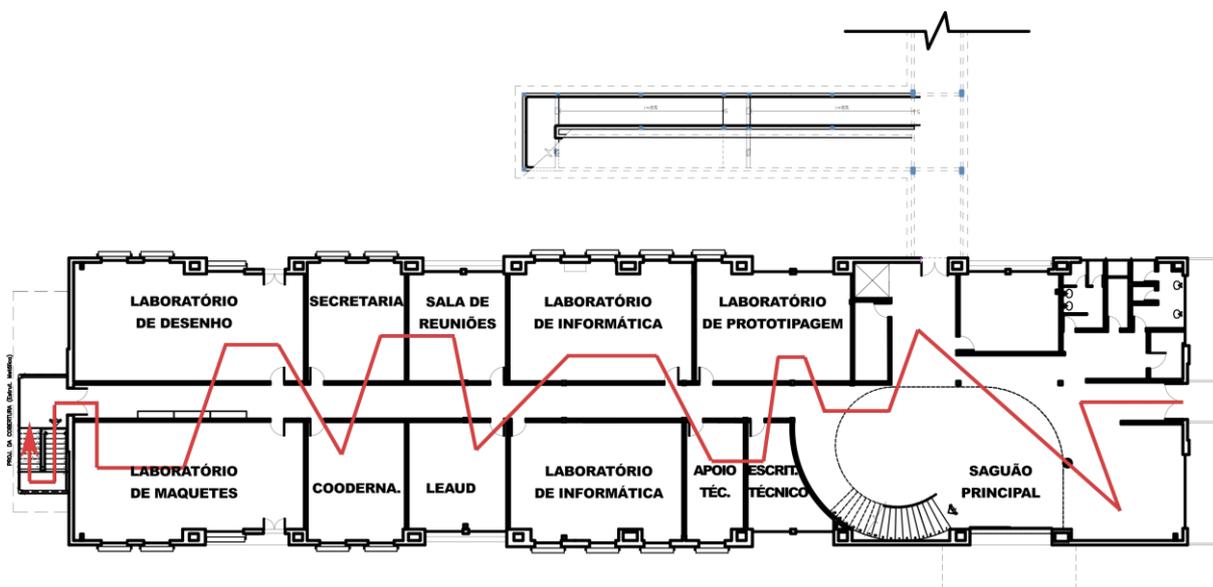
Figura 42 - Fotografia do Galpão da Arquitetura com Curva Solar



Fonte: Facebook UFJF. Disponível em: < <https://www.facebook.com/UFJFoficial/>>. Acesso em: 26 de junho de 2017.

Assim, tendo conhecido a localização do Galpão da Arquitetura e suas condições, a partir do embasamento teórico citado no capítulo 3 desta pesquisa, foi feito o passeio *Walkthrough*. Percurso que se iniciou a partir da porta de entrada principal da edificação, seguindo pelo saguão principal e passando pelos Laboratório de Prototipagem, Escritório e Apoio Técnico, Lab. De Informática, Laboratório de Estudo das Linguagens e Expressões da Arquitetura, Urbanismo e Design (LEAUD), Sala de Reuniões, Coordenação, Secretaria, Laboratório de Desenho e Lab. de Maquetes (Figura 44), posteriormente indo para o segundo pavimento, que será também abordado a seguir. Ademais, é importante enfatizar que todo o processo do passeio *Walkthrough* foi amparado pelo uso de dois tipos de fichas de registro (APÊNDICE I e II), inteiramente baseados nos modelos elaborados pelo grupo que avaliou o desempenho da Escola Municipal Albert Schweitzer (FERNANDES et.al., 2011). Fichas que têm por intuito registrar os aspectos estéticos e compositivos, os aspectos técnicos construtivos, os aspectos contextuais ambientais e os aspectos programáticos funcionais da edificação, bem como características e condições específicas de cada ambiente, como materiais, revestimentos e cores, além de temperatura, iluminação, qualidade do ar e acústica, por exemplo.

Figura 43 - Percurso do passeio Walkthrough no pavimento térreo do Galpão da Arquitetura



Fonte: Do Autor.

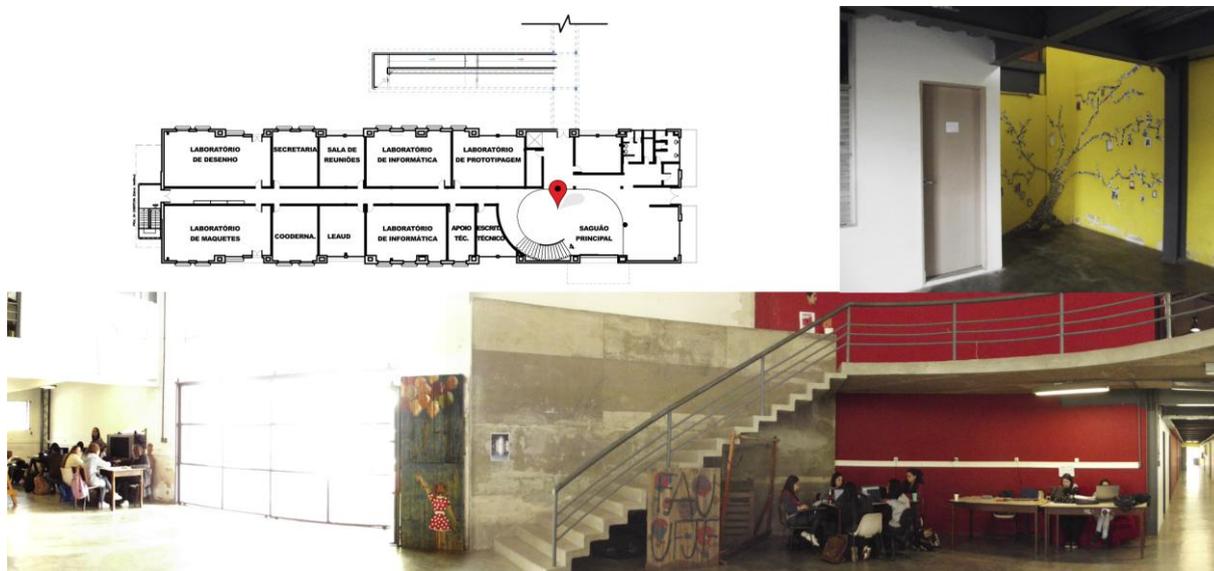
Tomando então como ponto de partida para a análise do passeio *Walkthrough*, o Saguão Principal, foi possível observar imediatamente que esse é o ambiente do qual as pessoas mais se apropriam na edificação. Nele havia no momento da visita um bom número de indivíduos interagindo – cerca de trinta pessoas – e utilizando seus computadores para

estudos. Além disso, pôde-se verificar a existência de mobiliário para uso dos próprios discentes em suas atividades, como mesas e cadeiras, porém, faz-se necessário ressaltar que boa parte desses móveis tinham algum tipo de degradação de diferentes naturezas (mal-uso e obsolescência, por exemplo).

Esse ambiente, caracterizou-se por uma materialidade mais rústica – algo que se observa na maioria dos espaços da edificação -, principalmente pelo uso do cimento queimado no piso e parede, além do uso pontual de tinta sobre emboço e as estruturas aparentes. Contudo, fugindo à caracterização geral, o teto tinha seu acabamento em forro de placas de gesso acartonado, que por sua vez possuíam uma série de patologias devido à falta de manutenção adequada.

Sobre as questões relativas ao conforto ambiental, em geral, durante a avaliação o espaço encontrava-se confortável tanto na qualidade do ar, como na iluminação, porém, o ambiente encontrava-se bastante frio, ainda que o espaço externo estivesse recebendo insolação suficiente. E quanto à acústica, o espaço tinha muito ruído, devido ao bom número de usuários, mas isso não atrapalhava nas atividades.

Figura 44 - Fotografias do Galpão da Arquitetura e seu posicionamento em Planta Baixa



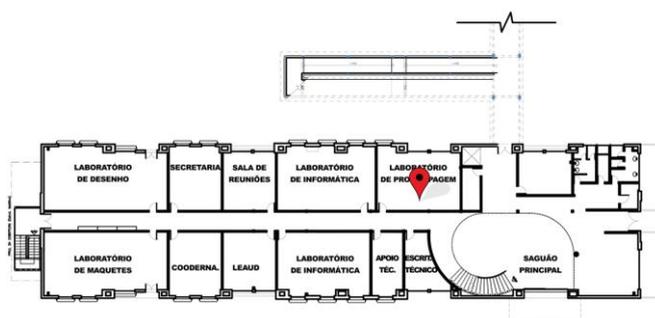
Fonte: Do Autor.

No Laboratório de Prototipagem, devido às necessidades de adaptação às normas técnicas de segurança, naturalmente não havia pessoas e qualquer atividade ocorrendo no ambiente, ainda que o espaço estivesse com o todo o mobiliário, isto é, a máquina de corte a laser, computador auxiliar e caixas lacradas.

A sala em relação à sua materialidade, apresentava também o piso em cimento queimado, mas se diferenciava nas paredes emboçadas e acabadas em pintura branca, e no teto que não tinha nenhum tipo de acabamento, ficando a laje em *steel deck* aparente, assim como a estrutura e as instalações.

O laboratório tinha no momento da avaliação uma iluminação natural não muito forte, mas confortável, entrando através das janelas basculantes. Todavia, essa iluminação para processos mais delicados, como os executados durante as atividades no laboratório, que geralmente requerem uma maior iluminação para a visualização do trabalho, não se mostrou suficiente para essas atividades exercidas no ambiente, havendo a necessidade perceptível de iluminação artificial como complemento. Sobre a temperatura, nesse ambiente também se verificou que estava mais frio, assim como no saguão, além de ter sido observado que nessa sala também havia ruídos, provenientes das relações interpessoais que ocorriam no saguão, mas isolados pelas paredes que amenizavam a intensidade.

Figura 45 - Fotografia do Laboratório de Prototipagem e seu posicionamento em Planta Baixa



Fonte: Do Autor.

Nos ambientes seguintes, o Laboratório de Informática e a Sala de Reuniões, que durante a aplicação do *Walkthrough* também não tinham pessoas os utilizando, e conseqüentemente sem qualquer tipo de atividade em exercício, houve condições bastante parecidas entre ambos, e por isso, possibilitou-se estabelecer um padrão comparativo entre esses dois ambientes.

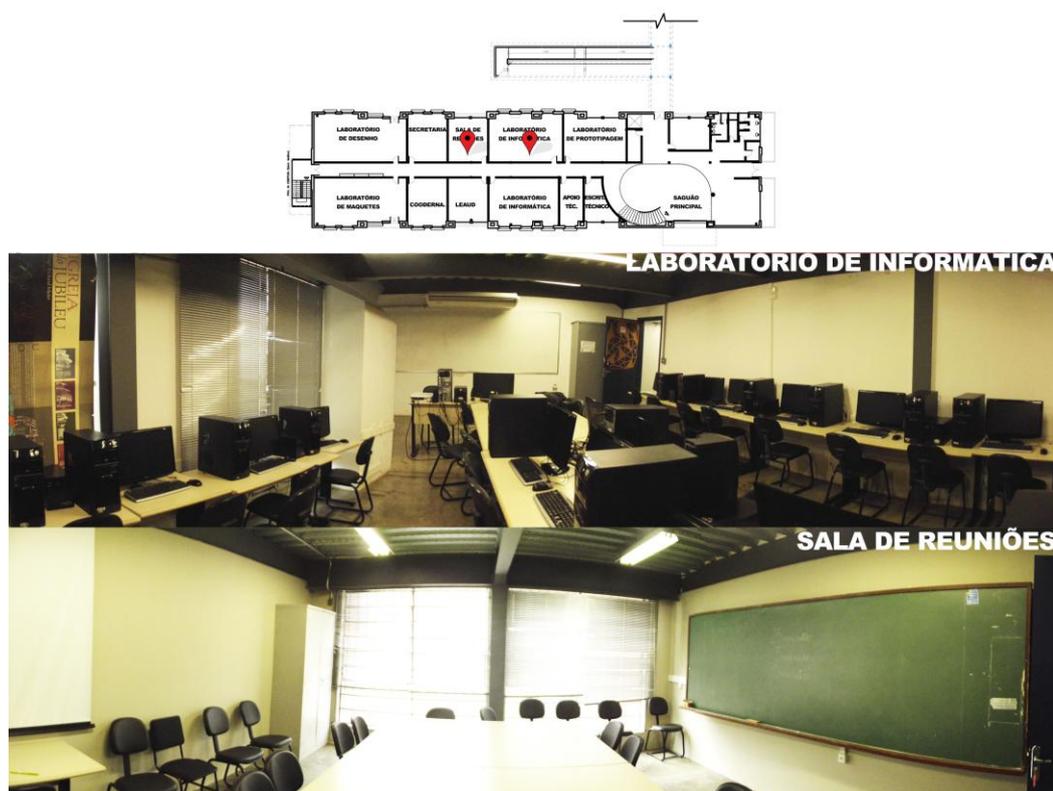
O mobiliário em ambas as salas, consistia em mesas e cadeiras, estando a diferença entre elas no layout do espaço, que no Laboratório de Informática tinha mesas dispostas no posicionamento tradicional de aulas, enquanto na sala de reuniões, a mesa de maior escala se encontrava disposta ao centro da sala, e as cadeiras distribuídas em seu

entorno. Além disso, em ambos os ambientes, foi possível observar a existência de cortinas persianas, para vedação da iluminação para apresentações em Datashow. Contudo, pôde-se verificar uma diferença na eficiência entre ambas, devido a fatores externos.

Estando o Laboratório de Informática localizado próximo à vegetação e da rampa para acesso de cadeirantes ao galpão, observou-se uma obstrução da entrada de iluminação no ambiente, que junto à cortina persiana proporcionou uma grande vedação da luz, tornando-se necessária a utilização de iluminação artificial. Já na sala de reuniões, tais condições externas são inexistentes, entrando a luz com mais facilidade. Entretanto, como pôde-se observar nas fotografias (Figura 47), nos dois ambientes houve a utilização de iluminação artificial. Uma necessidade já observada no Laboratório de Prototipagem, como foi falado anteriormente.

Sobre as condições ambientais relativas à temperatura, qualidade do ar e acústica, também houve bastante semelhança ao que se encontrava no Laboratório de Prototipagem, estando apenas a Sala de Reuniões levemente mais confortável em relação à temperatura que às demais.

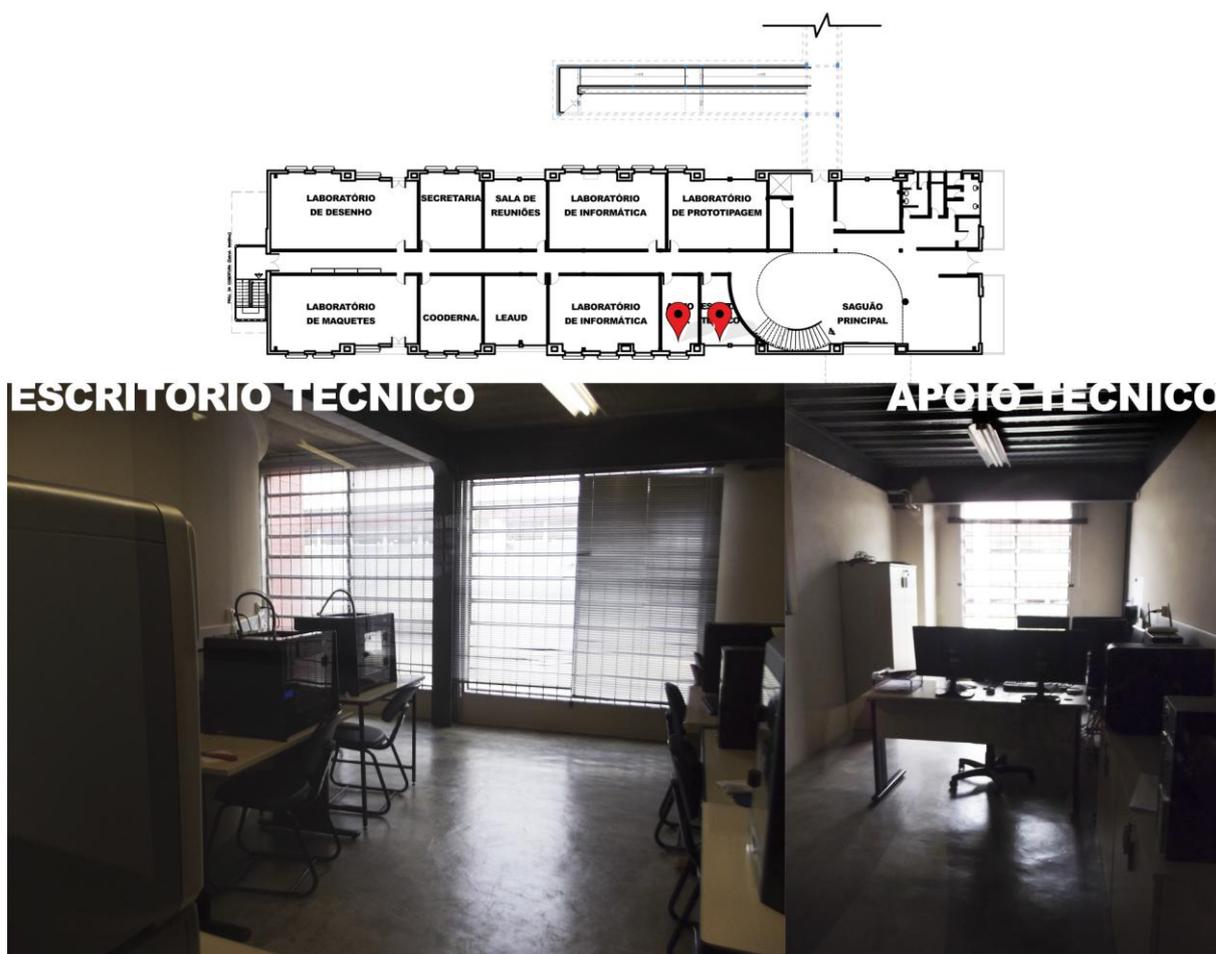
Figura 46 - Fotografias do Laboratório de Informática e da Sala de Reuniões e seu posicionamento em Planta Baixa



Fonte: Do Autor.

No lado oposto ao Laboratório de Prototipagem e à Sala de Reuniões, se encontram as salas do Apoio Técnico e do Escritório Técnico, que também possuem os mesmos acabamentos de piso, parede e teto que as anteriores, além de mobiliário semelhante. Porém, a diferença destas salas em relação às demais que se encontram ao outro lado da circulação, se deu em virtude da qualidade do ar que estava levemente comprometida com os odores provenientes do Restaurante Universitário, além da acústica que sofria com sérios problemas de ruídos devido à proximidade com a área de circulação externa e da temperatura que estava mais agradável e confortável nesses ambientes, bem como da iluminação natural que se encontrava bastante fraca, ficando os ambientes conseqüentemente escuros.

Figura 47 - Fotografias do Escritório e do Apoio Técnico e seus posicionamentos em Planta Baixa



Fonte: Do Autor.

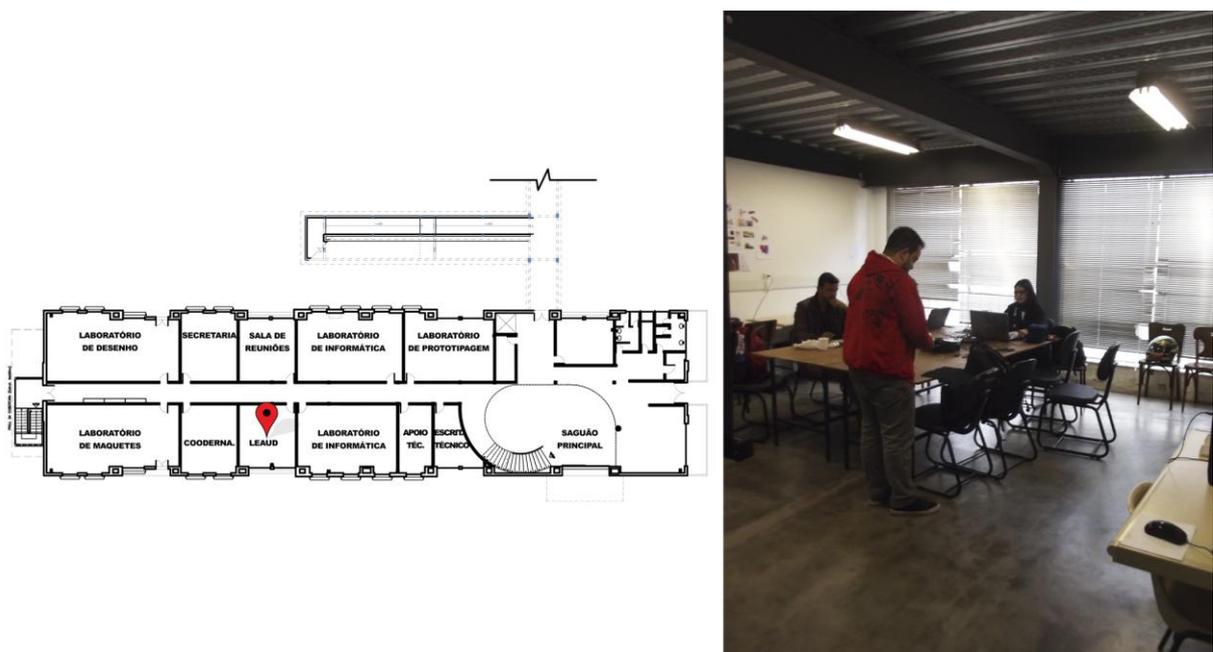
No Laboratório de Estudo das Linguagens e Expressões da Arquitetura, Urbanismo e Design (LEAUD), pôde-se encontrar situação semelhante às Salas de Apoio e Escritório Técnico, uma vez que a temperatura também era agradável, mesmo com o frio do Inverno característico dessa época do ano. Porém, assim como nas anteriores, a iluminação

natural não era suficiente, havendo a necessidade de se recorrer à iluminação artificial para a melhor utilização do espaço. Vale ressaltar, que as cores mais fechadas do piso em cimento queimado e do teto em *steel deck* colaboravam nessa condição, por não oferecerem uma boa reflexão da luz externa. Além disso, também havia problemas nesse ambiente em relação à emissão externa de ruídos, que além de serem relacionados à circulação entre o galpão e o Restaurante Universitário, também era devido à movimentação de veículos da rua ao fundo da edificação. Além disso, nesse espaço também foi notado um problema em relação aos odores fortes do restaurante.

Relativo ao layout dessa sala, pôde-se observar certa improvisação na disposição do mobiliário, que estava colocado nas posições que coubessem no espaço, não havendo maiores preocupações com um design mais elaborado e adequado às condições dos usuários.

Nessa sala, por outro lado, foi possível encontrar pessoas utilizando o ambiente, que se dispunham ao redor da mesa principal de reuniões ao centro da sala, utilizando seus computadores em estudos. Aparentemente, esses usuários estavam bem acomodados no ambiente, mas observando o espaço, foi possível perceber que os pertences dessas pessoas se encontravam distribuídos nas cadeiras não utilizadas, revelando uma falta de mobiliário específico para esse tipo de necessidade.

Figura 48 - Fotografia do LEAUD e seu posicionamento em Planta Baixa



Fonte: Do Autor.

Próximo ao espaço destinado às atividades do LEAUD, se encontra o espaço da Secretaria e da Coordenação da FAU-UFJF, que também foram analisados no passeio *Walkthrough*. Esses espaços, assim como os outros também possuem o acabamento do piso em cimento queimado, o teto sem acabamento e as paredes emboçadas e acabadas em tinta branca. Mas diferente do contexto geral do Galpão da Arquitetura, no dia da aplicação do procedimento, essas salas tinham uma iluminação natural mais confortável, ainda que fosse necessário o uso de iluminação artificial, como se pode ver nas fotografias (Figura 49).

Figura 49 - Fotografia da Secretaria e seu posicionamento em Planta Baixa



Fonte: Do Autor.

Na Secretaria, não houve problemas com o conforto ambiental em relação à qualidade do ar, entretanto, na Coordenação igualmente aos demais ambientes encontrados do lado do Galpão com o Restaurante Universitário, percebeu-se fortes odores. Além disso, entre esses dois ambientes analisados, houve diferenças em relação ao conforto acústico, que na Secretaria encontrava-se relativamente silencioso durante a aplicação, enquanto na Coordenação percebia-se considerável quantidade de ruídos devido à circulação ao fundo. Já em relação ao conforto térmico, verificou-se uma temperatura mais confortável que os demais ambientes analisados anteriormente, apesar de estarem posicionados em lados diferentes da edificação. Todavia, era perceptível problemas nos dois espaços relacionados ao mobiliário, que se encontrava bastante improvisado.

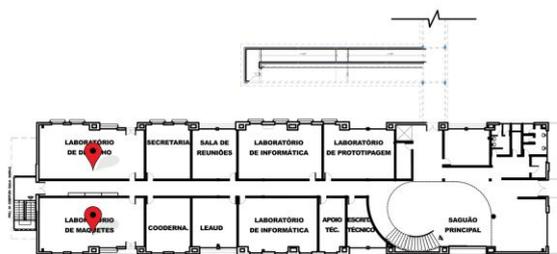
Nesses dois casos, havia mesas, cadeiras e armários distribuídos em todo o espaço, ocasionando uma saturação do ambiente. Além disso, devido à falta de divisões dos

espaços informalmente montados dentro da sala, os armários serviam como barreira espacial, ressaltando essa má organização do espaço visualmente.

Por fim, sendo os últimos dois ambientes restantes do primeiro pavimento do Galpão da Arquitetura, os laboratórios de Desenho e Maquetes, pôde-se encontrar uma configuração semelhante. No layout de ambas as salas, a organização se desenvolveu a partir das pranchetas que se encontravam distribuídas de forma irregular ao longo de toda a sala.

Ao redor dessas pranchetas então, ficavam dispostos armários e prateleiras que acomodavam os trabalhos práticos de cada disciplina. Uma disposição que denota, assim como no LEAUD e na Secretaria, grande improviso na formatação do ambiente.

Figura 50 - Fotografias dos Laboratórios de Maquetes e de Desenho e seus posicionamentos em Planta Baixa



Fonte: Do Autor.

Em relação ao conforto ambiental, pôde-se observar uma variação entre os laboratórios. A começar pelo conforto acústico, o laboratório de desenho estava melhor colocado, devido ao distanciamento do Restaurante Universitário, entretanto, ambos os laboratórios enfrentavam problemas relativos aos ruídos emitidos pelo fluxo de veículos ao fundo.

Termicamente, havia uma equiparação dos ambientes, que estavam relativamente confortáveis, apesar do frio característico da época da avaliação. Sobre a qualidade do ar, o Laboratório de Maquetes recebia fortes odores do restaurante, enquanto o de Desenho não tinha nenhum problema dessa natureza. E em relação à iluminação, o Laboratório de Desenho contava com a iluminação artificial para melhor claridade, enquanto o de Maquetes estava confortavelmente iluminado pela própria luz natural.

Continuando o percurso, o passeio *Walkthrough* conduziu-se para fora da edificação, para continuar pela escada externa de acesso ao segundo pavimento. Mas aqui cabe uma breve avaliação geral da edificação, a partir desse momento do trajeto.

Sendo assim, externamente o edifício apresenta uma aparência regularmente boa, tendo seus tijolos aparentes perceptivelmente pintados recentemente em uma tinta com tonalidade avermelhada. Porém, é importante enfatizar que há irregularidades na pintura das paredes, que possuem manchas estriadas da tinta, caracterizando uma manutenção de qualidade questionável.

Figura 51 - Fotografia da Fachada dos Fundos do Galpão da Arquitetura



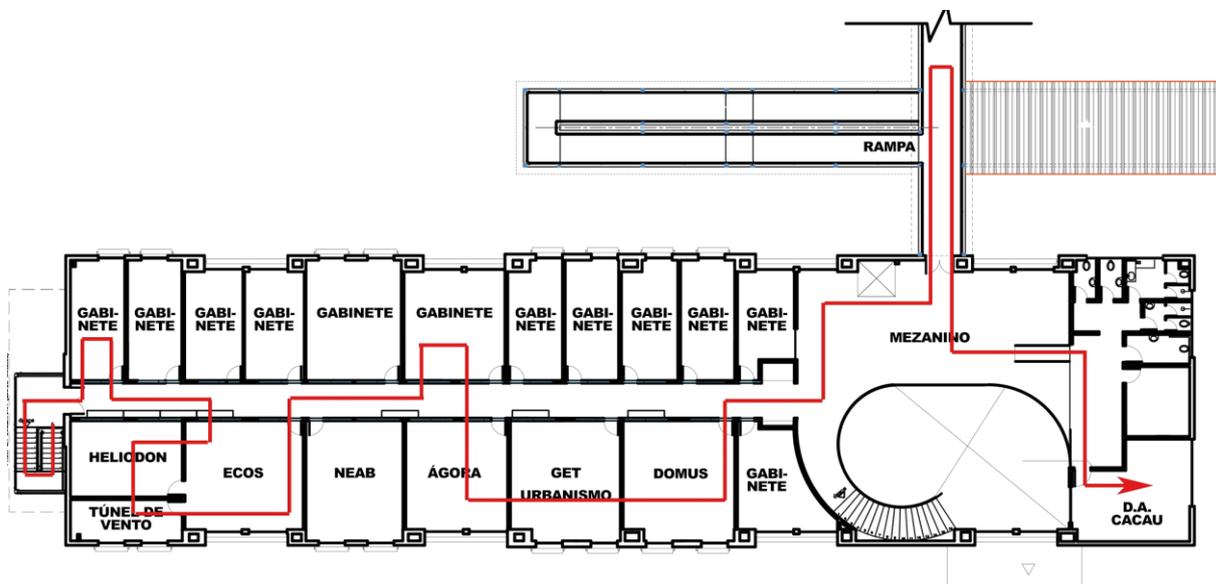
Fonte: Do Autor.

Externamente, foi possível verificar também que há tráfego constante de pessoas e veículos ao redor da edificação, e por vezes, há fluxo de indivíduos entrando e saindo do Galpão da Arquitetura. Além disso, a partir dessa apreensão do ambiente externo, verificou-se também que não há um projeto de paisagismo pensado para a região, estando esse trabalho restrito às áreas gramadas ao redor da edificação, assim como constatou-se que devido à existência de uma elevação da topografia ao fundo do galpão no lado oposto da rua, e devido aos demais galpões circundantes, há um impedimento do fluxo mais contínuo dos ventos no galpão. Verificou-se também que a edificação sofre com problemas de acessibilidade, ainda que se tenha trabalhado com rampas, uma vez que não se abrangem outras dificuldades de mobilidade além daquelas circunscritas aos

cadeirantes. Além disso, foi observado que não há possibilidade de expansão da área do galpão externamente. Por fim, um fato bastante relacionado aos problemas de iluminação no interior é a falta de integração entre o interior e o exterior, que fica comprometida pelas janelas basculantes, e pela falta de mais aberturas.

Prosseguindo o percurso para o segundo pavimento, o passeio *Walkthrough* se deu pelos ambientes com maior importância para o curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-UFJF. Sendo assim, partindo da circulação, foi visitado um gabinete compartilhado para dois professores – exemplificando todos os demais nesta mesma condição -, posteriormente passando pelo Laboratório de Conforto Ambiental (ECOS) e suas salas internas para o Heliodon e Túnel de Vento, indo em seguida para um gabinete compartilhado entre quatro professores – que serviu de parâmetro comparativo para o outro gabinete existente para o mesmo número de docentes -, e depois para os núcleos de pesquisa Ágora, GET (Grupo de Pesquisa Tutorial – Urbanismo), DOMVS (Laboratório de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagem) e seguindo para o Mezanino, Rampa e finalizando o procedimento no Centro Acadêmico do Curso de Arquitetura e Urbanismo (CACAU).

Figura 52 - Percurso do passeio Walkthrough no segundo pavimento do Galpão da Arquitetura



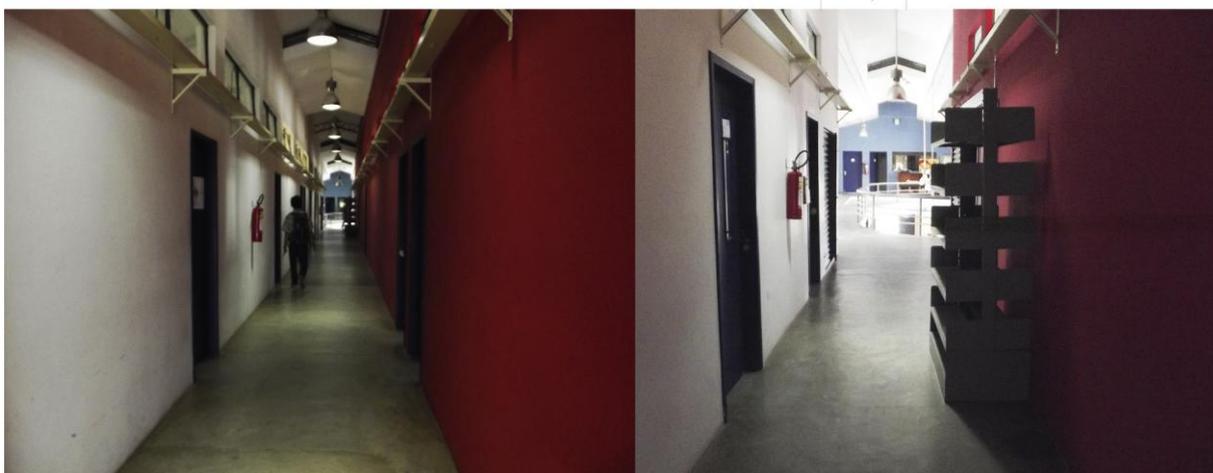
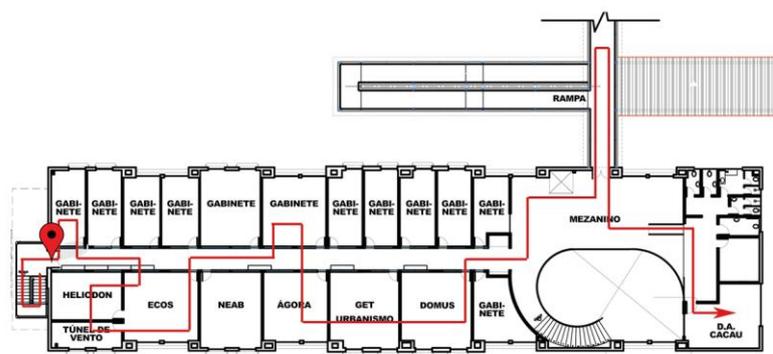
Fonte: Do Autor.

Analisando dessa forma o percurso citado na Figura 52, o primeiro espaço com que se teve contato no segundo pavimento seguindo o percurso programado para o Walkthrough, foi a circulação. Espaço esse que igualmente aos ambientes analisados no pavimento inferior, também tinha o acabamento de piso em cimento queimado. Por outro

lado, as paredes nesse caso não apresentavam o acabamento somente em tinta branca como se observou na maior parte dos ambientes inferiores. No caso da circulação do segundo pavimento, foi verificado o uso da tinta vermelha para as paredes de um lado do corredor, enquanto o outro foi acabado em pintura branca.

Em relação ao teto, diferente do que se encontrou em todos os casos em que a laje em steel deck se encontrava aparente, exceto o saguão principal, na circulação do segundo pavimento havia o acabamento do teto com forro em placas de gesso acartonado – algo que se repetiu nos demais ambientes analisados, que serão retratados a seguir – que apresentavam problemas patológicos por falta de manutenção.

Figura 53 - Fotografias da circulação e seu posicionamento em Planta Baixa



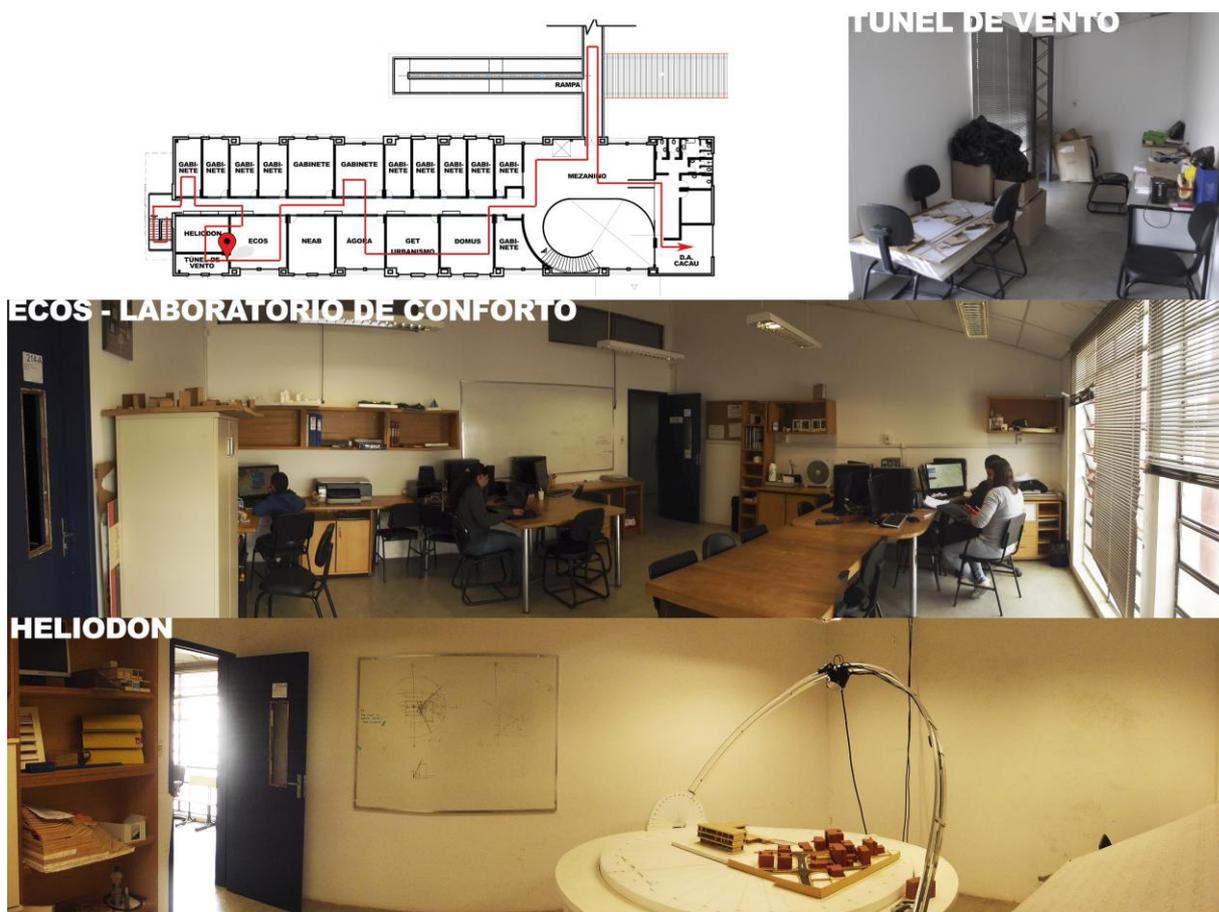
Fonte: Do Autor.

Percebeu-se na circulação problemas relativos à falta de conforto ambiental, caracterizada principalmente pelo não tratamento térmico, devido ao isolamento da circulação das fontes de calor natural, como a insolação, tendo como resultado um ambiente caracteristicamente frio. Além disso, notou-se que a iluminação neste espaço era bastante deficiente, dependendo completamente do uso de iluminação artificial, que durante o dia atendia à demanda – apesar de o espaço ainda nesse caso estar

relativamente escuro –, mas durante a noite perceptivelmente não era suficiente. E pôde-se também constatar que não havia qualquer tipo de tratamento acústico, para evitar que os ruídos emitidos no saguão e na rua aos fundos do galpão chegassem à circulação, e conseqüentemente aos laboratórios e gabinetes dos docentes.

Prosseguindo com o passeio *Walkthrough*, foi avaliado o Laboratório de Conforto Ambiental e as salas dedicadas ao Heliodon e ao Túnel de Ventos, que tinham os acabamentos das paredes em tinta branca sobre emboço.

Figura 54 - Fotografias dos espaços do Laboratório de Conforto e seu posicionamento em Planta Baixa



Fonte: Do Autor.

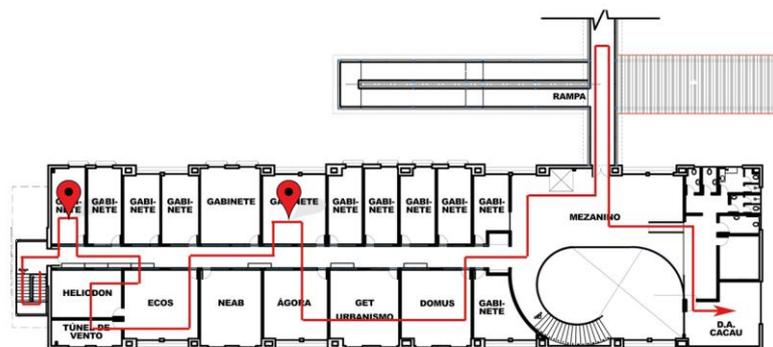
Nesses casos, foi observado uma condição consideravelmente melhor para o conforto ambiental do que nos ambientes inferiores e na circulação, tendo sido percebido uma boa e confortável iluminação natural, sem que houvesse a necessidade de uso de iluminação artificial, com exceção à sala do Heliodon – que não tinha nenhuma abertura para o exterior – que se encontrava bastante escura, mas podendo ser iluminada artificialmente de forma eficiente para as atividades ali exercidas. Ademais, também se verificou um bom conforto térmico, devido à insolação incidente na fachada, com exceção novamente à

Sala do Heliodon, que se encontrava relativamente fria, assim como foi notado um odor moderado proveniente do Restaurante Universitário, na sala do Túnel de Ventos e na sala principal do laboratório.

Em relação ao mobiliário, pôde-se constatar uma boa organização espacial na sala principal, com o layout das mesas que acomodava muito bem os pesquisadores na utilização de seus computadores pessoais, materiais impressos ou os próprios computadores de plataforma do espaço. Entretanto, nas salas do Heliodon e do Túnel de Ventos havia uma certa desorganização caracterizada principalmente pelo acúmulo de objetos e materiais e falta de espaço, se destacando nesse ponto a sala do Túnel de Ventos que ainda não foi executado, funcionando como um depósito de materiais.

Em relação aos gabinetes, foram visitados durante o passeio *Walkthrough* dois gabinetes que tipificam os demais, sendo um compartilhado para dois docentes, e o outro para quatro docentes. Sendo assim, nos dois casos observados, foram encontradas situações bastante semelhantes.

Figura 55 - Fotografias dos Gabinetes do Corpo Docente e seus posicionamentos em Planta Baixa



Fonte: Do Autor.

Considerando a materialidade do espaço, nos dois casos repetiu-se os mesmos materiais, que são também os utilizados em todos os demais ambientes tanto para piso, como para parede e teto. Sobre o conforto ambiental, observou-se que nos dois casos, o conforto luminotécnico estava bastante dependente da iluminação artificial, uma vez que a luz natural não oferecia claridade suficiente, como pode-se observar nas fotografias dos ambientes (Figura 55), em que o gabinete para dois professores encontrava-se vazio e escuro, enquanto o outro para quatro professores que estava em uso durante a aplicação do procedimento estava com boa claridade, devido ao uso da iluminação artificial que alcançava melhores resultado do que a natural, nesse caso. Além disso, foi possível identificar que nesses espaços, devido à falta de tratamento acústico nos corredores e nos próprios gabinetes, podia-se perceber certo grau de ruídos. De forma que se conclui que em momentos de maior movimentação no saguão e uso de caixas de som, há grande recepção de ruídos nos gabinetes.

Sobre o mobiliário, no gabinete para quatro professores, ainda que a demanda fosse maior, havia uma maior organização do layout que no gabinete para dois professores, devido à quantidade de materiais alocados nesse espaço. Entretanto, é importante enfatizar que o gabinete de quatro docentes, também apresentou alguns problemas de organização do layout, como a disposição de armários à frente da janela basculante, impedindo a entrada de iluminação pela janela que já é bem deficiente nesse sentido.

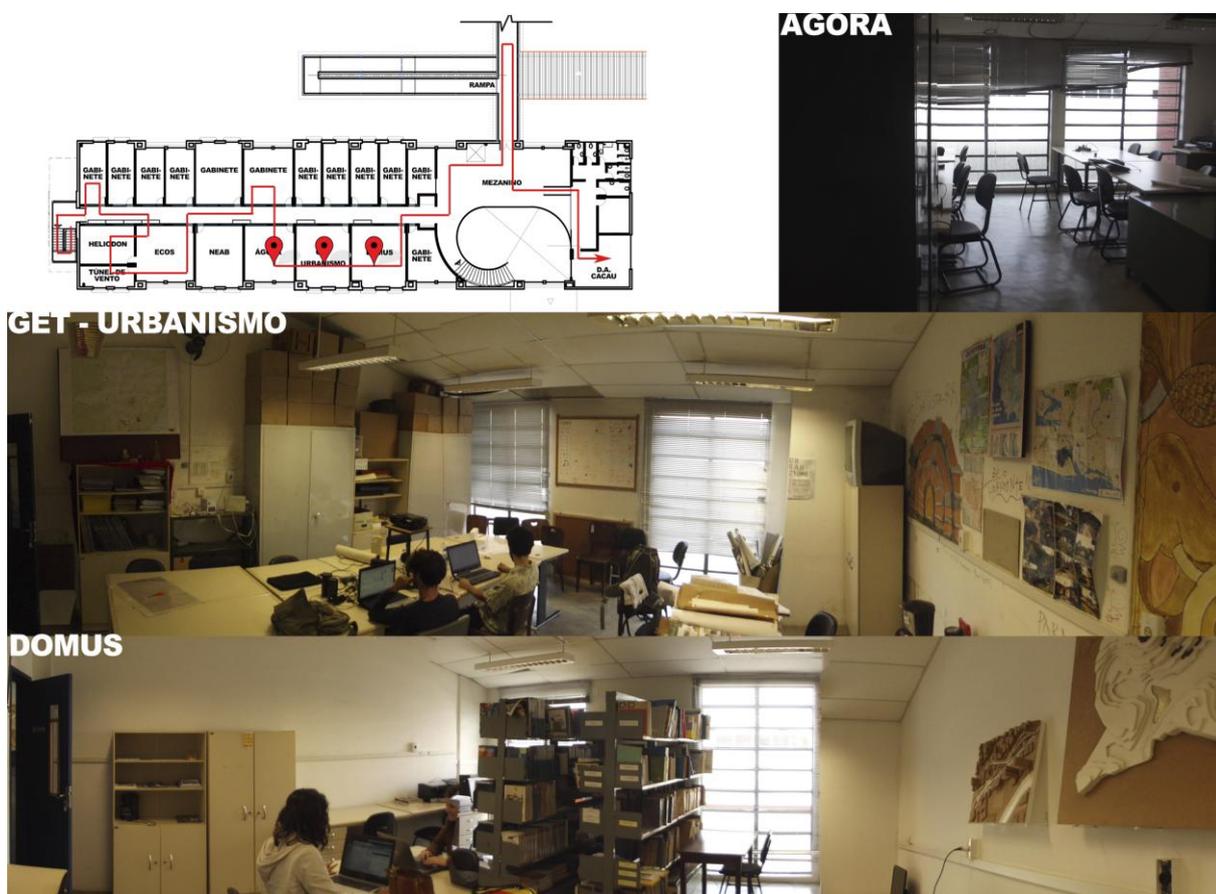
Seguindo então para os espaços dos núcleos de pesquisa visitados, isto é, o Ágora, o GET e o DOMVS, pôde-se perceber condições bastante parecidas entre eles. A começar pela luminotécnica que nesses casos, também estava bastante dependente da iluminação artificial. Outro ponto convergente no conforto ambiental entre esses três espaços, foi a questão do conforto acústico, que em todos os casos estava comprometido pela emissão de ruídos provenientes do saguão. Além disso, nos três casos havia leves odores vindos do Restaurante Universitário, assim como em relação às questões de temperatura, em que os três se encontravam confortáveis nesse aspecto.

Contudo, em relação ao mobiliário, foi verificado que os espaços tinham alguns problemas de organização, devido à improvisação dos layouts, que ficavam limitados ao dimensionamento insuficiente para que todos os móveis ficassem bem alocados nas salas. Nesse sentido, se destacou o espaço do GET, que tinha grande acúmulo de objetos por toda a extensão do ambiente, de forma que em certos casos, criavam-se barreiras visuais com o mobiliário, como é o caso das caixas empilhadas acima dos

armários impedindo de enxergar a própria parede. Por outro lado, ainda que com certos problemas espaciais, constatou-se na sala do laboratório DOMVS uma maior preocupação com a organização do ambiente, evitando a obstrução das janelas com prateleiras, por exemplo.

Ainda sobre esses ambientes, é interessante lembrar a materialidade do espaço do Grupo de Educação Tutorial (GET), que sofreu intervenções nas paredes com novas pinturas artísticas em tintas artesanais, exprimindo dessa forma no espaço, uma identidade própria dessa sala.

Figura 56 - Fotografias dos Espaços dos Núcleos de Pesquisa e seus posicionamentos em Planta Baixa



Fonte: Do Autor.

Tendo percorrido toda a área voltada para o setor pedagógico, o percurso do Walkthrough voltou à área convivência, no Mezanino. E desse espaço pôde-se apreender informações relativas ao conforto ambiental, à materialidade e às relações interpessoais rotineiras nesse espaço.

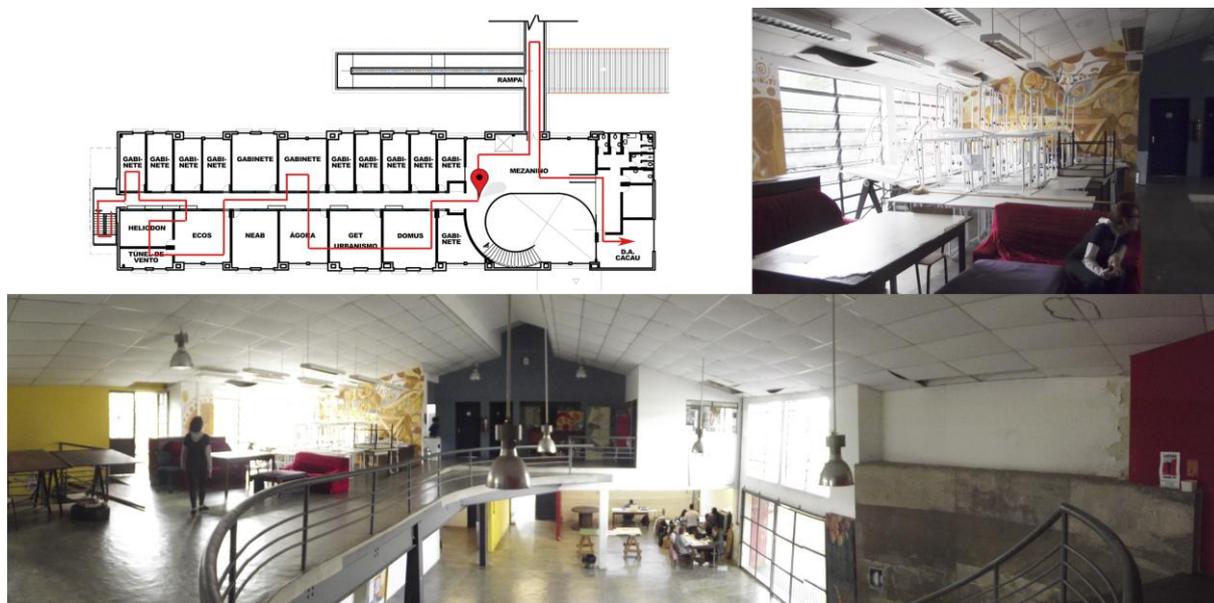
A começar pela materialidade, entendo que esse ambiente se dá como um complemento do saguão principal situado no pavimento abaixo, pôde-se constatar que também há ali

uma caracterização mais rústica, que além de se dar pelo uso do cimento queimado no piso e na parede, também acontece pelo acabamento artístico das paredes em pintura artesanal, assim como a que existe na sala do Grupo de Educação Tutorial.

A respeito das atividades que ocorriam no lugar, assim como a quantidade de pessoas, foi observado que a grande maioria dos indivíduos que estavam no local – que havia aumentado desde o início do passeio Walkthrough –, se concentravam na parte de baixo no saguão principal, ficando a parte de cima do Mezanino mais vazia, estando os indivíduos nesse pavimento posicionados de forma mais permanente, ou estudando ou simplesmente assentados contemplando o local.

E no horário da aplicação desse procedimento de APO no Mezanino do Galpão, as condições de temperatura haviam mudado, passando a estar mais confortáveis. Quanto à iluminação, permaneceu confortável assim como havia sido observado no início do passeio. Nesse horário, entretanto, foi percebido que a qualidade do ar havia modificado, estando alterada devido a odores provenientes do Restaurante Universitário, e de alimentos dos próprios discentes que se apropriavam no saguão principal. Além disso, a emissão de ruídos havia aumentado consideravelmente, devido ao maior número de pessoas presentes no saguão, ainda que no Mezanino fossem poucas.

Figura 57 - Fotografias do Mezanino e seu posicionamento em Planta Baixa

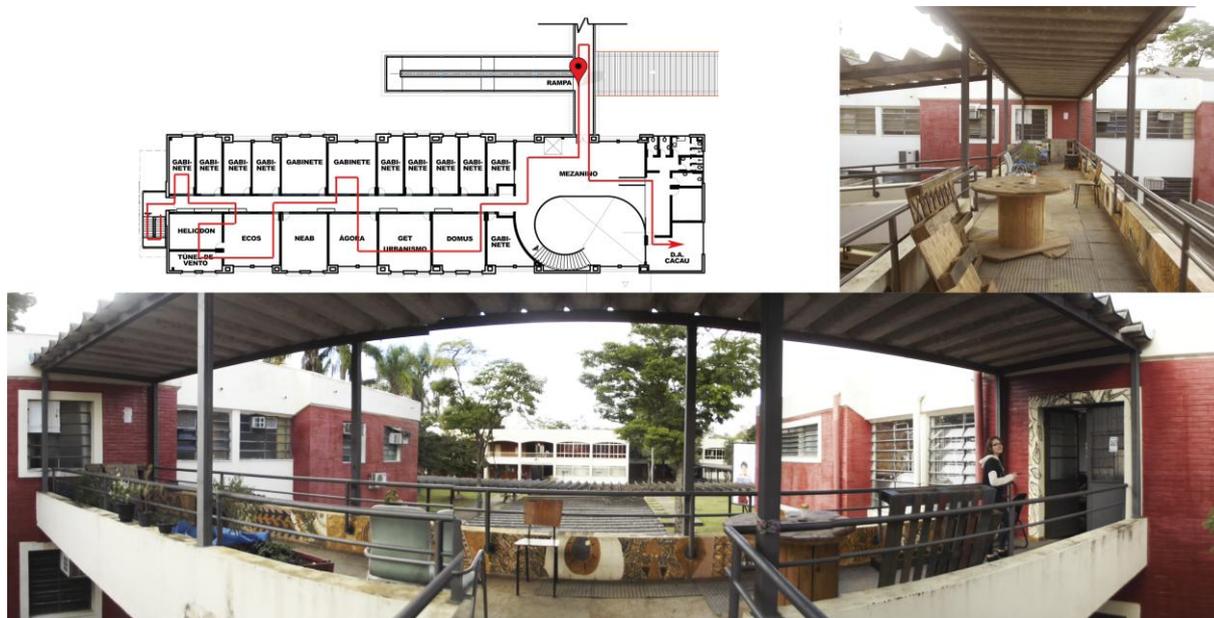


Fonte: Do Autor.

Outro ponto importante que foi notado durante o passeio *Walkthrough* pelo Mezanino, foi relativo ao mobiliário, que se distribuía irregularmente pelo pavimento, não havendo qualquer rigor no layout, além de acúmulo de materiais, e pranchetas não utilizadas que ocupavam boa parte do espaço da área de convivência no Mezanino.

Continuando o percurso, que nesse momento se conduziu à área externa da edificação, na rampa de acesso ao segundo pavimento, foi possível constatar que se estabeleceu informalmente nesse espaço uma área de convivência. Havia ali, um mobiliário (cadeiras e mesa) que estimulava a permanência, porém, é interessante destacar que esses móveis se encontravam degradados de alguma forma, mas ainda assim ofereciam uma forma de continuação no espaço. Além disso, foi feito no extremo oposto ao da porta de acesso ao pavimento, uma pequena horta em caixotes que dava à rampa outra ambientação. Entretanto, percebeu-se que esse mobiliário somado à falta de manutenção da rampa, que tinha seus revestimentos de piso emborrachados soltos, tornava mais dificultado o acesso de uma pessoa com mobilidade reduzida ao segundo pavimento, comprometendo assim a acessibilidade.

Figura 58 - Fotografias da Rampa e seu posicionamento em Planta Baixa



Fonte: Do Autor.

É possível concluir em relação a essa permanência, que o espaço se configura como uma área de convivência externa para a edificação, devido à não existência de um ambiente desse tipo formalmente projetado. Além disso, o conforto ambiental do lugar é

convitativo, devido às condições naturais de iluminação, temperatura, e acústica, estimuladas pela vegetação circundante, que criam um espaço agradável.

Acerca dos materiais empregados nesse local, observou-se que na rampa, como dito anteriormente, foi utilizado piso emborrachado – que devido a problemas de execução e falta de manutenção estavam soltos- sobre a laje de concreto. Ademais, nas meias paredes que sustentam os guarda-corpos, foi feita uma pintura artística em toda a extensão, e no teto foi empregada telha de fibrocimento com sustentação de pequenos pilares e vigas metálicos.

Por fim, dando seguimento ao percurso programado para o passeio Walkthrough, foi avaliado o último ambiente do caminho, o Centro Acadêmico do Curso de Arquitetura e Urbanismo – CACAU - que forneceu informações conclusivas sobre as intervenções dos alunos sobre o espaço do Galpão da Arquitetura.

Assim, começando a análise a partir das atividades exercidas no local, durante o procedimento havia duas pessoas no ambiente se apropriando do espaço. Tal apropriação se deu em torno da única mesa existente no ambiente, onde essas pessoas utilizavam seus computadores.

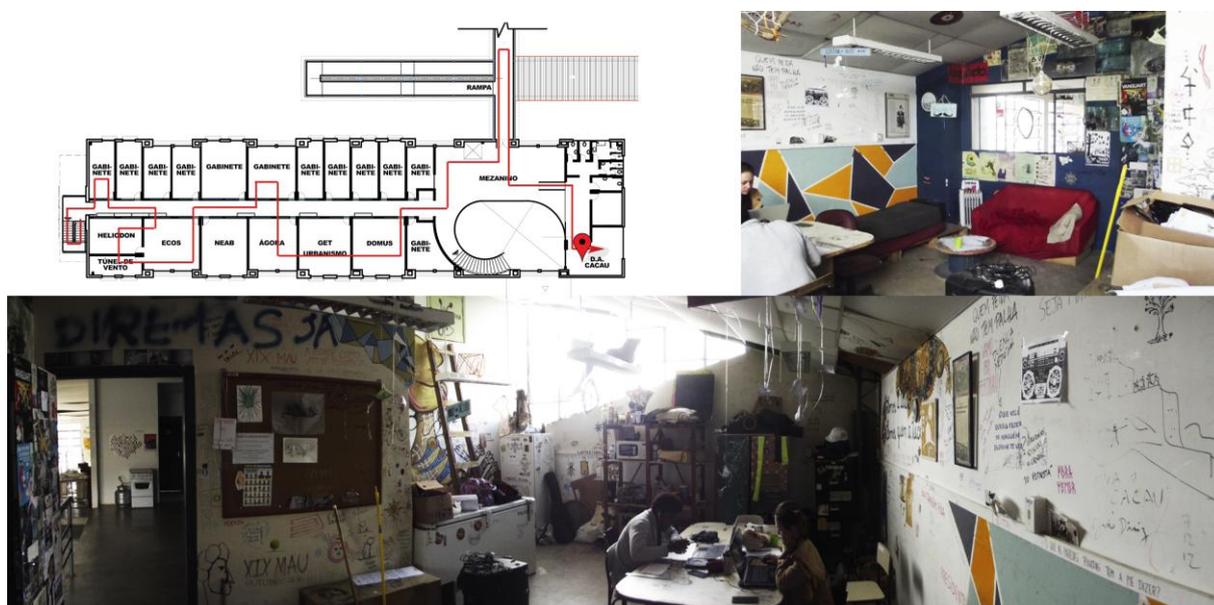
Em torno dessa mesa ocupada, se distribuía uma grande variedade de objetos e materiais, sem uma organização de layout muito bem definida, caracterizando o espaço de forma confusa nesse sentido. Entretanto, foi possível constatar uma demanda por superfícies assentáveis no local, que por toda a parte tinha mobiliários para que isso ocorresse, como colchões, almofadas, bancos e cadeiras. Ademais, no local havia mobiliários como micro-ondas e refrigerador, que sugerem uma necessidade por uma copa adjacente aos espaços de convivência de alunos, além de estantes e armários para depósitos de materiais de interesse coletivo, como de desenho e maquetes. Contudo, essa distribuição se dava de forma bastante desorganizada.

Quanto à materialidade do espaço, nas paredes o acabamento era de pintura branca sobre emboço, assim como nos demais ambientes do galpão, porém, no Centro Acadêmico verificou-se um processo de intervenção contínuo dos alunos, que em variadas épocas demarcavam as paredes com desenhos, frases e palavras, sugerindo a necessidade de um espaço específico para esse tipo de interação entre o indivíduo e o espaço. No teto, por outro lado, não houve maiores intervenções, mas observou-se uma

grave falta de manutenção nas placas de gesso acartonado que em várias partes estavam soltas.

E por fim, sobre o conforto ambiental, de acordo com o procedimento, ficou constatado que o ambiente conta com boas condições de iluminação, que ficam favorecidas pela grande janela de vidro ao fundo, assim como a temperatura, que nesse espaço era bastante confortável durante a avaliação, ficando apenas a acústica comprometida devido à proximidade das áreas de convivência e a falta de soluções de conforto. Contudo, isso não se consolida como um problema, visto que geralmente as atividades desenvolvidas nesse ambiente não requerem silêncio.

Figura 59 - Fotografias do Centro Acadêmico do Curso de Arquitetura e Urbanismo e seu posicionamento em Planta Baixa



Fonte: Do Autor.

4.2. Ficha “Mais Gosto e Menos Gosto”

Partindo primariamente dos materiais utilizados para a aplicação dessa ferramenta de Avaliação de Pós-Ocupação, há de se destacar nesse momento as fichas utilizadas neste método, que foram duas. A começar pela primeira ficha que foi feita a partir do mesmo modelo utilizado pelo “Grupo de Pesquisa dos Pátios” – idealizador deste método –, que consiste em sua versão original elaborada pelo grupo, em uma folha tamanho A4, estruturada com um cabeçalho trazendo informações sobre a equipe – como o coordenador do projeto, os pesquisadores e os bolsistas -, assim como informações para a identificação do entrevistador e um grande espaço em branco para que o usuário possa preencher suas informações em texto ou desenho (MARTINS et.al., 2011). Ficha essa

que foi adaptada para a aplicação dessa ferramenta de APO em um primeiro momento, se divergindo da original apenas pelo fato de que nesta versão aplicada na FAU-UFJF, ambos os lados dessa folha A4 continham informações. Sendo uma face voltada para a pesquisa “Mais Gosto e Menos Gosto” do Galpão da Arquitetura da UFJF, e outra voltada para o Edifício Engenheiro Itamar Franco (APÊNDICE III).

Contudo, tendo o processo de aplicação sido dividido em dois momentos, devido aos números de amostragem de pesquisa levantados nessa primeira etapa não terem sido suficientes para uma análise mais conclusiva, foi possível serem constatadas algumas falhas específicas para aplicação deste modelo de ficha no presente trabalho, que diverge em público alvo do observado no original, que se tratava de crianças.

Mesmo diante das instruções previamente fornecidas pelo aplicador, houveram alguns problemas por parte dos avaliados durante a aplicação, que em alguns casos comprometeram os resultados da pesquisa. Essas falhas observadas começavam pelo cabeçalho que se demonstrou confuso para as pessoas durante o preenchimento, devido aos campos de “Observações” e “Pesquisador” – voltados para anotações de análises do próprio aplicador, bem como preenchimento de suas informações – que em boa parte dos casos foram os espaços utilizados pelos indivíduos avaliados para as suas respostas e preenchimento de seus nomes – que nesta pesquisa não eram necessários. Além disso, mesmo o público alvo da presente pesquisa se tratando do curso de “Arquitetura e Urbanismo”, que habitualmente tem a prática do desenho presente em suas atividades, grande parte das pessoas avaliadas optaram por não se utilizar de representações gráficas para descrever seus pontos de vista, tornando por isso o espaço em branco, ocupando quase toda a folha, desnecessário para a presente pesquisa. E por fim, a estruturação da ficha “Mais Gosto e Menos Gosto” em duas faces para cada edifício estudado, também se mostrou confusa para as pessoas avaliadas, uma vez que boa parte delas não preencheu o verso de sua folha, concentrando todas as respostas em apenas um lado. Fatos que revelaram que mesmo diante das instruções prévias, a falta de uma estrutura “autoexplicativa” contribuiu para a dificuldade de aplicação neste primeiro momento, no caso específico desta pesquisa sobre a FAU-UFJF.

Assim, foi feita uma adaptação da ficha de forma a torná-la mais instrutiva aos avaliados. Estruturando espaços separados para cada informação desejada. A exemplo disso o “Mais Gosto” do Galpão da Arquitetura separado do “Menos Gosto” do mesmo espaço. Algo que na prática tornou o preenchimento da ficha mais autoexplicativo para a pessoa

avaliada, que soube exatamente onde deveria preencher cada resposta. Além disso, todas as informações referentes ao pesquisador e suas análises foram retiradas da nova ficha, que teve seu cabeçalho reestruturado apenas para conter informações da avaliação e do próprio avaliado, como a data e horário de aplicação, assim como o período/semestre do usuário e a disciplina cursada por este em que foi aplicada a ferramenta de APO (APÊNDICE IV). Informações relevantes para a triagem dos resultados, e que facilitaram perceptivelmente as respostas.

Tendo, portanto, sido explicada a forma como se deram as fichas “Mais Gosto e Menos Gosto”, é necessário enfatizar a metodologia utilizada para a maior abrangência do número de pessoas avaliadas na presente pesquisa. Assim sendo, considerando que as disciplinas de “Projeto de Arquitetura e Urbanismo” na FAU-UFJF costumam registrar bons números de frequência e que em sua quase totalidade os estudantes do curso estão matriculados em uma dessas disciplinas, todas as aplicações foram feitas durante as aulas de projeto dos oito períodos que ainda cursam a matéria, excetuando-se o nono e o décimo período, que cursam de acordo com a grade obrigatória as disciplinas de Trabalho Final de Graduação I e II, respectivamente, não frequentando mais os espaços da FAU-UFJF rotineiramente, e conseqüentemente não sendo contemplados nesta pesquisa.

Tomando por base dessa forma o número de alunos avaliados, foi possível se estabelecer uma porcentagem por disciplina, e conseqüentemente uma média da amostragem coletada para a presente pesquisa. Informações levantadas a partir da consulta na Secretaria da Coordenação da FAU-UFJF, com base nos dados do “Relatório de Ocupação Real” coletados pela Coordenadoria de Assuntos e Registros Acadêmicos da UFJF - CDARA no semestre 1º / 2017.

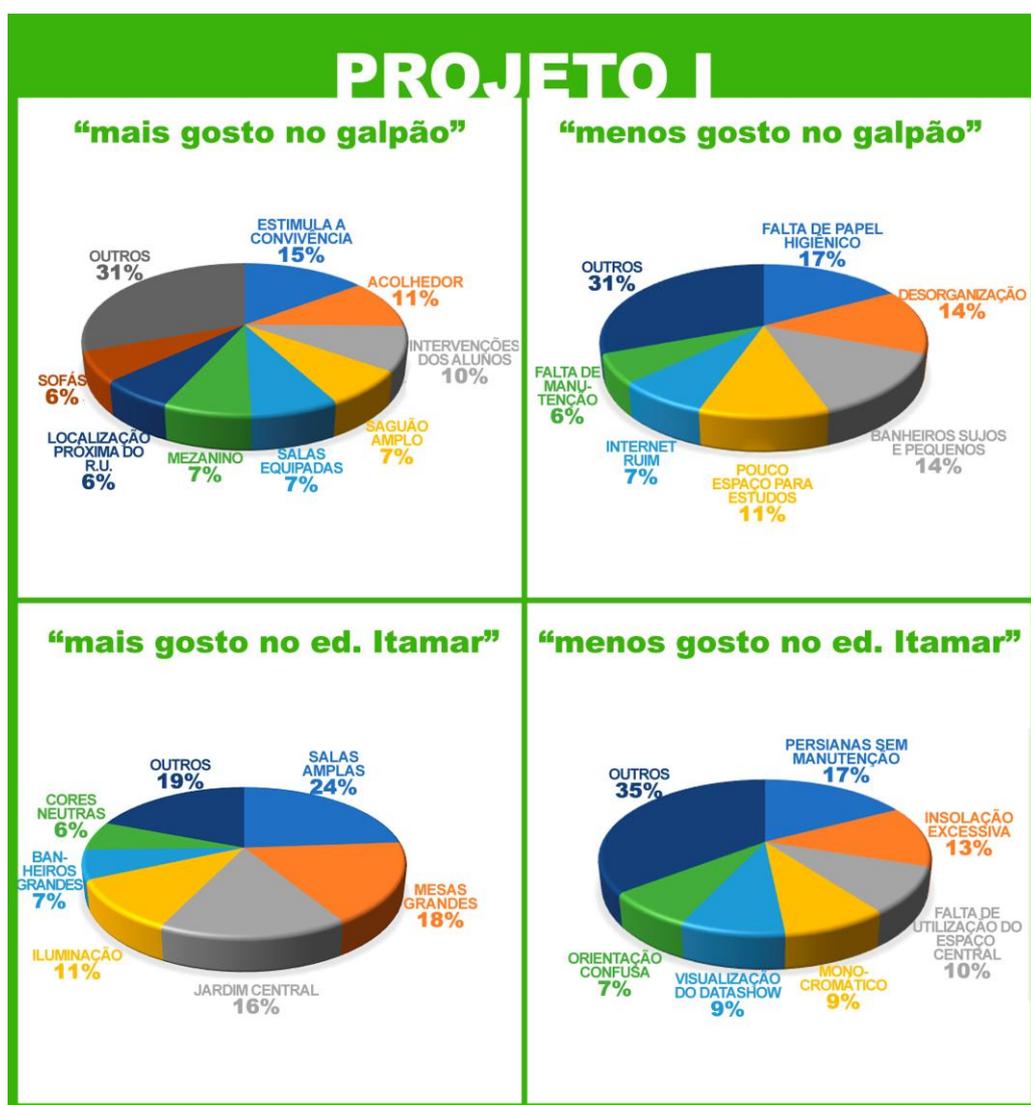
Tabela 1 - Amostragem da pesquisa através das Fichas "Mais Gosto e Menos Gosto"

AMOSTRAGEM DAS FICHAS “MAIS GOSTO” E “ MENOS GOSTO”			
DISCIPLINA APLICADA	Nº DE ALUNOS MATRICULADOS	Nº DE ALUNOS AVALIADOS	ALUNOS ATINGIDOS (%)
Projeto 1	42	30	71,42 %
Projeto 2	35	25	71,42 %
Projeto 3	45	28	62,22 %
Projeto 4	36	25	69,44 %
Projeto 5	36	27	75,00 %
Projeto 6	41	27	65,85 %
Projeto 7	35	21	60,00 %
Projeto 8	38	27	71,05 %
PORCENTAGEM MÉDIA DE AMOSTRAGEM			68,30 %

Fonte: Do Autor.

Assim, analisando finalmente os resultados da ficha “Mais Gosto e Menos Gosto”, a começar pela turma de “Projeto de Arquitetônico I”, é perceptível a relação afetiva que se estabelece entre os alunos e o espaço do Galpão da Arquitetura já no início da faculdade. Respostas recorrentes como “Estimula a convivência” e “Acolhedor”, demonstram que os estudantes do primeiro período já têm um sentimento de pertencimento com o lugar. No entanto, é nítido também que essa edificação também possui problemas característicos da saturação que o espaço vem sofrendo com o crescimento da faculdade, que já podem ser observados ao início do curso, como os “banheiros sujos e pequenos” que são resultado direto da grande demanda de alunos em único lugar, por exemplo. Além disso, a “desorganização” do espaço registrada nas fichas da turma de “Projeto I” é também reflexo dessa saturação, em um espaço que constantemente vem sofrendo adaptações para adequação à nova realidade que diverge daquela de quando foi feito em 2000.

Figura 61 - Gráficos de resultados das Fichas "Mais Gosto e Menos Gosto" aplicadas na turma de "Projeto I"



Fonte: Do Autor.

Mas não somente o Galpão da Arquitetura, mas o Edifício Engenheiro Itamar Franco vem sofrendo com problemas, que nesse último caso diverge do Galpão quanto à natureza. Problemas esses, que no caso do Edifício Itamar Franco estão fortemente relacionados ao projeto, que como já citado anteriormente, não tem boa aceitação entre os alunos da Arquitetura e Urbanismo. E esse fato já fica claro quando se observa as respostas dos alunos da disciplina de “Projeto I”, que ainda têm uma vivência relativamente recente do espaço, e já enfrentam questões como a “orientação confusa” dentro do prédio, além da insolação excessiva que está diretamente relacionada à dificuldade de visualização das apresentações em Datashow, por exemplo, que foi outro problema diagnosticado nessa edificação. E essas questões continuam se analisadas as respostas da turma de “Projeto II”, que também tem reclamações como o “desconforto visual” relativo à exposição solar excessiva que a edificação tem, acentuada pelo uso das cores brancas.

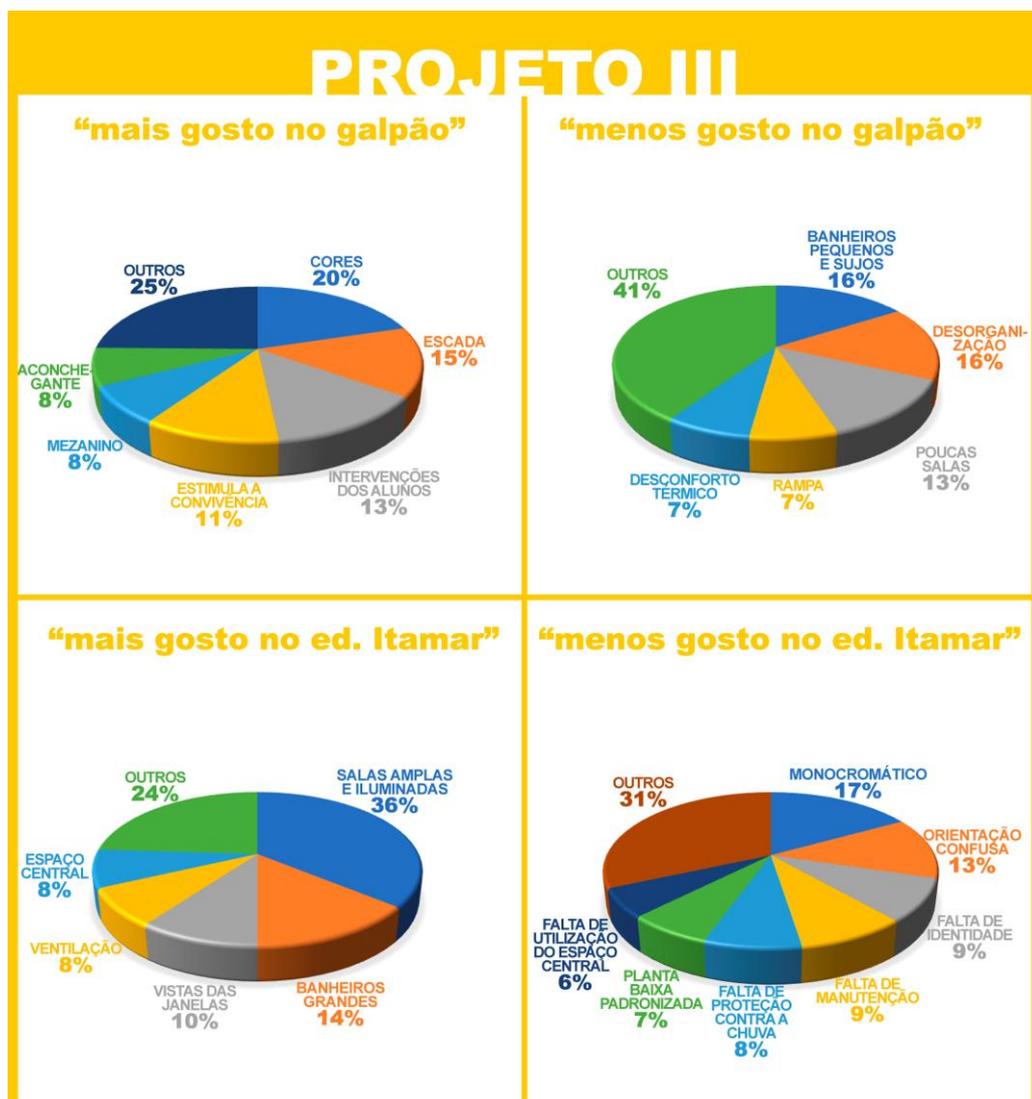
Figura 62 - Gráficos de resultados das Fichas "Mais Gosto e Menos Gosto" aplicadas na turma de "Projeto II"



Fonte: Do Autor.

Outro ponto levantado nas respostas das fichas “Mais Gosto e Menos Gosto” bastante interessante na discussão dos espaços da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFJF, é o relativo ao estímulo que os ambientes dão à convivência. Lugares que no caso do Edifício Engenheiro Itamar Franco, por exemplo, não existem e tornam o ambiente menos agradável, como pode-se observar nas respostas “Menos Gosto” da turma de “Projeto II” em relação ao edifício. Algo que não se repete no Galpão da Arquitetura, por exemplo. Espaço que mesmo em meio às suas adaptações e limitações que o tornam pequeno para a faculdade, como pode-se observar nas respostas da turma de “Projeto II”, ainda é um bom ponto de referência para relação harmoniosa do indivíduo com espaço, que com características como o “mezanino” e as “intervenções dos alunos”, registradas nas respostas das fichas, trazem uma sensação aconchegante para o estudante.

Figura 63 - Gráficos de resultados das Fichas "Mais Gosto e Menos Gosto" aplicadas na turma de "Projeto III"



Fonte: Do Autor.

E se continuadas as análises na turma de “Projeto III”, é possível perceber uma intensificação das críticas registradas nas turmas anteriores, bem como as satisfações. Tendo em vista o tempo de vivência mais prolongado em relação aos anteriores, novas reclamações surgem, como é o caso da “falta de proteção contra a chuva”, pontuado nas respostas de “Menos Gosto” do Edifício Itamar Franco. Algo que revela não somente problemas estéticos relacionados ao projeto, como também problemas funcionais que levam os usuários desse edifício a terem aversão por ele. Além disso, novas respostas levantadas como a “falta de identidade”, “monocromático” e “planta baixa padronizada”, corroboram com outras reclamações anteriores em relação ao mesmo espaço, que devido às suas características mais genéricas, não propicia a criação de um sentimento de pertencimento ao espaço, e conseqüentemente uma boa relação com o indivíduo.

Contudo, ainda que com reclamações significativas, é necessário enfatizar também as respostas positivas que esse espaço recebeu. A começar pelo dimensionamento dos ambientes, há uma boa receptividade à funcionalidade que esses oferecem, como as “salas grandes”, que foram motivo de satisfação para os três períodos já analisados, além dos “banheiros grandes”, em contraponto à realidade encontrada no Galpão da Arquitetura, que recebeu reclamações sobre esses ambientes nas três turmas.

E se voltada a atenção para as reclamações sobre o espaço do Galpão da Arquitetura, as fichas “Menos Gosto” da turma de “Projeto IV” para essa edificação revelam ainda mais questões a serem analisadas. Há de se destacar, por exemplo, a questão do conforto ambiental levantada através das respostas “iluminação ruim”, “pouca ventilação”, “desconforto térmico” e “acústica ruim”. Respostas que apontam para um espaço completamente carente de soluções para uma boa permanência. E isso fica claro quando analisadas essas situações *in loco*, uma vez que caracteristicamente as salas têm suas aberturas em janelas basculantes, que não permitem uma eficiente entrada de iluminação natural nos ambientes internos, tornando o Galpão da Arquitetura “fechado em si mesmo”, bem como não possibilitam uma boa ventilação, e conseqüentemente diante de um grande número de pessoas em um mesmo ambiente, não permitem um melhor conforto térmico. Além disso, a acústica é outro ponto da carência que o Galpão da Arquitetura enfrenta em relação ao conforto ambiental, uma vez que com a atual estruturação da edificação, em que os laboratórios ficam próximos da área de convivência e das imediações do Restaurante Universitário (RU), há uma grande dificuldade em relação à contenção dos ruídos produzidos, que evidentemente são fatores de grande incômodo durante as aulas.

Figura 64 - Gráficos de resultados das Fichas "Mais Gosto e Menos Gosto" aplicadas na turma de "Projeto IV"



Fonte: Do Autor.

Indo além nas análises, quando levantadas as respostas das fichas da turma de “Projeto V”, é possível concluir que há grande uniformidade nas opiniões dos alunos com os demais já avaliados, mesmo com os diferentes tempos de vivência do espaço. Se observadas, por exemplo, as respostas de “Mais Gosto” do Galpão da Arquitetura, há novamente destaca a boa relação que o espaço possibilita com o indivíduo que o utiliza. Não somente por respostas como “estimula a convivência” e “receptivo e aconchegante”, mas também as relativas às características físicas da edificação, como o “mezanino”, “cores” e “saguão amplo” demonstram que o projeto somado ao bom conhecimento dos indivíduos que se apropriam dele, dão ao espaço uma identidade capaz de fazer com que ele tenha o desejo permanecer ali e se reconhecer como parte desse ambiente, não só fisicamente como subjetivamente, trazendo ao indivíduo o sentimento de que aquele lugar pode-se chamar de “seu” também.

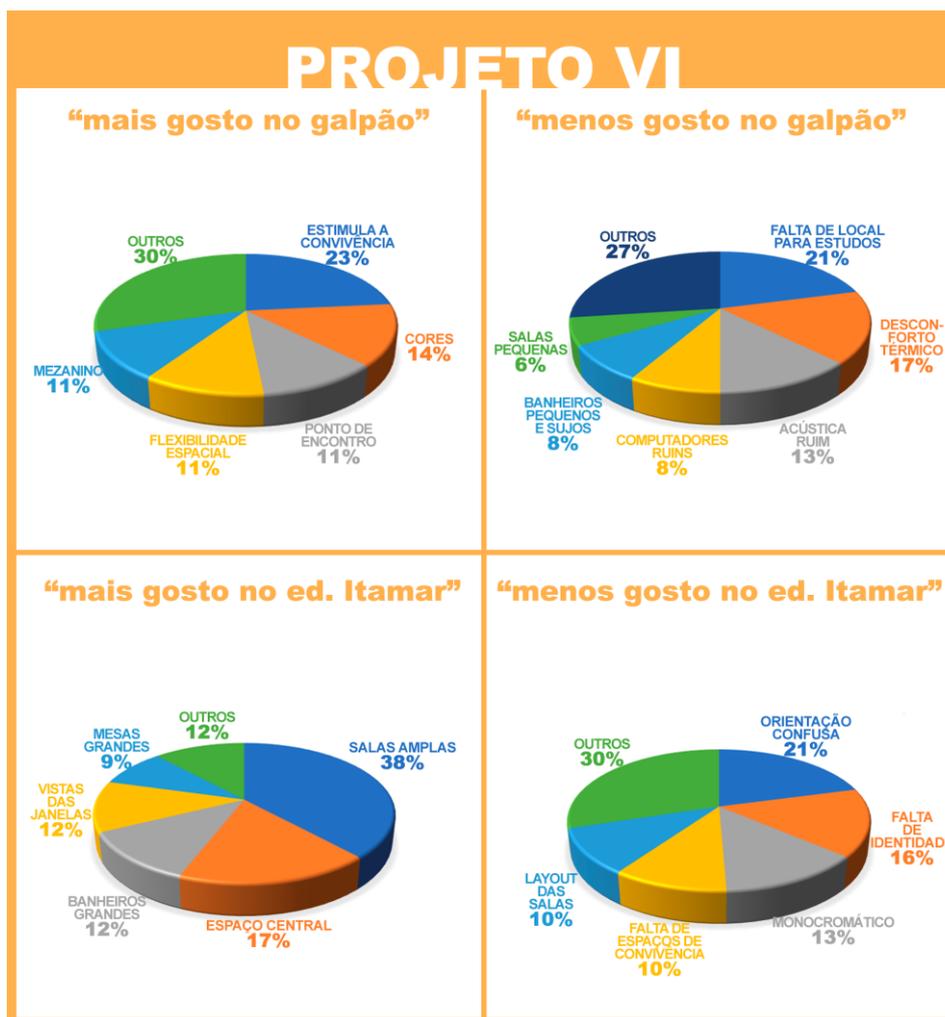
Figura 65 - Gráficos de resultados das Fichas "Mais Gosto e Menos Gosto" aplicadas na turma de "Projeto V"



Fonte: Do Autor.

Em relação às fichas “Mais Gosto” da turma de “Projeto VI” sobre o Galpão da Arquitetura, houve a resposta “flexibilidade espacial”, que não havia sido citada pelas turmas anteriores, mas que também traz uma excelente contribuição ao que já havia sido respondido pelas turmas anteriores. E isso devido ao fato de que considerando o público que se utiliza do espaço serem os estudantes de Arquitetura e Urbanismo, que constantemente lidam com a necessidade de modificar o ambiente para a apresentação de trabalhos ou simplesmente para intervenções de cunho educativo, essa flexibilidade mostra-se bastante interessante, uma vez que o estudante não se vê limitado pelo próprio ambiente a levar suas ideias mais além, mas pelo contrário é estimulado a explorá-las através do oferecimento de condições físicas para que essas ideias sejam trabalhadas. Algo que nas faculdades estudadas anteriormente nos estudos de caso é um princípio primordial para a concepção desses espaços. Situação que por outro lado não é observada no Edifício Engenheiro Itamar Franco.

Figura 66 - Gráficos de resultados das Fichas "Mais Gosto e Menos Gosto" aplicadas na turma de "Projeto VI"



Fonte: Do Autor.

Ainda sobre o Galpão da Arquitetura, já nas fichas de “Menos Gosto” da turma de “Projeto VII”, houve o registro da resposta “desorganização do CACAU” que não havia sido dada pelas turmas anteriores, mas que aponta para outra característica da edificação bastante relevante às questões levantadas sobre as carências desse lugar. E isso devido ao fato de que o Centro Acadêmico do Curso de Arquitetura e Urbanismo (CACAU) está atualmente sediado em uma pequena sala do Galpão da Arquitetura, que possui grande fluxo de estudantes diariamente, bem como uma grande quantidade de mobiliário instalado no local, que quando combinados resultam em uma relação de difícil manutenção e uma constante demanda de necessidades técnicas de limpeza e manutenção dos equipamentos devido ao fluxo contínuo de pessoas no local. Algo que tem como resultado um espaço carente de organização, que conseqüentemente depende dos cuidados dos próprios estudantes que são responsáveis pela manutenção de tudo o que há na sala.

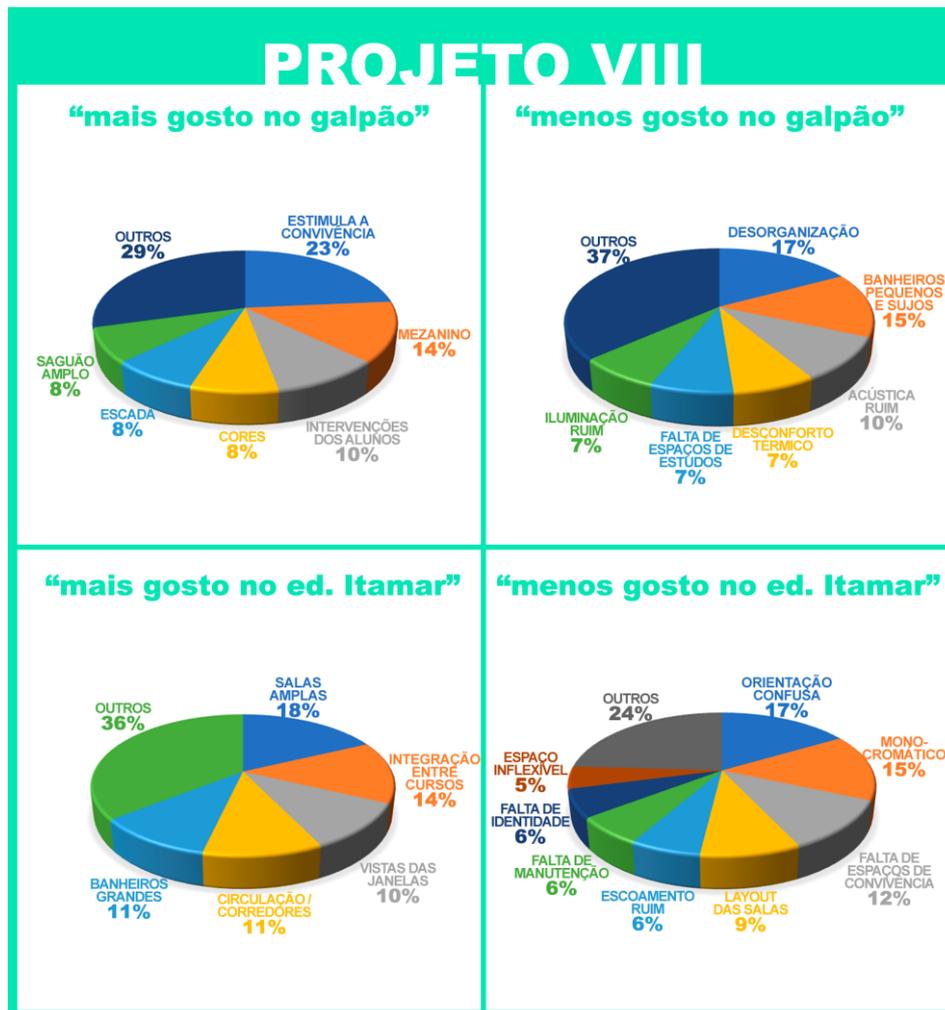
Figura 67 - Gráficos de resultados das Fichas "Mais Gosto e Menos Gosto" aplicadas na turma de "Projeto VII"



Fonte: Do Autor.

Voltando o foco da pesquisa para as respostas das fichas da turma de "Projeto VIII", que são dentre os indivíduos avaliados no presente trabalho, os com maior vivência dos espaços estudados, confirma-se grande parte das informações respondidas pelas demais turmas. Como exemplo disso, há novamente o apreço pelo dimensionamento dos ambientes do Edifício Itamar Franco, que se registra não somente em relação às salas de aula, como também em relação aos banheiros e corredores, que permitem que o fluxo de estudantes, mesmo em "horários de pico", nos quais boa parte dos alunos estão na faculdade, se mantenha organizado, como pode-se observar nas respostas de alguns estudantes. No entanto, houve também respostas da ficha "Mais Gosto" sobre o Ed. Itamar Franco que não haviam sido dadas pelas outras turmas, como a "integração com outros cursos". Algo que é bastante relevante para a edificação se comparado ao Galpão da Arquitetura, que devido ao seu projeto, mesmo estando na área da Engenharia, não propicia qualquer tipo de relação entre dos estudantes da Arquitetura com os demais.

Figura 68 - Gráficos de resultados das Fichas "Mais Gosto e Menos Gosto" aplicadas na turma de "Projeto VIII"



Fonte: Do Autor.

Por fim, analisando todas as respostas em um contexto geral, é possível estabelecer quais são os pontos que são mais recorrentes nas respostas de “Mais Gosto e Menos Gosto” dos estudantes da Arquitetura e Urbanismo da FAU-UFJF, para ambos os edifícios onde são ministradas suas aulas e onde também convivem em seu tempo extraclasse. Sendo assim, começando pelo que mais gostam no Galpão da Arquitetura, foi possível observar que boa parte das respostas dadas se referem ao espírito do lugar ou “Genius Loci”. Algo que o teórico Norberg-Schulz discorria em relação à composição do conceito de lugar, que segundo estava relacionado a uma série de fatores que dão significado ao espaço em sua totalidade, como forma, textura, cor e uma ocupação humanizada, por exemplo, além de uma capacidade de ser orientador e de gerar identificação no indivíduo que o ocupa, criando um ambiente envolvente e sua essência (PIRES, 2008). E isso fica claro nas respostas que descrevem as características físicas

do lugar, como “Mezanino”, “Escada”, “Saguão Amplo” e “Intervenções do Alunos” que estão diretamente relacionadas às respostas mais subjetivas como “Identidade”, “Acolhedor, receptivo e Aconchegante”, bem como “Estimula a Convivência”, uma vez que são essas características físicas que criam um ambiente propício às relações humanas registradas nas respostas, e são também elas que são responsáveis juntamente às relações interpessoais por marcar o Galpão da Arquitetura como um lugar dotado de identidade própria.

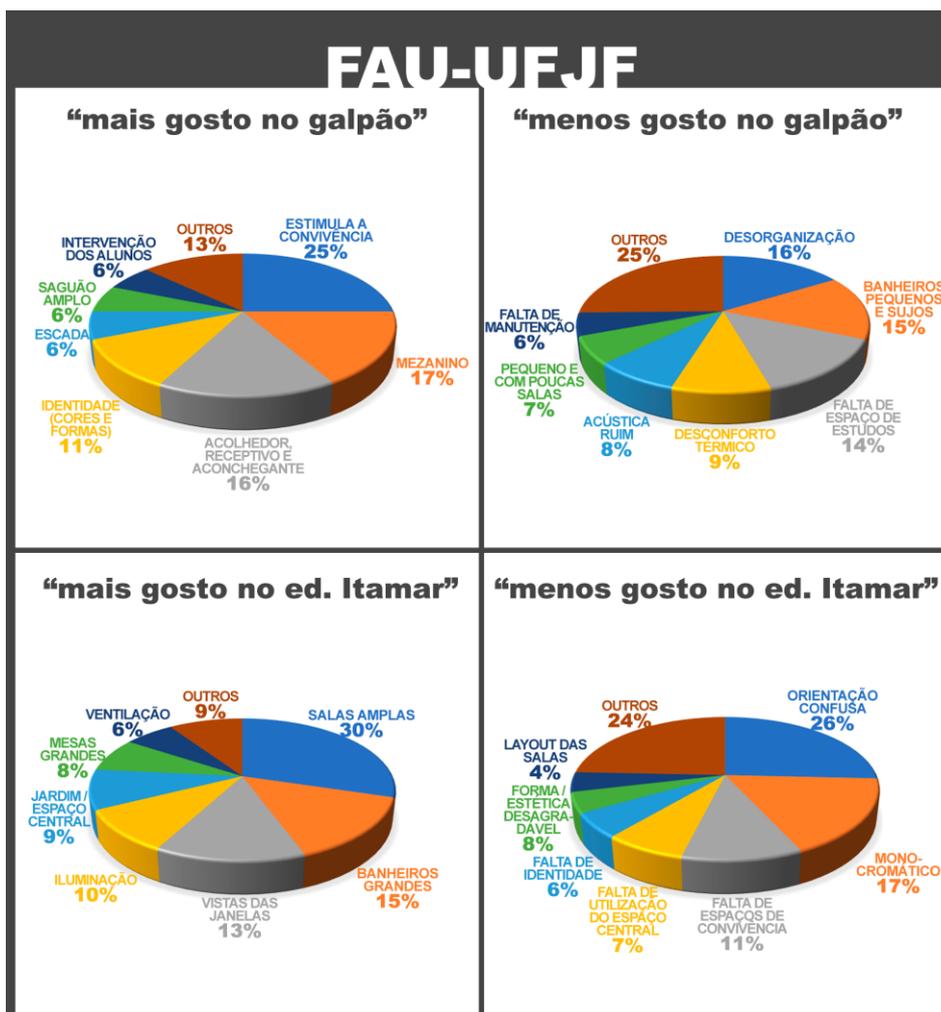
Por outro lado, as respostas de “Menos Gosto” do Galpão da Arquitetura revelam uma situação já citada brevemente anteriormente, mas que necessita ser enfatizada: A saturação desse espaço. Mesmo diante de uma grande significação para as pessoas que o ocupam diariamente, é nítido quando voltamos aos fatos levantados no histórico da presente pesquisa, que o curso criado em 1992 passou por um grande crescimento desde então, completando 25 anos de história e agora a nível de faculdade, agora não encontra todo o espaço necessário para toda a sua estrutura dentro do Galpão da Arquitetura. E respostas como a “Desorganização”, “Falta de espaço para estudos”, “Pequeno e com poucas salas” caracterizam tal fato muito bem, uma vez que sendo atualmente a sede de toda a faculdade, necessita de comportar todas as suas funções e atividades dentro da edificação, que conseqüentemente necessita de adaptações muitas vezes forçadas para que continue funcionando nesse local. Além disso, o seu longo tempo de funcionamento e essas constantes mudanças e novos usos, também acarretam em problemas técnicos como o mal desempenho no conforto ambiental registrado nas respostas.

Sobre os resultados gerais das fichas de “Mais Gosto” no Edifício Engenheiro Itamar Franco, foi possível concluir que essa edificação também possui pontos positivos, indo contrapartida ao discurso rotineiro dos estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo que muitas vezes criticam. Apesar dos inúmeros problemas diagnosticados também nessa pesquisa, o espaço também possui pontos positivos ao prever em seu projeto espaços mais adequados à demanda de uma faculdade em crescimento, com respostas como “Salas amplas” e “Banheiros Grandes”, relacionadas ao bom dimensionamento dos ambientes. Um fato que vai de encontro às necessidades não contempladas no Galpão da Arquitetura citadas anteriormente. Além disso, questões de conforto ambiental são também pontos interessantes de serem destacados nessa edificação, uma vez que a boa ventilação e iluminação recebeu uma boa quantidade de respostas favoráveis, caracterizando o edifício como regular nesse sentido. Algo que não ocorreu com o

Galpão, por exemplo. Além disso, indo além dos aspectos técnicos do conforto dos usuários do Edifício Engenheiro Itamar Franco, foi possível observar que a possibilidade de contemplar a paisagem e se relacionar com o meio externo através das “vistas das janelas”, foi também um importante fator para a satisfação dos seus usuários. Outro ponto que não pode ser observado no Galpão da Arquitetura, que tem aberturas que impedem qualquer tipo de relação com o exterior.

Contudo, as deficiências projetuais observadas no Edifício Itamar Franco são um importante ponto na insatisfação dos usuários com a edificação. Questões como a “orientação confusa”, a “falta de utilização do espaço central”, a presença maçante da cor branca em todos os elementos do prédio, bem como a “falta de espaços de convivência” e a “forma / estética desagradável” são pontos relevantes para que outras questões subjetivas sejam levantadas, como a “falta de identidade”, que tornam difícil a relação do usuário com o espaço, que acaba por servir regularmente apenas para as aulas.

Figura 69 - Gráficos Gerais de resultados das Fichas "Mais Gosto e Menos Gosto"



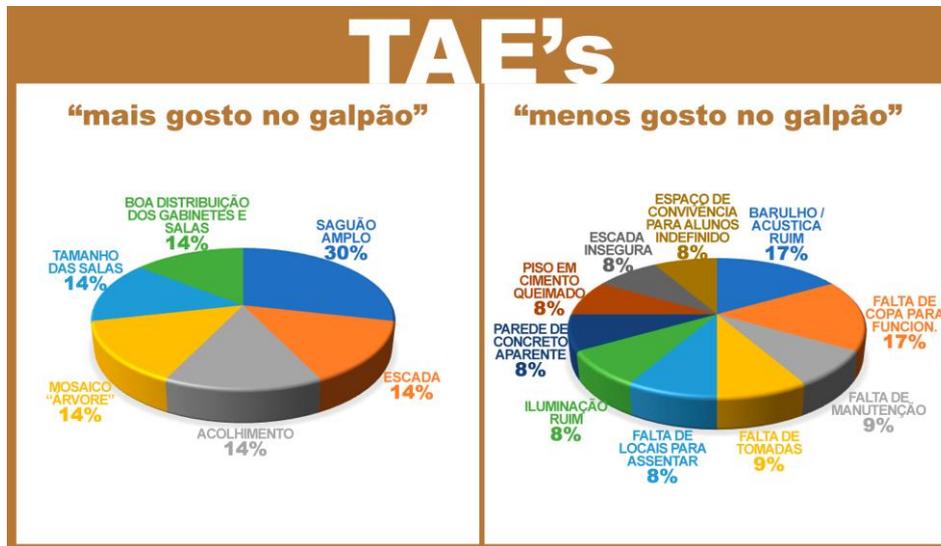
Fonte: Do Autor.

Ainda utilizando esse procedimento de Avaliação de Pós-Ocupação bastante eficiente para conhecer as opiniões dos usuários de uma forma mais livre, e compreendendo a diversidade de usuários que utilizam os espaços da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, que não se restringem somente aos estudantes, este método foi utilizado novamente para a aplicação com os Técnicos Administrativos em Educação (TAE's).

O objetivo dessa avaliação com os TAE's, como dito anteriormente, é devido à maior abrangência da presente pesquisa, que não pode negar a importância desses usuários nos edifícios estudados. Contudo, tendo conhecimento da menor relação desses funcionários com o Edifício Engenheiro Itamar Franco, optou-se pela pesquisa abordar somente o Galpão da Arquitetura. Espaço com o qual esses têm maior envolvimento, e consequentemente maior propriedade para responderem à pesquisa.

Dessa forma, cinco técnicos administrativos que trabalham diariamente no Galpão da foram abordados sobre suas opiniões em relação a esse espaço. Assim, em virtude da pequena amostragem que torna mais difícil o surgimento de respostas compartilhadas, todos os resultados recebidos na presente pesquisa serão abordados.

Figura 60 - Gráficos Gerais de resultados das Fichas "Mais Gosto e Menos Gosto" com TAE's



Fonte: Do Autor.

Deste modo, foi possível concluir que os TAE's têm grande estima pelo Saguão Principal do Galpão da Arquitetura, e isso se manifesta não somente na resposta "Saguão Amplo" propriamente dita, mas em outros elementos presentes nesse espaço que também apareceram nas respostas, como a "Escada" e o "Mosaico Árvore", além do sentimento de acolhimento que é bem relacionado com essa ambiência criada, como foi dito

anteriormente. Ademais, há também uma boa receptividade ao projeto de adaptação do galpão. Entretanto, questões como o “Barulho” citado – que é resultado da falta de um bom tratamento acústico –, a falta de uma copa e iluminação ruim revelam também insatisfações com o projeto. Assim, ponderando os resultados, tanto positivos como negativos, observa-se que o projeto de adaptação é sim bem aceito, contudo, revela algumas carências práticas que fazem falta aos TAE’s.

4.3. Entrevista Estruturada

Levando em consideração os resultados obtidos através das ferramentas de APO citadas anteriormente, foi possível observar uma nítida falta de infraestrutura nos ambientes que sediam as atividades da FAU-UFJF, o Galpão da Arquitetura e o Ed. Engenheiro Itamar Franco. No entanto, tais resultados revelam carências relativas principalmente aos estudantes, que mesmo sendo relativamente relacionados ao corpo docente, não revelam outras necessidades mais específicas que esse espaço tem também em relação aos demais usuários da edificação.

Tendo tal fato em vista, tornou-se necessário um conhecimento mais amplo da realidade do Galpão da Arquitetura e do Ed. Engenheiro Itamar Franco, que também abrangesse as opiniões e anseios dos professores. Entretanto, considerando que o público alvo, o corpo docente, tinha condições e conhecimento técnico suficiente para discorrer sobre o assunto com maior propriedade, considerou-se um método que possibilitasse questões mais objetivas a partir dos resultados coletados na ficha “Mais Gosto e Menos Gosto”, que pudessem revelar de forma conclusiva a realidade desse nicho de usuários do espaço. Dessa forma, foi escolhido o método da Entrevista Estruturada.

Para esse tipo de entrevista que demanda perguntas já previamente roteirizadas, foi utilizado um questionário contendo todas as perguntas programadas para a entrevista (APÊNDICE V), baseado no método elaborado por Ernani S. Machado na tese “Relações entre Ambientes Externos e Internos em Centros de Reabilitação Motora” (2012). Método esse que traz junto às perguntas, uma classificação numérica diretamente relacionada à resposta dada pelo entrevistado, que descreve a intensidade dessa resposta em uma escala de -3 (pouco) a +3 (muito).

Esta escala de valores como forma de ordenar resultados indicativos da intensidade dos sentimentos pessoais do respondente sobre um determinado objeto foi fundamentada no modelo desenvolvido por Renais Likert em 1932, conhecido como Likert-type Scale (RHEINGANTZ et al, 2009). Ainda que alguns autores sejam contrários à possibilidade do respondente não poder optar por um valor médio, sem conotação negativa nem positiva, utilizou-se neste instrumento uma escala par (-3, -2, -1, 1, 2, 3). Deste modo, o resultado se torna mais significativo, uma vez que se extingue a possibilidade do respondente se isentar de assumir uma posição favorável ou desfavorável sobre determinado tema. O caminho mais próximo desta neutralidade é indicado pelos entrevistados a partir de dois termos próximos ao valor médio - sendo um de conotação positiva e outro, negativa. (MACHADO, 2012, p.138)

Assim, com esse método buscou-se conhecer as demandas do corpo docente para espaços de convivência voltados para eles, a satisfação desses usuários com o dimensionamento de seus gabinetes de atendimento a alunos, com os espaços dos laboratórios, núcleos de pesquisa, salas de aulas, espaços de apoio, bem como o seus posicionamentos quanto à mudança das atividades da FAU-UFJF para outro espaço, e qual contribuição pessoal a partir da vivência em outras faculdades de Arquitetura e Urbanismo os entrevistados gostariam de trazer para a FAU-UFJF em um novo projeto.

Buscando por isso atender de maneira imparcial os pontos de vista do corpo docente, que naturalmente variam entre si, foi decidido que as entrevistas aconteceriam com os professores que respondem atualmente pelas funções estruturantes na organização da FAU-UFJF, isto é, o diretor da faculdade, José Gustavo Francis Abdalla, o coordenador do curso de graduação, Fábio José Martins de Lima, e os chefes dos departamentos de Projeto, Representação e Tecnologia (DPRT) e Projeto, História e Teoria (DPHT) da faculdade, respectivamente, Frederico Braida Rodrigues de Paula e Ana Aparecida Barbosa Pereira. Tendo para isso, as respostas organizadas na presente pesquisa a partir da tabulação dos dados obtidos através de cada resposta.

1. Espaços de Convivência para Professores e Funcionários

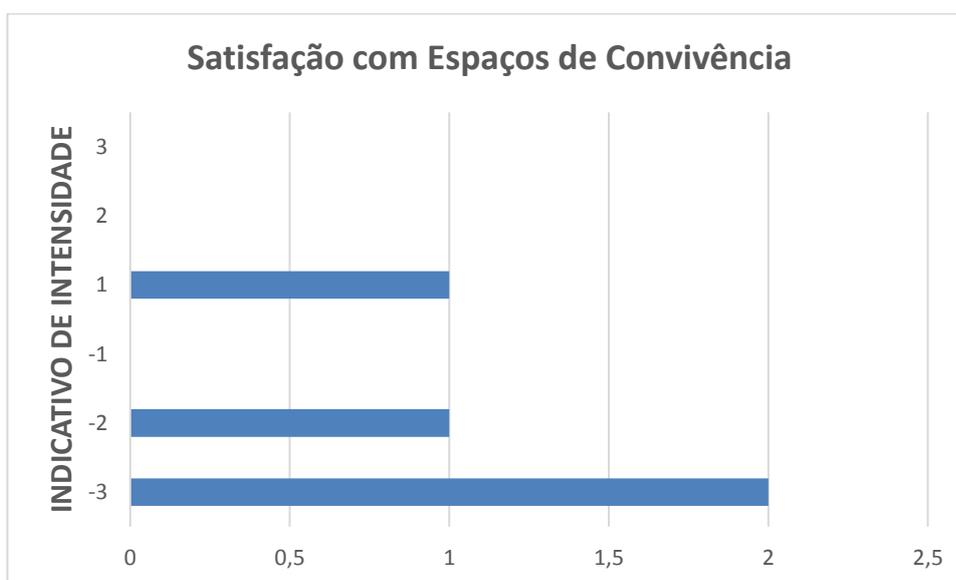
Com balanço predominantemente negativo, com exceção à resposta de apenas um dos entrevistados, foi possível concluir que há uma grande carência por um espaço desse tipo. Segundo os entrevistados, um ambiente assim é inexistente na faculdade, estando esse tipo de relação interpessoal sujeita ao espaço administrativo, que por sua vez acaba encontrando grandes deficiências devido à junção de mais atividades em um espaço que

foi adaptado a apenas uma delas, ou a outras áreas coletivas de propriedade da Faculdade de Engenharia, como a Cantina.

Além disso, de acordo com as entrevistas, não há também uma copa para funcionários e servidores, contudo, essa convivência acaba ocorrendo junto aos espaços do serviço de limpeza, que também são improvisados. Algo que revela uma necessidade ainda mais ampla, não se restringindo somente ao corpo docente.

Em geral, todos os entrevistados concordaram com a possibilidade da existência de um espaço desse tipo na faculdade. De acordo com suas demandas, um café ou uma copa próxima à sala dos professores com sofá, televisão, mesa para lanches, escaninhos e uma máquina para xerox, por exemplo, seria um espaço ideal para essa convivência. Mas é interessante ressaltar também, que um dos entrevistados demonstrou interesse por um espaço de convivência mais integrado, sem a separação de discentes e docentes, trazendo com isso um aspecto mais integrador a essa convivência social.

Gráfico 1 - Satisfação com Espaços de Convivência



Fonte: Do Autor.

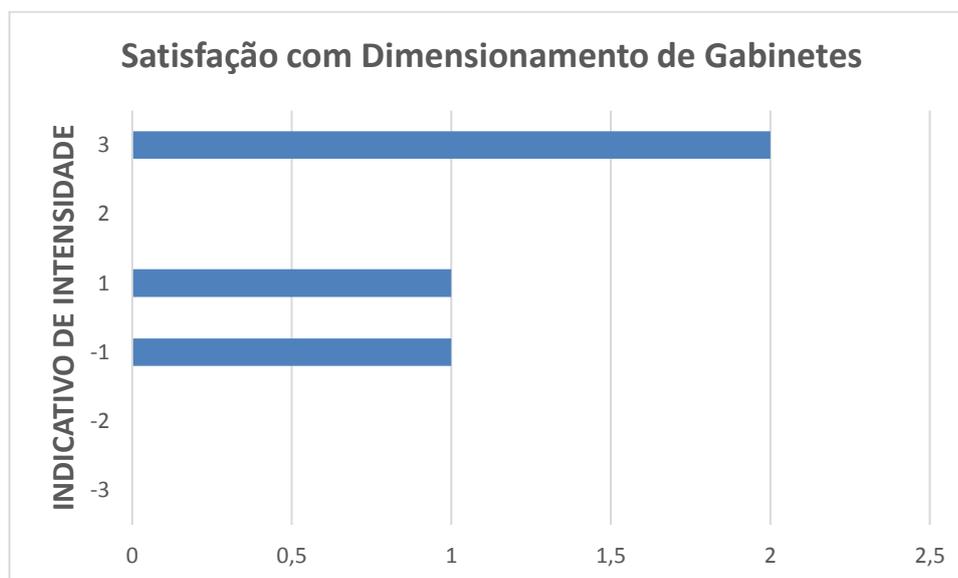
2. Dimensionamento dos Espaços dos Gabinetes dos Professores

Na média, os entrevistados demonstraram grande satisfação com o dimensionamento de seus gabinetes, estando somente um dos entrevistados insatisfeito com esse espaço. Contudo, ficou bastante claro na resposta de todos os eles, uma necessidade por uma melhor adequação da lógica desses ambientes.

Mesmo tendo dimensões agradáveis, a definição desses lugares segundo dois dos entrevistados parte de um conceito e uma identidade do próprio curso. Atualmente frente ao que é proposto para a faculdade, de acordo com eles, os gabinetes atendem às demandas, porém, se considerada a realidade prática, um gabinete compartilhado entre quatro professores – algo que acontece no Galpão da Arquitetura – demonstra-se problemático quando todos estão em atividade, visto que tornam-se difíceis orientações mais pessoais com alunos, por exemplo.

Ademais, as questões em relação aos gabinetes de professores vão além do próprio dimensionamento ou compartilhamento do espaço, de acordo com as respostas da entrevista. Houveram dentre os quatro entrevistados, por exemplo, dois casos de professores que não utilizam seus gabinetes com frequência, apesar de seu bom dimensionamento, já que segundo eles seu principal espaço de permanência são os núcleos de pesquisa, por isso, entendem que a proximidade mais encurtada entre esses dois ambientes, ou a junção em um único lugar seria o mais ideal.

Gráfico 2 - Satisfação com Dimensionamento de Gabinetes



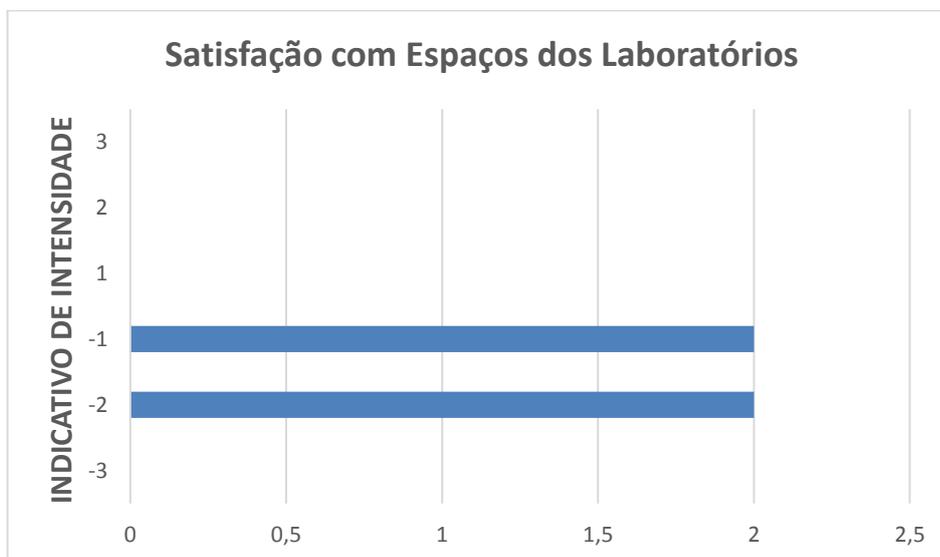
Fonte: Do Autor.

3. Espaços de Laboratórios

Comparada às questões anteriores, as respostas à pergunta sobre a satisfação com os espaços dos laboratórios atualmente foram as primeiras que consensualmente os quatro entrevistados demonstraram algum nível de insatisfação em relação ao ambiente avaliado. Ainda que entendendo que os laboratórios conseguem funcionar dentro de uma normalidade, houveram diferentes reclamações quanto a esses.

A começar pelo Laboratório de Prototipagem, há uma série de problemas segundo um dos entrevistados em relação ao não cumprimento das normas técnicas de segurança necessárias, por isso, ele permanece impossibilitado de prosseguir com as atividades. Quanto aos Laboratórios de Informática, mesmo com computadores que respondem bem às demandas de softwares, de acordo com dois dos entrevistados, em suas opiniões falta estrutura para orientação, devido à limitação espacial e falta de alguns equipamentos básicos como uma plotter, por exemplo. Além disso, de acordo com um dos entrevistados esses laboratórios não têm uma preparação acústica, térmica, luminotécnica e de infraestrutura (mobiliário, mesas com flexibilidade para computadores de plataforma e notebooks) para um bom funcionamento. Em relação ao Laboratório de Desenho, outro entrevistado observou a falta de mobiliário técnico como cavaletes, que impede, por exemplo, a prática do desenho de figura humana e observação. Além disso, há um conflito entre as aulas e um funcionamento integral para o laboratório, além de problemas com o layout que não funciona da forma ideal segundo esse entrevistado, devido ao fato de que pela limitação espacial, esse mobiliário é distribuído no entorno da sala sem qualquer organização. Por fim, houve também o questionamento do Laboratório de Maquetes, que acaba tendo sérios problemas de funcionamento, uma vez que não há capacidade para se trabalhar com outros materiais, como pedra, gesso e madeira, assim como não há máquinas para elaboração de maquetes mais complexas e as ramificações desse laboratório em Marcenaria e Serralheria. Algo que implica que se a faculdade um dia ampliar sua abordagem para Interiores, Representação e Modelagem com maior área de ensino, pesquisa e extensão, ela está restrita, como ressaltou esse entrevistado.

Gráfico 3 - Satisfação com Espaços dos Laboratórios



Fonte: Do Autor.

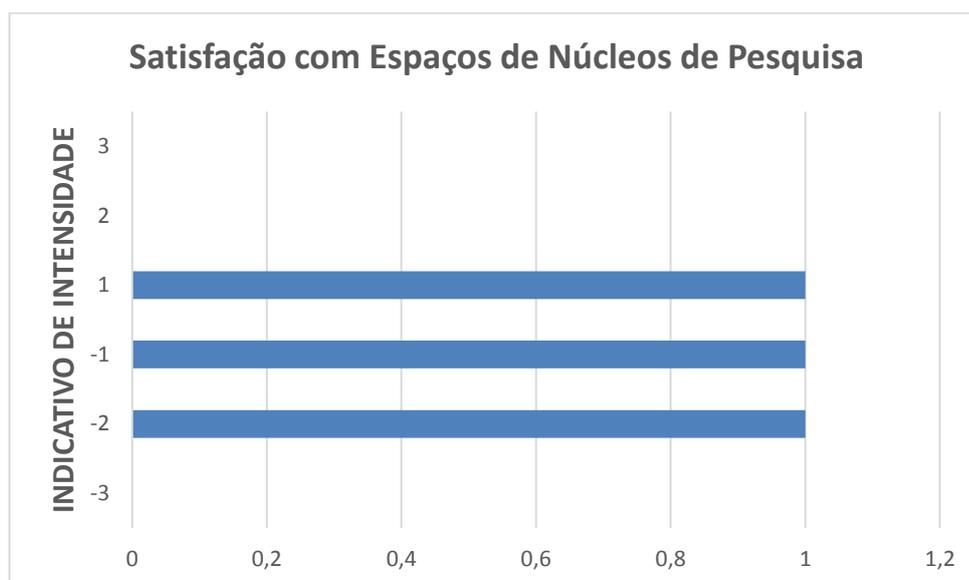
4. Espaços de Núcleos de Pesquisa

Nesse caso não houve um consenso geral sobre a satisfação em relação aos espaços dos núcleos de pesquisa, no entanto, foi possível observar que as respostas tenderam para a insatisfação, devido à maior quantidade de respostas negativas do questionário. Vale ressaltar que um dos entrevistados optou por não responder a essa pergunta, por não conhecer as demandas dos núcleos de pesquisa existentes suficientemente, assim, dos três entrevistados dois demonstraram algum nível de insatisfação.

Tomando dessa forma primeiramente a realidade de um dos entrevistados, os motivos da insatisfação variavam. Partindo do imprevisto espacial, segundo o entrevistado atualmente a edificação da faculdade não tem capacidade para atender em um único ambiente todos os integrantes do núcleo de pesquisa, que tem cerca de vinte pessoas. Além disso, há falta de mobiliário para atendimento às demandas, assim como não há espaço para pesquisas individuais dos integrantes do núcleo, existindo apenas a sala de reuniões. Segundo esse entrevistado, uma ideia seria a existência de três salas de reunião e uma menor quantidade de grupos de pesquisa. Ademais, o entrevistado ressaltou que há necessidade de separação espacial dos laboratórios de graduação, dos laboratórios de pesquisa.

Outro avaliado ressaltou que há condições para se trabalhar nos espaços dos núcleos de pesquisa, contudo, esses lugares não podem ser fechados em si mesmo. Segundo ele, o ideal é que esses espaços sejam flexíveis e integrados, a exemplo da Universidade de Manchester, onde há um grande salão voltado para os núcleos de pesquisa. Dessa forma, em sua opinião a maior integração possível seria o ideal. Algo como um núcleo que engloba todos os grupos de pesquisa.

Gráfico 4 - Satisfação com Espaços de Núcleos de Pesquisa



Fonte: Do Autor.

5. Salas de Aula do Galpão da Arquitetura e do Ed. Engenheiro Itamar Franco

Questionados sobre a satisfação em relação às salas de aula e sua eficiência em propiciar um bom espaço para aplicação de aulas teóricas e práticas, todos os professores responderam o questionário com valores negativos.

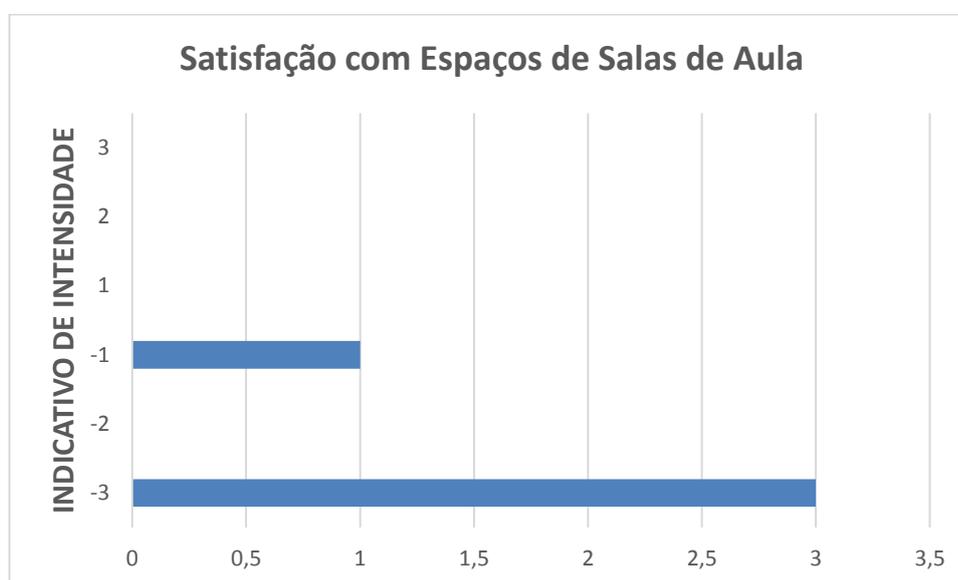
Segundo dois dos entrevistados, em termos de dimensão eles são bons, contudo, a carência desses espaços se deve ao fato de que eles não são adequados tanto para a aplicação de aulas teóricas, como práticas. Para as disciplinas de Ateliê de Projeto, devido ao espaço compartilhado com outras matérias, não há a possibilidade da continuidade do processo de trabalho, uma vez que a configuração espacial e a exposição dos trabalhos precisam ser desmontadas após as aulas, segundo eles. Além disso, o próprio layout das salas é inadequado para aulas de projeto. Para as aulas teóricas, por outro lado, o espaço não promove a interação entre os alunos e os professores, de acordo com um deles. Assim, há um conjunto de salas grandes e pequenas, mas há a falta de condição para aulas. A acústica é ruim, a iluminação não é eficiente, e o mobiliário não propicia relações mais contemporâneas para ambientes de salas de aula

Outro avaliado reconhece as reclamações em relação ao Ed. Itamar Franco, mas entende que esses problemas não são grandes impeditivos para a aplicação das aulas, uma vez que as salas são capazes de atender à demanda. De acordo com ele, há problemas de ventilação cruzada, acessibilidade, insolação, falta de preparação para Datashow e falta

de conforto térmico, mas essas salas ainda atendem às necessidades. Em relação ao Galpão da Arquitetura, por outro lado, os entrevistados reclamam da improvisação dos espaços de aulas e do dimensionamento limitado, que tem como consequência um layout inadequado, todavia, ainda preferem esse espaço.

Para melhores resultados do espaço como estimulador para as aulas, segundo dois dos entrevistados, para as aulas teóricas um ambiente menor e mais tradicional é mais agregador. Além disso, de acordo com outra resposta, o espaço ideal é aquele que em si mesmo é uma forma de ensino, mostrando estruturas, texturas, cores e instalações, além de abrir margem para constantes mutações.

Gráfico 5 - Satisfação com Espaços de Salas de Aula



Fonte: Do Autor.

6. Espaços de Apoio Administrativo

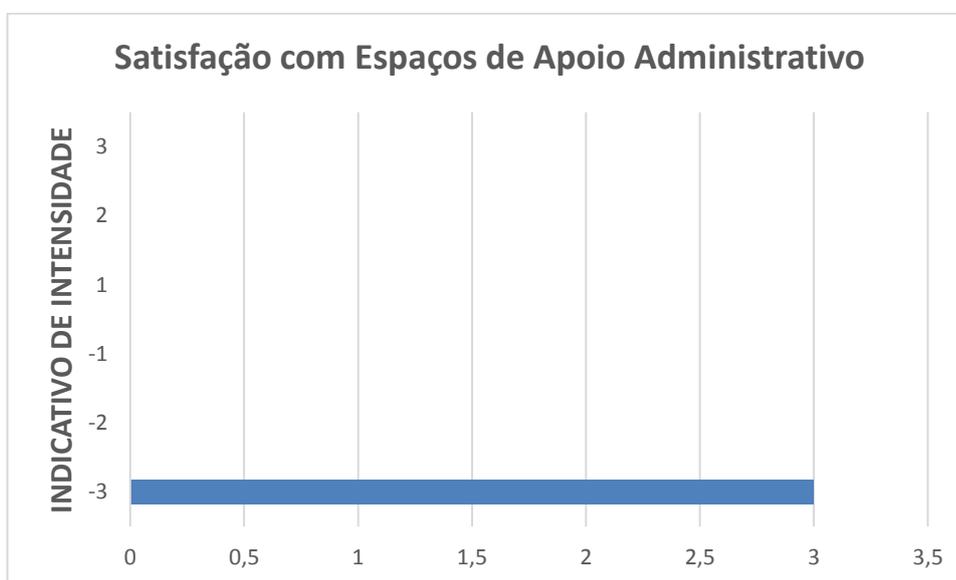
Com três respostas negativas em (-3) e uma resposta não contabilizada de um dos entrevistados que entendia que sua satisfação estava entre os valores (-1) e (+1), foi possível concluir que há uma carência latente por espaços desse tipo voltados ao corpo docente. Algo que se confirma nas respostas dos respondentes.

Em conformidade com a resposta de um dos avaliados, atualmente existe apenas a secretaria da faculdade e a coordenação, contudo, esses espaços são ruins e não têm condições para oferecer um bom atendimento, ocorrendo por isso constrangimentos constantes. Não há condições para um bom armazenamento dos documentos e materiais do corpo docente, que atualmente ficam dispostos em armários próximos de áreas de

grande circulação, de forma que ficam vulneráveis. Além disso, não há espaço para atendimento aos departamentos, por isso, os gabinetes dos professores que assumem a chefia tornam-se as salas de departamento, segundo ele.

Dois entrevistados também ressaltaram a carência de uma secretaria administrativa dos departamentos. Ainda de acordo com eles, o ideal seria um espaço que poderia ser compartilhado, com uma sala para um técnico administrativo para apoio específico das demandas departamentais. Algo que já começa a ocorrer atualmente. Um deles idealiza uma sala multiuso compartilhada com professores de outros departamentos da Engenharia, História e Arte, que promovesse uma interação interdisciplinar, já que muitos professores não se conhecem.

Gráfico 6 - Satisfação com Espaços de Apoio Administrativo



Fonte: Do Autor.

7. Mudança das atividades do Galpão da Arquitetura

Com caráter mais livre e sem os indicadores de intensidade, os entrevistados foram questionados sobre o seu posicionamento em relação à mudança das atividades realizadas atualmente no Galpão da Arquitetura para um novo espaço, através da pergunta “Você tem alguma restrição quanto à mudança das atividades da FAU-UFJF para outro espaço, e a conseqüente saída do Galpão da Arquitetura? Se sim, fale sobre o assunto.”. E as respostas foram bastante conclusivas para se compreender as necessidades para uma possível mudança, bem como os motivos para valorização do Galpão.

De acordo com o primeiro entrevistado, para ele não havia nenhuma restrição quanto à saída. Segundo ele há uma necessidade urgente para isso ocorra, caso o objetivo seja melhorar a qualidade do curso. Em conformidade com sua resposta, há uma cultura de estática do processo de formação dos espaços na arquitetura. O Galpão segundo ele não foi o primeiro espaço que o curso de Arquitetura e Urbanismo teve, e o próximo também não será imutável. Em sua opinião, com o tempo os espaços tornam-se obsoletos e limitados, algo que ocorreu com o Galpão. Ele defende que o ideal é que a faculdade tenha um espaço que interaja com as atividades, no entanto, não há essa cultura. Ao seu ver, há mais sentimentalismo do que experimentação de faculdade e isso impede mudanças significativas. Mas ele entende que com o tempo, existindo um espaço melhor, essa relação de afetividade acabará mudando.

O segundo entrevistado, por outro lado, demonstrou interesse em mudar devido às necessidades, porém, lembrou John Ruskin para embasar seu ponto de vista em relação à manutenção do Galpão da Arquitetura, em uma visão mais ligada à cultura e à conservação. Em seu ponto de vista, o espaço do Galpão é importante para o curso, e por isso, emoções e a cultura pesam contra a mudança. Contudo, para ele, se houvesse um espaço novo mais adequado às demandas da faculdade, seria algo bastante importante e que não pode ser negado. Assim, o entrevistado entende que pensando no lado da memória, poderia existir ali um espaço cultural, uma galeria de exposição de trabalhos e seria o espaço ideal para se trabalhar a questão da comunidade.

Em conformidade com o primeiro avaliado, o terceiro entrevistado também não demonstrou qualquer restrição quanto à saída do Galpão, pois segundo ele, entende que o espaço é transitório. De acordo com sua resposta, ele mesmo estudou nesse espaço e compreendia que era ruim para as aulas, e em sua opinião um novo espaço é o ideal, pois vê o Galpão como ruim. Ademais, o quarto entrevistado também possui a mesma opinião, e não tem qualquer restrição quanto à mudança, pois enxerga esse momento de forma positiva, afinal isso acompanha uma nova proposta pedagógica e com essa estrutura é possível ter condições adequadas para contribuir para a formação dos estudantes.

8. Contribuições para um novo Projeto para a FAU-UFJF

Por fim, como finalização da Entrevista Estruturada, também de forma livre e sem os indicativos de intensidade, os entrevistados foram perguntados sobre qual contribuição eles dariam a partir de suas experiências de Graduação, Pós-Graduação em Mestrado

ou Doutorado em outras instituições maiores, nacionais ou internacionais, para um novo projeto para a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFJF.

O primeiro gostaria de trazer da experiência com a UFRJ as novas experimentações de Laboratórios, com a USP São Carlos, a integração de ensino, pesquisa e extensão à cidade e a universidade. Segundo ele, na instituição há laboratórios fora do Escola de Arquitetura, entretanto, há uma participação efetiva dentro desses laboratórios. Algo que não acontece na FAU-UFJF, que tem laboratórios interessantes para a graduação, situados na Engenharia que não são utilizados pelos alunos da Arquitetura e Urbanismo. Além disso, para ele os gabinetes da USP são interessantes, não são grandes, mas eficientes, algo que ele gostaria de trazer para a UFJF. Os laboratórios de Realidade Virtual e Aumentada são outra influência positiva para o futuro da UFJF, a exemplo da Cave da FAU-USP, segundo ele.

O segundo entrevistado, por outro lado, gostaria de trazer as possibilidades de interação entre professores, alunos e funcionários que encontrou em universidades internacionais e considera importante, atreladas a um espaço físico que traduz tecnologias, inovações e reinventa tradições, em suas palavras. Algo que ele entende contribuir para um ensino em que o aluno não se posiciona apenas como ouvinte, mas vivencia a Arquitetura e Urbanismo na prática.

No caso do terceiro avaliado, em sua opinião, ele gostaria que a FAU-UFJF pudesse receber um projeto assinado por um arquiteto, assim como foi com outras universidades brasileiras. Um projeto com boa concepção desde o início, levando em consideração as necessidades que a faculdade tem, e não uma adaptação como se encontra atualmente. Em sua opinião, a contribuição seria um edifício que seja autoexplicativo quanto à Arquitetura.

Por fim, o último entrevistado gostaria de um projeto que entendesse a Arquitetura na sua verdade e em seu propósito. Para ele, quando se faz um projeto de arquitetura tem de pensar em diferentes fatores, assim se consegue trabalhar um bom projeto para uma Escola de Arquitetura, dentro dos desafios encontrados atualmente. A própria Arquitetura contribui para o ensino, e um bom projeto para uma Escola de Arquitetura necessita dessa influência. Por isso, de acordo com sua resposta, não dá para tomar como parâmetro os projetos que já teria tido contato, uma vez que esses haviam sido pensados para outro tempo e realidade, enquanto um projeto atual necessita do total entendimento dos desafios de hoje.

5. Premissas Projetuais

A partir de todo o histórico levantado sobre a Universidade Federal de Juiz de Fora e sobre as transformações pelas quais o curso de Arquitetura e Urbanismo passou desde 1992 até se transformar em Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, além das pesquisas sobre as diferentes faculdades no Brasil e no exterior e a Avaliação de Pós-Ocupação desenvolvida no presente trabalho, neste capítulo serão apresentadas todas as informações necessárias para realização do projeto que é objeto dessa pesquisa: a sede da FAU-UFJF.

Assim, partindo da caracterização do terreno, que engloba a justificativa de sua escolha, bem como o mapeamento da localização do sítio, dos serviços oferecidos na região e do estudo de insolação do local, neste capítulo serão abordadas também as propostas a serem atendidas na fase de desenvolvimento do projeto, além do programa de necessidades e as ideias iniciais que nortearão a concepção.

5.1. O Terreno e a sua Região

Antes da apresentação de qualquer informação relativa ao local escolhido, faz-se necessária a justificativa da escolha desse terreno, que se deu a partir de todo o desenvolvimento da pesquisa de campo realizada com as diferentes turmas de Projeto, e com os professores e técnicos administrativos, que condicionaram o conteúdo do presente trabalho para uma abordagem menos caracterizada pela experimentação de um espaço ideal e hipotético, mas para uma abordagem estritamente ligada à realidade vivenciada atualmente na faculdade. Algo que influenciou diretamente na escolha desse terreno, que se trata de um espaço já destinado oficialmente para a implantação de um projeto a ser concretizado futuramente para a FAU-UFJF. Assim, a proposta projetual pretende ser uma resposta concreta às necessidades reais do corpo docente, dos alunos e dos técnicos administrativos, observadas durante a Avaliação de Pós-Ocupação.

Dessa forma, sobre o terreno, a sua localização se dá dentro do campus da Universidade Federal de Juiz de Fora, estando especificamente na área mais alta do campus, isto é, a região da Engenharia. Situado no novo estacionamento próximo ao Centro Regional de

Inovação e Transferência de Tecnologia (Critt) e ao Instituto de Artes e Design (IAD), o terreno possui aproximadamente 2900 m², e é ligado a outro grande terreno onde será instalado futuramente um edifício da Faculdade de Engenharia, que estará interligado ao novo prédio da FAU-UFJF por uma grande área externa de convivência, que funcionará como elemento integrador entre ambos.

Figura 61 - Localização do Terreno da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFJF



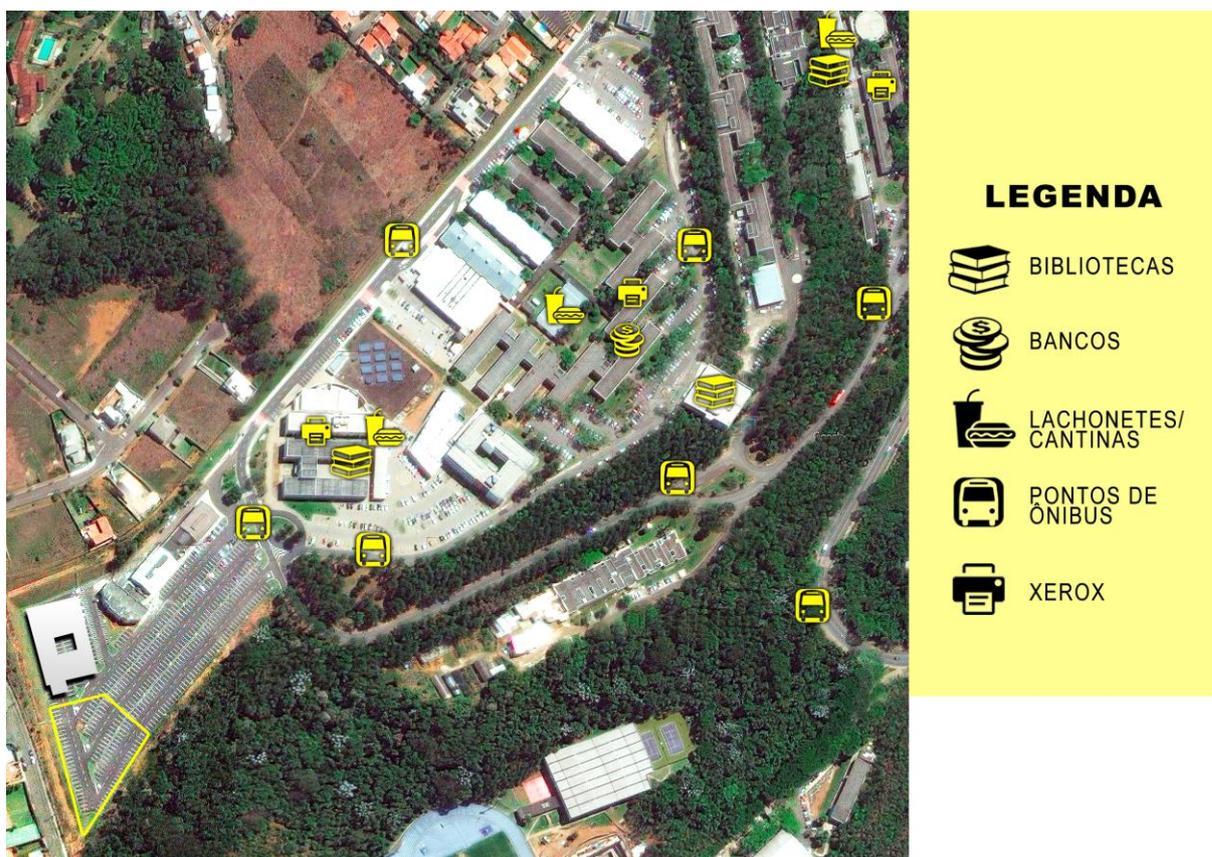
Fonte: GOOGLE EARTH. Acesso em: 28 de jun. 2017. Adaptado pelo Autor.

Considerando que o terreno se encontra implantado dentro do campus da UFJF, há em seu entorno uma infraestrutura de serviços já previamente estabelecidos e que influenciam fortemente na decisão de quais desses necessitam estar presentes no novo projeto da FAU-UFJF. Dessa forma, foi feito um levantamento dessa infraestrutura mais próxima do terreno, considerando as atividades e necessidades mais constantes entre estudantes e professores, que são as bibliotecas, os caixas rápidos de banco para saque, as lanchonetes / cantinas, pontos de ônibus e xerox.

Desse levantamento pôde ser feita uma breve análise da microrregião do terreno, na qual verificou-se uma falta de pontos de ônibus para atendimento da área onde o novo edifício da FAU-UFJF se inserirá, dificultando o acesso direto a esse espaço. Além disso, foi

possível também compreender que há uma demanda crescente por caixas rápidos de banco, que no caso da área da Engenharia da UFJF existe apenas um. Foi também observado que há uma boa quantidade de lanchonetes dentro do campus e relativamente próximas do terreno, mas torna-se impraticável o seu uso rotineiro no caso da construção de uma nova edificação para a FAU-UFJF, uma vez que essas lanchonetes se encontram distantes dos espaços desse terreno, para a locomoção sem veículos. Por fim, dessa análise também se notou uma boa quantidade de bibliotecas, entretanto, esses espaços são para uso predominantemente do curso e da faculdade que os abrigam, não sendo interessantes para o compartilhamento com o curso da Arquitetura e Urbanismo, assim como os pequenos estabelecimentos para Xerox, que são encontrados tanto na Engenharia quanto no IAD, não sendo interessantes por isso para o compartilhamento com a FAU-UFJF também.

Figura 62 - Mapa de Serviços Oferecidos dentro do Campus da UFJF



Fonte: GOOGLE EARTH. Acesso em: 28 de jun. 2017. Adaptado pelo Autor.

Conhecendo então o terreno e o seu entorno imediato, é de extrema importância o conhecimento das condições a que esse terreno está sujeito. Dessa maneira, foi feito um Estudo da Insolação no terreno, já considerando o novo edifício da Engenharia que será construído ao lado do prédio da FAU, assim como a vegetação que existe na lateral do

terreno e é caracterizada pela presença de árvores de maior porte que geram sombreamento. Sendo para esse estudo considerados dois horários de análise, predominantemente à tarde – horário que se verificou nas avaliações ter maiores problemas relativos à insolação excessiva -, isto é, às 12h00 e às 17h00, do Equinócio de Outono, do Solstício de Inverno, do Equinócio de Primavera e do Solstício de Verão.

Figura 63 - Estudo de Insolação do Terreno



Fonte: Do Autor.

Portanto, a partir desse estudo, foi possível concluir que na parte posterior do terreno, possivelmente no projeto construído haverá melhores condições de conforto ambiental, devido ao sombreamento gerado pela topografia mais íngreme e pelas residências na rua ao fundo, principalmente ao final da tarde durante todo o ano. Por outro lado, no restante do terreno constatou-se que já uma incidência solar mais constante durante o dia. Algo que demandará um tratamento de conforto ambiental para melhores condições térmicas.

Figura 64 - Fotografia Panorâmica do Terreno onde se inserirá a FAU-UFJF



Fonte: Do Autor.

5.2. Premissas Projetuais

Tendo sido a pesquisa histórica, os estudos de caso e a Avaliação de Pós-Ocupação bastante conclusivos para a criação da concepção do projeto, é dessas fontes que vêm as principais ideias para se tomar um partido projetual.

A começar pelos ideais de Arthur Arcuri citados no início do presente trabalho, um dos interesses com o projeto é a retomada da ideia inicial do campus de criar um viés integrador entre os cursos. E tal fato se vê facilitado devido à proximidade com o novo edifício da Engenharia e o centro de convivência compartilhado com a FAU-UFJF. Contudo, não somente de espaços coletivos se faz essa integração. De acordo com as visões recebidas durante as entrevistas, seria bastante interessante que o propósito de laboratórios compartilhados entre diferentes cursos pudesse se tornar uma realidade, por exemplo. O intercâmbio entre professores de faculdades diferentes facilitado pelo espaço é outro ponto a ser almejado.

Além disso, outro ponto de grande importância a ser trabalhado em projeto é o atendimento das necessidades atualmente sufocadas no Galpão da Arquitetura, como a melhoria dos espaços, a criação de uma edificação que seja em si mesma uma fonte de conhecimento de Arquitetura para os alunos, o fornecimento de uma infraestrutura que

possibilite que os discentes tenham condições de explorar seus conhecimentos através de multiplataformas, não estando contidos no espaço das salas de aula, assim como uma equiparação dessa infraestrutura ao padrão das faculdades internacionais, estudadas no capítulo 2 desta pesquisa.

Ademais, será fundamental que exista uma manutenção de toda a memória e apelo sentimental revelados durante as pesquisas de campo pelo Galpão da Arquitetura, não o ignorando durante o trabalho na nova edificação, dando um potencial uso para essa edificação que ganhou grande significação na história do curso. Será importante também, que esse novo espaço seja um reflexo dos aspectos bons que podem ser encontrados no Galpão, funcionando como uma resposta a todas as necessidades e críticas reveladas direta ou indiretamente na Avaliação de Pós-Ocupação.

Assim, o projeto se baseará nesses quatro pilares essenciais para que todos os pontos levantados anteriormente não sejam esquecidos:

1. Integração com outros cursos, a partir dos ideais de Arcuri;
2. Atendimento às demandas existentes;
3. Manutenção da memória e afetividade com o Galpão da Arquitetura;
4. Implantação de novas tecnologias que equiparem a FAU-UFJF ao padrão internacional.

5.3 Programa de Necessidades

Tomando como base os programas de necessidades das seis escolas estudadas anteriormente, e encarando a realidade e tamanho da FAU-UFJF atualmente, bem como suas perspectivas para crescimento futuro, foi feito um programa de necessidades completamente adaptado às necessidades diagnosticadas com os procedimentos de APO.

Tal programa de necessidades, foi discutido com alguns dos entrevistados – que devido às suas funções estruturantes na Faculdade, puderam oferecer informações para uma melhor adequação desse programa – e modificado com o intuito de atender de uma forma global todos os usuários, sem qualquer exceção, se organizando assim:

SERVIÇOS
1 Unidade de Xerox
1 Cafeteria
2 Caixas Rápidos
ACADÊMICO
1 Infocentro para até 50 pessoas (De uso Livre para a realização de trabalhos)
1 Cafeteria
1 Biblioteca (Dividida em Setor de Leitura e Armazenamento / Estantes)
3 Salas de Estudo para Grupos de 6 pessoas
30 Mesas para Estudo Individual
12 salas / ateliês de projeto
4 salas de aulas teóricas tamanho médio para até 30 alunos
4 salas de aulas teóricas tamanho grande para até 50 alunos
1 laboratório de Desenho
1 laboratório de Maquetes
1 laboratório de Prototipagem
1 grande ateliê de projeto livre para até 100 pessoas
2 laboratórios de informática para até 25 estudantes
1 Anfiteatro com capacidade para 150 pessoas e expansível para 250
1 Laboratório de Conforto Ambiental
1 Laboratório de Tecnologia da Construção
CORPO DOCENTE
1 Grande Sala de Reuniões para Professores
1 Sala de Descanso
1 Copa para Professores
1 Sala da Diretoria da Faculdade (Dividida em uma Sala para o Diretor e outra para o Vice)
1 Sala do Coordenador
1 Secretaria
Almoxarifado dos Professores e Técnicos Administrativos
36 Gabinetes Individuais de Professores
1 Copa para Funcionários
DEPARTAMENTO DE PROJETO, REPRESENTAÇÃO E TECNOLOGIA
1 Sala da Chefia do Departamento
5 Salas para Núcleos de Pesquisa do Departamento
DEPARTAMENTO DE PROJETO, HISTÓRIA E TEORIA
1 Sala da Chefia do Departamento
5 Salas para Núcleos de Pesquisa do Departamento
1 Grande Sala de Reuniões para os dois Departamentos

PROAC - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AMBIENTE CONSTRUÍDO
3 Salas de Aulas (Uma para cada linha de pesquisa)
1 Salão Compartilhado para Pós-Graduandos
30 Divisões no Salão compartilhadas entre 2 pós graduandos para Produção de Conteúdo (com computadores e espaço para arquivos de pesquisa)
CONVIVÊNCIA
1 Grande Salão Multiuso Flexível (dividido em área interna e externa)
1 Pátio
1 Sala de Exposição de Trabalhos
Hall
Recepção
1 Sala para Diretório Acadêmico - CACAU
SERVIÇOS GERAIS
1 Sala de Lixo e Despejo
Depósito de Materiais de Limpeza
1 Sala de Descanso para Serventes
1 Vestiário Masculino
1 Vestiário Feminino
1 Almojarifado dos Funcionários (Serviços Gerais)

É interessante ressaltar sobre o Programa de Necessidades, que atualmente nem todas as funções planejadas para a nova sede da faculdade são exercidas dentro dos espaços da Arquitetura e Urbanismo, muitas vezes por serem compartilhadas por outros cursos. A exemplo disso, todos os serviços propostos no Programa de Necessidades, hoje não são oferecidos na faculdade. Além disso, demandas como as que foram trazidas com o Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído, atualmente não são uma necessidade primordial a ser contemplada nos espaços da FAU-UFJF, uma vez que suas atividades já são realizadas em espaços da Faculdade de Engenharia – que também é uma das áreas de abrangência do Programa. Entretanto, é de suma importância enfatizar que considerando atualmente o corpo docente responsável pelo programa, que conta com inúmeros professores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, bem como o registro junto à CAPES que se dá na área da Arquitetura e Urbanismo, há uma possibilidade concreta de que o PROAC seja sediado dentro das imediações da FAU-UFJF

5.4 Considerações Finais

Pode-se concluir, portanto, a partir de todo o conteúdo levantado na presente pesquisa, que tal material foi essencial para a consolidação de um olhar mais global e menos tendencioso para a criação de um novo projeto. Conteúdo esse que teve variados objetivos, a começar por tornar conhecida a história da Universidade Federal de Juiz de Fora e de sua Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, que estão diretamente ligadas ao objeto da presente investigação. Além disso, foi também objetivo deste trabalho trazer contribuições positivas de projetos nacionais consolidados a partir de uma história com décadas de bom funcionamento, assim como projetos internacionais com soluções inovadoras e tecnologias atuais, que ampliam o entendimento de um bom espaço para uma faculdade de Arquitetura e Urbanismo. E por fim, apresentar uma pesquisa de campo minuciosa com os usuários dos espaços da FAU-UFJF, afim de alcançar uma ampla compreensão de como estudantes, professores e técnicos administrativos enxergam os espaços da FAU-UFJF.

Assim, entende-se que os principais objetivos estabelecidos ao início do trabalho, de alcançar uma pesquisa de campo que pudesse abranger não somente um grupo de pessoas da faculdade, mas uma amostragem expressiva e com pontos de vistas variados foram alcançados com sucesso. E tal fato é de grande importância para o final desta pesquisa, de forma que se crie uma consciência sobre as necessidades enfrentadas hoje pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo para a sua consolidação e expansão, entendendo as limitações atuais diante da falta de um espaço mais adequado.

Além disso, foi essencial também que o olhar menos técnico e mais sentimental fosse embasado nos resultados das Avaliações de Pós-Ocupação que revelaram uma grande afeição e identificação com o Galpão da Arquitetura, para que de alguma forma a proposta projetual possa resgatar sua memória e o mantenha de alguma maneira. Contudo, também as Avaliações de Pós-Ocupação foram de grande importância para que este mesmo olhar sentimental, não seja um impeditivo no entendimento dos graves problemas enfrentados não somente no Edifício Engenheiro Itamar Franco, que já eram conhecidos anteriormente, mas também no Galpão da Arquitetura, que por vezes é superestimado devido a essa carga emotiva relacionada a ele, e não tem seus problemas criticados e questionados.

Sendo assim, tomando por base a “Abordagem Experiencial” (2004) adotada pelo Grupo de Pesquisa da Qualidade do Lugar e Paisagem da UFRJ, o ProLUGAR, e trazendo para a conclusão da presente pesquisa a experiência pessoal do autor, como aluno da FAU-UFJF, é bastante interessante não somente entender os espaços com o qual se tem contato durante cinco anos de graduação de uma forma mais aprofundada, como também entender que muitas vezes as próprias visões infundamentadas que se adquire ao longo do tempo de vivência do espaço são impeditivos muitas vezes de que ocorra o progresso da faculdade. Isso devido ao fato de que comumente a realidade imediata de que o único espaço com relações de pertencimento para a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo pode ser perdido, acaba se tornando um motivo de se repelir qualquer mudança, que como visto nos resultados das Avaliações de Pós-Ocupação, podem ser completamente benéficas não somente para o corpo docente e administrativo, mas principalmente para os estudantes.

Por isso, toda a pesquisa histórica e dos estudos de caso, de faculdades como a FAU-USP que passou por processo semelhante, de mudança de um espaço com grande carga sentimental – a Vila Penteado – para uma nova sede com projeto mais atual para sua época, foi de grande importância para que se compreenda nesse momento final a necessidade de um novo projeto, bem como foi fundamental para que todos estes elementos direcionassem para uma nova realidade para a sede da FAU-UFJF, que possa ser uma resposta a todas as questões levantadas anteriormente, se materializando no objeto da presente pesquisa: a Unidade da FAU-UFJF.

Bibliografia

Active Learning Space. **Overview of Active Learning**. Disponível em: < <http://activelearningspace.org/principles>>. Acesso em 17/05/2017.

ALBERTO, Klaus; SOUSA, Luísa do A. R.; BARROS Cecília G. e CASTRO, Aloísio A. **ARQUIVOS UNIVERSITÁRIOS E A MEMÓRIA DOS CAMPI NO BRASIL**. In: SEMINÁRIO IBERO-AMERICANO,4., 2015, Belo Horizonte. Anais. Belo Horizonte: 2015. 1-19.

ALCANTARA, Denise. **ABORDAGEM EXPERIENCIAL E REVITALIZAÇÃO DE CENTROS HISTÓRICOS: OS CASOS DO CORREDOR CULTURAL NO RIO DE JANEIRO E DO GASLAMP QUARTER EM SAN DIEGO**. Fevereiro 2008. 314p. Tese (Doutorado em Arquitetura). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro/ 2008.

AMPLIACIÓN FACULTAD DE ARQUITECTURA, ARTE Y DISEÑO UNIVERSIDAD DIEGO PORTALES. AOA – Asociación de Oficinas de Arquitectos de Chile, Joinville, nº 14, p. 46-53, jul. 2010.

ARCHDAILY Brasil. **Ampliação Faculdade de Arquitetura, Arte e Design UDP / Ricardo Abuauad**. Disponível em: < <http://www.archdaily.com.br/br/788975/ampliacao-faculdade-de-arquitetura-arte-e-design-udp-ricardo-abuauad> >. Acesso em 16/05/2017.

ARCHDAILY Brasil. **Unisociesc Bloco H / Metroquadrado**. Disponível em: < <http://www.archdaily.com.br/br/788175/unisociesc-bloco-h-metroquadrado> >. Acesso em 17/05/2017.

ARCURI, Arthur. **REFORMA UNIVERSITÁRIA**. 1ª Ed. Universidade Federal de Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 1967. 15 p.

BAIRD, George et.al. (Edit.) **Building Evaluation Techniques**. New York: McGraw-Hill, 1995.

BARBOSA, Roldão; LOPES, Antônio. **UMA HISTORIOGRAFIA DA REFORMA UNIVERSITÁRIA DE 1968**, Universidade Federal do Piauí. Volume 1., p. 1-14, 2009.

CHILEARQ. **PROJECT - Facultad de Arquitectura y Diseño UDP - Ricardo Abuauad**. Disponível em: < <http://www.chilearq.com/web/proyectos/801/>>. Acesso em 16/05/2017.

CORDEIRO, Patricia. **A Cidade Universitária da Universidade Federal do Rio de Janeiro**; Preservação da Arquitetura Moderna. 2015. 196 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2015.

COSTA, Ana Paula Delgado. **O REUNI NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA: UMA ANÁLISE DOS BACHARELADOS INTERDISCIPLINARES**. 2014. 117 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2014.

DIEZ, Fernando. **Cuando la Arquitectura revive la vida urbana [Mathias Klotz]**. Nov. 2006. Disponível em: < http://noticias.arq.com.mx/Detalles/8798.html#.WSTc_evyyIW >. Acesso em 16/05/2017.

EDITAL. **Nº 01/2015: Concurso para criação de logomarca e/ou logotipo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo**; Aprova a criação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFJF, 2015. 12 p.

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. **Infraestrutura**. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/arquitetura/graduacao/curso/infraestrutura/>>. Acesso em 11/04/2017.

Faculdade de Engenharia da Universidade Federal de Juiz de Fora, DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO. **PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**. Juiz de Fora, 2012. 92 p.

FAUP - Universidade do Porto – Faculdade de Arquitectura. **História**. Disponível em: < https://sigarra.up.pt/faup/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=hist%C3%B3ria >. Acesso em 21/05/2017.

FELÍCIO, Rafaela A. **Faculdade na Fábrica Arquitetura e Urbanismo UFJF**, Proposta de Transformação de Uso. 2008. 126 f. Monografia (Graduação) – Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Engenharia da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2008.

FERNANDES, Carlos Murdoch; SEABRA, Júlia Emmerick; ROSRIGUES, Mariana Rocha; CORTÊS, Marina Medeiros; OLIVEIRA, Paula Peret; BRAGA, Paula Rodrigues;

PEREIRA, Silvia Maria Soares de Araújo; WAGNER, Sonia Gomes; MARTINS, Valéria Roma. **AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DO AMBIENTE CONSTRUÍDO: ESCOLA MUNICIPAL ALBERT SCHWEITZER**. Rio de Janeiro, 2011. p. 1-59.

GALLANTI, Fabrizio. **Ampliamento della Scuola di Architettura della UDP**. Abitare Architettura, Milão, out. 2009. <
<http://www.abitare.it/it/architettura/2009/10/08/ampliamento-della-scuola-di-architettura-della-udp/>>. Data de acesso: 16/06/2017.

GIANNECCHINI, Ana Clara. **Técnica e estética no concreto armado; Um estudo sobre os edifícios do MASP e da FAUUSP**. 2009. 321 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009.

HEIJER, Alexandra Den. **Managing the university campus; Information to support real estate decisions**. 1ª Ed. Delft: Eburon, 2011. 432. Technologie & Medisch

HEIJER, Alexandra Den. 2009. **The making of BK City The ultimate laboratory for a faculty of architecture**. Delft Annual, Delft, Vol. 1, p. 18-23, 2009.

JURISDIÇÃO. **RESOLUÇÃO N.º 13/2014**; Aprova a criação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFJF, 2014. 1 p.

La Facultad de Arquitectura de la Universidad de Porto (Alvaro Siza)- Arquitecturas (2001). Direção: Richard Copans. Documentário, 27'25". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dNCM_IRf8IQ&t=22s>. Acesso em: mai. 2017.

LUCHINI, Beatriz; SHAMOLOLO, Olivier; FERREIRA, Otáveio e MATOS, William. **Memória do Curso de Arquitetura & Urbanismo da UFJF nos seus 20 Anos de Existência (1992 A 2012)**. Juiz de Fora: UFJF, 2013. 27 p.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 1986. 128p.

MACHADO, Ernani Simplício. **RELAÇÕES ENTRE AMBIENTES EXTERNOS E INTERNOS EM CENTROS DE REABILITAÇÃO MOTORA: UM ESTUDO NA ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA À CRIANÇA DEFICIENTE DE NOVA IGUAÇU-RJ**. Março 2012. 217p. Tese (Doutorado em Ciências da Arquitetura). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro/ 2012.

MARTINS, Valéria Roma; OLIVEIRA, Vanessa Barbosa; RHEINGANTZ, Paulo Afonso; AZEVEDO, Giselle Arteiro; TÂNGARI, Vera Regina. **Interação com usuários em APO de pátios escolares: métodos, instrumentos e aplicação**. In: 2º. Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído, X Workshop Brasileiro de Gestão do Processo de Projeto na Construção de Edifícios, Rio de Janeiro, 2011. Anais. Rio de Janeiro, p. 1-10.

MEACHAM, Brian et al. **Fire and Collapse, Faculty of Architecture Building, Delft University of Technology: Data Collection and Preliminary Analyses**, Institute Road, Worcester, USA. Volume 1., p. 1-14, 2008.

MENDES, Jefferson. **READAPTAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO EM EQUIPAMENTOS INSTITUCIONAIS**, Rearranjo dos galpões da Faculdade de Engenharia para a futura Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. 2007. 83 f. Monografia (Graduação) – Curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Engenharia da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2007.

NEDERLANDS ARCHITECTUURINSTITUUT. **FACULTEITSGEBOUW BOUWKUNDE TU DELFT BESTAAT NOG OP PAPIER** Tekeningen uit het archief Van den Broek en Bakema. Disponível em: <http://www.nai.nl/collectie/bekijk_de_collectie/item/_rp_kolom21_elementId/1_277351> . Acesso em 14/05/2017.

OLENDER, Marcos. **Arthur Arcuri: uma pequena foto-biografia**. Revista A3, UFJF, nº 05, p. 62-65, nov. 2013 a abr. 2014.

OLIVEIRA, Olívia; BUTIKOFER, Serge. **Uma viagem pela arquitetura brasileira**. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.064/421>>. Acesso em 13/05/2017.

PERRONE, Rafael. **Vilanova Artigas e o edifício da FAU USP; A formação dos espaços de formação**. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.191/6004/>>. Acesso em 12/05/2017.

PIRES, Amílcar de Gil. **Carácter da Arquitectura e do Lugar**. ARTITEXTOS06, Lisboa, p. 107-120, jul. 2008.

PT.WIKI.ARQUITECTURA. **Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto**. Disponível em: < <https://pt.wikiarquitectura.com/constru%C3%A7%C3%A3o/faculdade-de-arquitectura-da-universidade-do-porto/>>. Acesso em 21/05/2017.

RIBEIRO, Fabiane. **UMA OBRA A SER ESTUDADA**. Premier, Joinville, 104, p. 30-41, dez. 2015.

ROMÉRO, Marcelo de Andrade; ONSTEIN, Sheila Walbe. **AVALIAÇÃO DE PÓS-OCUPAÇÃO: Métodos e Técnicas Aplicados à Habitação Social**. Porto Alegre: ANTAC, 2003. 294p. Coleção HABITARE/FINEP

RHEINGANTZ, Paulo Afonso; AZEVEDO, Giselle Arteiro. **A ABORDAGEM EXPERIENCIAL E A OBSERVAÇÃO INCORPORADA E SUAS APLICAÇÕES NA APO**. In: XII Encontro de Tecnologia do Ambiente Construído, Fortaleza, 2008. Anais. Fortaleza, p. 1-8.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso; AZEVEDO, Giselle Arteiro; BRASILEIRO, Alice; ALCANTARA, Denise; QUEIROZ, Mônica. **Observando a qualidade do lugar / Procedimentos para a avaliação de pós-ocupação**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Pós-Graduação em Arquitetura, 2009. 117p. Coleção PROARQ

SOUZA, Márcio. **O PROGRAMA MEC/BID III E O CEDATE NA CONSOLIDAÇÃO DOS CAMPI UNIVERSITÁRIOS NO BRASIL**. 2013. 131 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2013.

SIMÕES, João Roberto Leme. **Arquitetura na Cidade Universitária Armando Salles Oliveira. O Espaço Construído**. 1984. Dissertação (Mestrado) - São Paulo, 1984.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 3.ed. São Paulo: Polis, 1982. 270p.

TIMMERMANS, Justine. **Faculteit Bouwkunde 1971-2008 Ontwerp: Architectengemeenschap Van den Broek en Bakema**. 2010. 321 f. Dissertação (Mestrado) – Universiteit Utrecht, Utrecht. 2010.

TU DELFT. **BKCity Plattegrond**. Disponível em: <<https://www.tudelft.nl/en/architecture-and-the-built-environment/about-the-faculty/the-building/floor-plan/>>. Acesso em 18/04/2017.

UDP Escuela de Arquitectura. **Historia**. Disponível em: <<http://arquitectura.udp.cl/escuela/historia/>>. Acesso em 19/05/2017.

VILLA, Simone Barbosa; SARAMAGO, Rita de Cássia; GARCIA, Luciane Casacanta; REIS, Pedro Augusto; PORTILHO, Gabriela Barros; KRAUSE, Cleandro. **Desenvolvimento de Metodologia de Avaliação Pós-Ocupação em Unidades Habitacionais na Cidade de Uberlândia, Pertencentes à Primeira Fase do MCMV, Enfocando Aspectos Funcionais, Comportamentais e Ambientais**. 158p. Relatório de Pesquisa – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Rio de Janeiro, 2015.

ZUBE, Ervin. **Environmental Evaluation: Perception and Public Policy**. Monterrei: Brooks/Cole, 1980.

APÊNDICE I – Ficha de Registro Geral da Edificação para Passeio
Walkthrough

AVALIAÇÃO DE PÓS-OCUPAÇÃO
PESQUISA | TFG I

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE
JUIZ

JOÃO PAULO APARECIDO BARBOSA PEREIRA

GRAU DE AVALIAÇÃO	MB –	RB –	RR –	MR –	NA – Não se Aplica		
	Muito Bom	Regularmente Bom	Regularmente Ruim	Muito Ruim			
ASPECTOS ESTÉTICOS - COMPOSITOS			MB	RB	RR	MR	NA
Aparência Externa							
Aparência Interna							
Imagem							
Cores							
Texturas							
Formas							
Proporções							
Símbolos							
Princípios Compositivos							
Padronização							
ASPECTOS TÉCNICOS CONSTRUTIVOS			MB	RB	RR	MR	NA
Manutenção / durabilidade							
Materiais							
Racionalidade							
Revestimentos (qualidade)							
Revestimentos (aparência)							
Estratégias de conforto ambiental							
ASPECTOS CONTEXTUAIS AMBIENTAIS			MB	RB	RR	MR	NA
Tráfego							
Acesso							
Localização							
Paisagismo							
Topografia							
Vizinhança							
Qualidade do Ar							
Ventilação							
Acústica							
Sombreamento das aberturas							
Temperatura							
Iluminação							
ASPECTOS PROGRAMÁTICOS FUNCIONAIS			MB	RB	RR	MR	NA
Setor pedagógico							
Setor administrativo							
Setor serviços							
Setor convivência							
Circulações							
Acessos Principais							
Acessibilidade							
Possibilidade de expansão							
Mobiliário / Layout							
Segurança							
Comunicação Visual							
Integração interior e exterior							
Estacionamento							
Vandalismo							

APÊNDICE II – Ficha de Registro por Ambiente para Passeio
Walkthrough

OBSERVADOR:					HORÁRIO:					
CONTATO:					DATA:					
AMBIENTE:					ÁREA:					
SETOR / PAVIMENTO:					PÉ DIREITO:					
ATIVIDADES:										
MOBILIÁRIO:										
USUÁRIOS E QUANTIDADE:										
	PISO			PAREDE			TETO			
MATERIAIS										
REVESTIMENTOS / COR										
TEMPERATURA		Muito quente		Quente		Confortável		Frio		Muito Frio
ILUMINAÇÃO		Muito escuro		Escuro		Confortável		Claro		Muito Claro
QUALIDADE DO AR		Muito ruim		Ruim		Confortável		Boa		Muito Boa
ACÚSTICA		Muito ruído		Ruído		Confortável		Silencioso		Muito silencioso
ANOTAÇÕES:										
<hr/>										
<hr/>										
<hr/>										
<hr/>										
CROQUIS E FOTOGRAFIAS:										

APÊNDICE III – Primeiro Modelo da Ficha “Mais Gosto e Menos Gosto”

APÊNDICE IV – Segundo Modelo da Ficha “Mais Gosto e Menos Gosto”



Arquitetura
e Urbanismo
UFJF

PESQUISA TFG I - FAU

DATA: _____
HORA: _____
PERÍODO: _____
DISCIPLINA: _____

GALPÃO DA ARQUITETURA

MAIS_{GOSTO}

MENOS_{GOSTO}

ED. ENG. ITAMAR FRANCO

MAIS_{GOSTO}

MENOS_{GOSTO}

APÊNDICE V – Modelo do Questionário para a Entrevista Estruturada

Universidade Federal de Juiz de Fora

Pesquisa de TFG I – Aluno João Paulo Ap. Barbosa Pereira

O questionário abaixo é parte de uma pesquisa de conclusão de curso em Arquitetura e Urbanismo onde analisa o espaço físico da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFJF, especialmente do ponto de vista de seus usuários.

NOME DO ENTREVISTADO: _____

ASSINATURA DO ENTREVISTADO: _____

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador responsável o aluno de graduação João Paulo Aparecido Barbosa Pereira do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFJF. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com alunos e professores, visando, por parte do referido aluno a realização do Trabalho Final de Graduação I. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada e transcrita. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. O aluno providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

- 1- *Você está satisfeito com os espaços de convivência da FAU-UFJF para professores e funcionários? Classifique e fale sobre o assunto.*

Pouco satisfeito	-3	-2	-1	+1	+2	+3	Muito satisfeito
------------------	----	----	----	----	----	----	------------------

- 2- *Você está satisfeito com o dimensionamento dos espaços dos gabinetes dos professores? Classifique e fale sobre o assunto.*

Pouco satisfeito	-3	-2	-1	+1	+2	+3	Muito satisfeito
------------------	----	----	----	----	----	----	------------------

- 3- *Você está satisfeito com os espaços dos laboratórios da FAU-UFJF? Classifique e fale sobre o assunto.*

Pouco satisfeito	-3	-2	-1	+1	+2	+3	Muito satisfeito
------------------	----	----	----	----	----	----	------------------

- 4- *Você está satisfeito com os espaços destinados atualmente aos núcleos de pesquisa para a demanda da Faculdade? Classifique e fale sobre o assunto.*

Pouco satisfeito	-3	-2	-1	+1	+2	+3	Muito satisfeito
------------------	----	----	----	----	----	----	------------------

- 5- *Você está satisfeito com os espaços das salas de aula do Galpão da Arquitetura e do Ed. Itamar Franco para a aplicação de aulas teóricas e práticas? Classifique e fale sobre o assunto.*

Pouco satisfeito	-3	-2	-1	+1	+2	+3	Muito satisfeito
------------------	----	----	----	----	----	----	------------------

- 6- *Você está satisfeito com os espaços administrativos para apoio à demanda da FAU-UFJF? Classifique e fale sobre o assunto.*

Pouco satisfeito	-3	-2	-1	+1	+2	+3	Muito satisfeito
------------------	----	----	----	----	----	----	------------------

- 7- *Você tem alguma restrição quanto à mudança das atividades da FAU-UFJF para outro espaço, e a consequente saída do Galpão da Arquitetura? Se sim, fale sobre o assunto.*

- 8- *Considerando suas experiências em outras faculdades de Arquitetura e Urbanismo, seja no Brasil ou no exterior, qual a contribuição você acha importante para um novo projeto para a FAU-UFJF?*